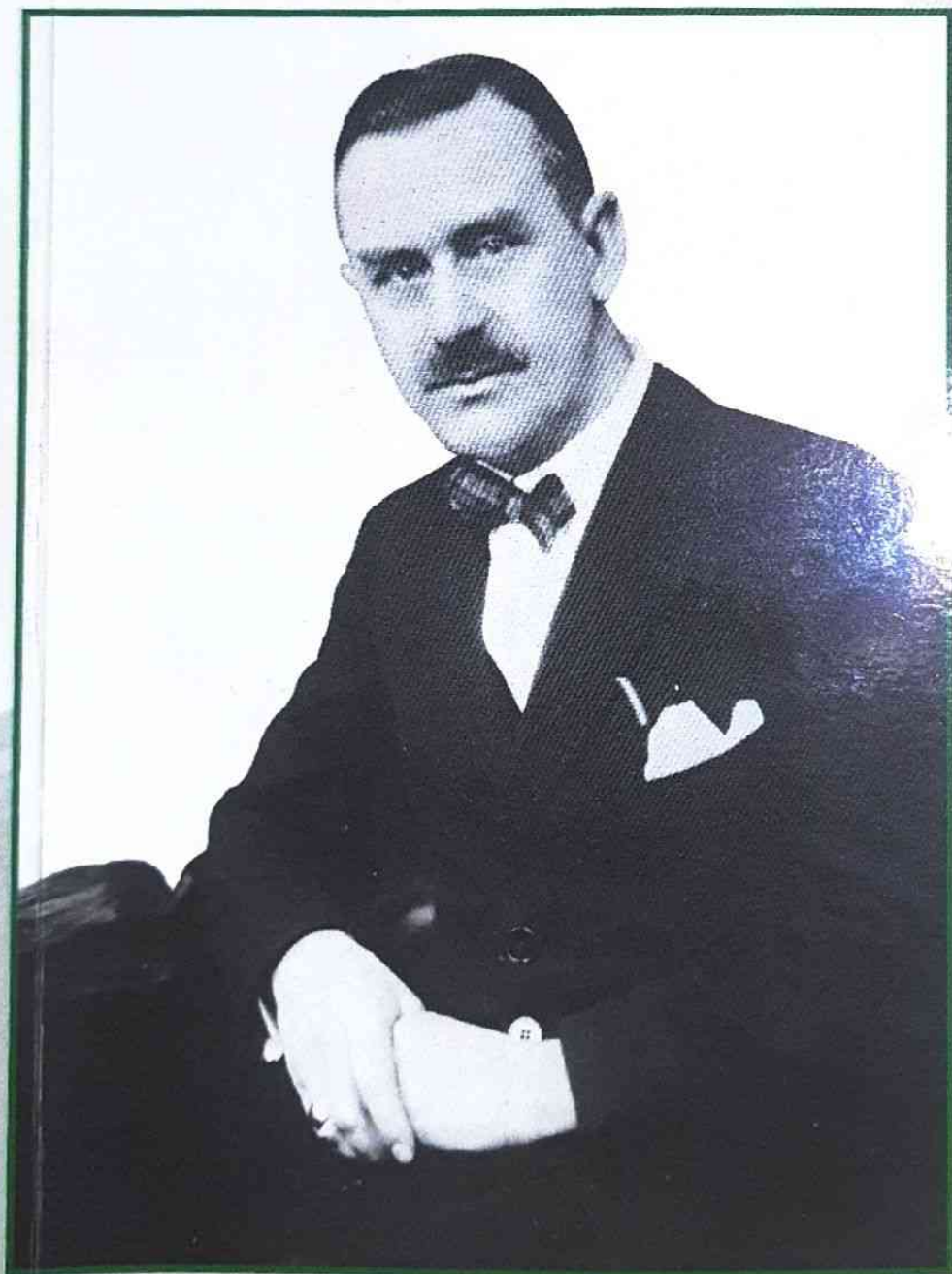


A gênese do Doutor Fausto

Romance sobre um romance



Thomas Mann

Mandarim

Um ano e meio após concluir o *Doutor Fausto*, Thomas Mann decidiu reconstituir o processo de elaboração de sua grande obra da velhice. Planejado como mero “fragmento biográfico”, *A gênese do Doutor Fausto* foi composto com base em seu diário íntimo e tornou-se o *romance sobre um romance* — mais que uma exegese literária, um relato pessoal ancorado na vida cotidiana dos tumultuados anos 40.

Motivos não lhe faltavam para desejar esmiuçar a história do livro: no *Doutor Fausto*, Thomas Mann experimentara técnicas narrativas novas, mesclando planos temporais, ficção e realidade, fazendo empréstimos ao destino de Nietzsche, à teoria musical de Schönberg, aos dramas de Shakespeare. Na *Gênese*, são reveladas a participação crucial do filósofo Adorno na construção do romance e a grande carga autobiográfica que Mann ali depositou, dos suicídios das irmãs ao deslumbramento pelo neto Frido.

Mas este livro é mais do que só a decifração do *Doutor Fausto*. Ao retratar suas pesquisas e leituras para o trabalho, o septuagenário discorre com entusiasmo e mestria sobre quatro séculos de cultura, comentando obras e colegas, como Stendhal e Hauptmann, os contos de Stifter e os romances de Conrad, discutindo Beethoven e Goethe com o mesmo afã com que se mede com Joyce, Hesse, Proust.

A gênese do Doutor Fausto oferece um amplo panorama histórico do final da Segunda Guerra e do despontar da guerra fria. No papel de grande escritor banido pelos nazistas, Thomas Mann circulou nos meios

diplomáticos de Washington e nas rodas glamourosas de Hollywood em conflito ideológico constante com seus conterrâneos exilados. Assim são revivificados, no calor da hora e sob a pena afiada, não só Roosevelt e Litwinow, mas ainda Chaplin e Arthur Rubinstein, Brecht e Alfred Döblin.

O subtítulo *romance sobre um romance* traz um grão da ironia que o autor tanto preza em seus próprios escritos e remete à fluidez das fronteiras entre os gêneros literários. Ao editar e comentar seu diário, o ancião faz de si personagem e de sua vida, uma história interessante. Seja num leito de hospital após uma cirurgia pulmonar ou numa varanda de hotel flertando com uma adolescente, o contorno que Mann dá à sua personalidade é às vezes assustador pelo egocentrismo, quase sempre fascinante pela formação cultural e no todo comovente pelos paradoxos e limites de sua humanidade.

RICARDO F. HENRIQUE

Thomas Mann nasceu em Lübeck, Alemanha, em 1875. Recebeu o Nobel de Literatura em 1929. Em 1933 deixou o país e então morou na Suíça e nos Estados Unidos, onde em 1938 assumiu uma cátedra na Universidade de Princeton. Faleceu em Zurique em 1955.

Do autor, a Editora Mandarim publicou *O eleito*, em 2000; neste mês lança também *Duas novelas: A lei e A enganada*, e em breve publicará *Seis primeiras histórias* (no prelo).

*A gênese do
Doutor Fausto*

Thomas Mann

A gênese do Doutor Fausto

Tradução
Ricardo F. Henrique

São Paulo
Editora Mandarin

2001

Título original: *Die Entstehung des Doktor Faustus*

©1949 by Bermann-Fischer/Querido

Verlag, Amsterdam

Todos os direitos reservados.

S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main

Coordenação: Carla Fortino

Diagramação: Luciana Cáceres

Capa: Herbert Junior,

a partir de imagem de Corbis/StockPhotos

Revisão: Marcio Coelho

Impressão e acabamento: São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875–1955

A gênese do Doutor Fausto / Thomas Mann ; tradução
Ricardo Ferreira Henrique. — São Paulo : Mandarin,
2001.

ISBN 85-354-0087-7

1. Mann, Thomas, 1875–1955 – Doutor Fausto I.
Título.

01-0883

CDD-833.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã : História e crítica 833.909

2001

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para o Brasil

cedidos à Siciliano S.A.

Editora Mandarin

Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305

CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil

e-mail: mandarin@siciliano.com.br

A publicação de uma obra que tanto corrobora a genialidade de Thomas Mann não seria a mesma não fosse a diligente tradução de Ricardo F. Henrique. Após meticulosa e esmerada pesquisa, Henrique enalteceu e complementou o texto impecável de Thomas Mann ao explicar muitos dos fatos políticos, históricos e pessoais comentados ao longo do livro, verter para o português termos que o autor alemão deixara em inglês e em outros idiomas na edição original, incluir a data da primeira publicação de significativos livros mencionados e adicionar o Índice Onomástico que encerra a obra, elementos imprescindíveis à compreensão de uma época decisiva para a História universal conforme a perspectiva do grande romancista.

O EDITOR

Toda obra poética, no momento de seu aparecimento, deve sustentar-se em si própria e atuar por si mesma, e por isso nunca apreciei, em obra alguma, nem prefácios ou posfácios, nem explicações à crítica; porém, ao serem relegados ao passado, muitos desses trabalhos perdem tanto mais de seu efeito, quanto maior tenha sido sua atuação momentânea; quanto maior a contribuição para propagar a cultura pátria, menos acabam por ser estimados, assim como belas filhas rapidamente eclipsam a beleza da mãe. Por essa razão, é de direito atribuir-lhes um valor histórico conversando sobre a sua gênese com conhecedores benevolentes.

GOETHE, *Poesia e verdade*

I

Anotações no meu diário de 1945 revelam-me que no dia 22 de dezembro daquele ano recebi a visita do correspondente da *Time Magazine* em Los Angeles (do centro da cidade até nossa casa é uma hora de automóvel), que vinha tomar satisfação de uma profecia feita por mim quinze anos antes e que parecia não querer se cumprir. Naquela época, tinha escrito um breve relato biográfico, *Lebensabriss* (1930, *Sumário da vida*), também traduzido para o inglês, em cuja conclusão, em parte brincando com algumas simetrias e correlações numéricas em minha vida, fiz a conjectura, bastante contundente, de que entregaria a alma a Deus no ano de 1945, aos setenta anos, portanto na mesma idade em que minha mãe. Segundo o jornalista, o ano em questão havia quase chegado ao fim sem que eu tivesse mantido a palavra, e ele queria saber como eu justificaria para a opinião pública o fato de ainda estar vivo.

Minha réplica não foi exatamente do agrado de minha esposa, pois já havia algum tempo minha saúde vinha preocupando seu ze-

loso coração. Ela tentou me interromper, protestar, rejeitar as explicações que o entrevistador ia arrancando de mim, e das quais até então eu a tinha poupado. É mesmo uma coisa curiosa, eu disse ao rapaz, isso de profecias; às vezes elas não se cumprem de forma literal, mas de um modo alusivo, obscuro, duvidoso, inequivocamente acabam por se realizar. Há sucedâneos. É certo que meu amor à ordem não fora suficiente para ocasionar minha morte. Mas, como o próprio visitante podia constatar, foi de fato no ano previsto que minha vida — em termos biológicos — declinou a um ponto até então por ela desconhecido. Embora ainda tivesse a esperança de recuperar as forças vitais após tal abatimento, meu estado era bom o bastante para garantir-me clareza na mente, e eu lhe seria muito grato se ele e sua estimada revista também se dessem por satisfeitos.

Três meses depois de proferir tais palavras, chegou o momento em que atingi o nadir do declínio biológico: uma doença que alcançou seu ponto crítico exigindo uma intervenção cirúrgica, interrompendo durante meses todos os meus hábitos e submetendo minha natureza a uma provação das mais inesperadas. Menciono esse fato porque nele parece residir uma notável divergência entre a força vital biológica e a espiritual. Os tempos de bem-estar físico e de saúde inabalável, tempos de firmeza no passo e serenidade física, não são necessariamente abençoados pela produtividade. Os melhores capítulos de *Carlota em Weimar* escrevi sob a tortura de uma inflamação do nervo ciático que se prolongou por mais de meio ano, presa de dores horrorosas, indescritíveis a quem nunca as conheceu, com o corpo doente buscando noite e dia uma posição para escapar do suplício. Em vão. Após tais noites — que Deus me poupe de as reviver — o momento do café da manhã trazia um certo alívio ao nervo em pleno ardor inflamatório, e, sentado à escrivaninha em alguma

posição bizarra, todo torto, eu enfim experimentava a *unio mystica* com Ele, o “astro da mais bela altura”. E, apesar de todo esse tormento, a ciática não chega a ser das moléstias mais sérias, ou das que mais fundo possam nos atormentar vida afora. Em contrapartida, o período do qual estou falando, para o qual previra a minha morte, foi uma fase de verdadeiro declínio, lento e progressivo, de minhas forças vitais, uma inconfundível ‘debilitação’ biológica. E precisamente nessa fase originou-se uma obra que, desde seu aparecimento, preserva uma irradiação muito peculiar.

Seria determinismo querer encontrar no enfraquecimento físico causa e condição de um trabalho que congregou o material de minha vida inteira, em parte sem querer, em parte num esforço consciente de sintetizá-la e unificá-la, e que portanto não poderia deixar de conservar grande carga vital. Fácil seria inverter a causalidade e ver na doença um débito dessa obra que me consumiu mais que qualquer outra, vindicando minhas forças mais profundas. Assim interpretaram a sucessão dos fatos alguns benevolentes observadores de minha biografia, que, ao me ver em estado tão deplorável, não hesitavam em concluir: “É o livro”. E não cheguei a concordar com eles? É nobre a sentença que reza: “quem perde a sua vida vai achá-la”,* sentença que não tem menos direito de domicílio na esfera da arte e da poesia do que no âmbito da religião. A carência de força vital jamais causou o sacrifício de uma vida, e não foi por esse gênero de privação que alguém — coisa estranha... — escreveu aos setenta anos seu livro mais ‘louco’. Prova disso foi a ligeireza com a qual, para alívio

* Alusão a Mateus 10, 39: “Aquele que acha sua vida vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim vai achá-la”. Trecho extraído da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1993 (N. do T.).

dos médicos e sulcado por uma cicatriz do peito às costas, recuperei-me da cirurgia para levá-lo a cabo...

Mas é a partir de meus breves apontamentos diários daquela época que vou procurar reconstruir a história do *Fausto*, inserida que foi no tumulto e na emergência dos acontecimentos externos, para mim e para meus amigos.

II

Em novembro de 1942, enquanto as batalhas por Stalingrado* envolviam a cidade em fogo e fumaça, após algumas semanas de reflexão decidi adiar a conclusão de *José, o provedor*** e ir para a Costa Leste do país. Essa viagem, em que fui acompanhado pelo manuscrito da palestra sobre a tetralogia quase concluída, levou-me a Chicago, Washington e Nova York, e foi rica em encontros, cerimônias e produtividade. Entre outras coisas, proporcionou-me o reencontro com Princeton e os amigos do período em que lá vivi: Frank Aydelott, Einstein, Christian Gauss, Helen Lowe-Porter, Hans Rastede da Lawrenceville School e seu círculo, Erich von Kahler, Hermann Broch e outros. Os dias em Chicago estiveram sob a égide da guerra na África, com notícias excitantes sobre a passagem das tropas alemãs pela

* Cerco de Stalingrado, agosto de 1942 a fevereiro de 1943, primeira derrota significativa dos alemães na Segunda Guerra Mundial e começo do declínio do expansionismo hitlerista (N. do T.).

** Último volume da tetralogia escrita entre 1926 e 1943 que compreende os romances: *As histórias de Jacó* (1933), *O jovem José* (1934), *José no Egito* (1936) e *José, o provedor* (1943) (N. do T.).

parte não ocupada da França, o protesto de Pétain, o embarque das tropas de Hitler para Túnis, a ocupação italiana na Córsega, a retomada de Tobruk.* Nos jornais, lia-se em abundância sobre as febris medidas defensivas dos alemães em toda parte onde havia possibilidade de invasão, sobre os sinais de que a frota francesa passaria para o lado dos Aliados. Ver Washington em estado de guerra foi, para mim, uma novidade impressionante. Outra vez hospedado em Crescent Place, no palacete de Eugene Meyer e sua bela esposa, observei com admiração a área pesadamente militarizada em torno do memorial de Lincoln, os gabinetes, as barracas e pontes, os trens passando ininterruptamente carregados de material bélico. O calor era sufocante, um *Indian summer* tardio. Em um jantar na casa de meus anfitriões, ao qual compareceram os embaixadores brasileiro** e tcheco e suas respectivas esposas, a discussão girou em torno da cooperação americana com Darlan*** e o problema da *expediency*. As opiniões estavam divididas, e não calei minha repulsa. Após a refeição, ouvimos no rádio o discurso de Willkie, que acabara de retornar de seu *One-World-Tour*.**** A notícia da importante vitória naval nas ilhas Salomão***** elevou os ânimos.

* Base militar inglesa no Egito ocupada pelos alemães em 1940 e recuperada em fevereiro de 1941 (N. do T.).

** O embaixador brasileiro era Carlos de Martins Pereira e Souza, empossado em 1939 (N. do T.).

*** Em novembro de 1942, o almirante francês François Darlan (1881-1942) desligou-se do governo colaboracionista de Vichy e sinalizou querer colaborar com os Aliados. Foi assassinado no mês seguinte por um partidário de Charles de Gaulle (1890-1970) (N. do T.).

**** Em inglês: *Indian summer* = veranico; *expediency* = conveniência; *One-World-Tour* = a viagem de Willkie para vários países que inspirou o livro *One world* (*Um mundo*) (N. do T.).

***** Ponto estratégico no oceano Pacífico ocupado pelos japoneses e retomado pelos ingleses em 1942. Atual Papua Nova-Guiné (N. do T.).

Para minha alegria, o discurso na Library of Congress propiciou o reencontro com Archibald MacLeish, na época ainda bibliotecário do Estado, e sua esposa, e foi uma honra especial ter sido apresentado ao público pelo vice-presidente Wallace, por sua vez introduzido por MacLeish. A palestra em si, colorida pelos acontecimentos do momento, foi transmitida por alto-falantes para uma segunda sala igualmente lotada e acolhida com mais do que mera cordialidade por um público já cativado pelo preâmbulo favorável. Repleta de personalidades eminentes, uma recepção na casa dos Meyer encerrou a noite, em que conversei sobretudo com os homens de minha maior familiaridade, os dignitários do governo Roosevelt, Wallace e Francis Biddle, o secretário da Justiça, cuja amável esposa fez comentários muito delicados sobre meu discurso. Biddle, com quem eu mantivera uma correspondência a respeito das restrições impostas aos *enemy aliens*,* em especial aos imigrantes alemães, comunicou-me seu intento de revogá-las em breve. Por ele fiquei sabendo que Roosevelt, cujas relações com o governo de Vichy não só a mim causavam dúvidas e desconforto, ao menos tinha exigido a libertação de judeus e antifascistas presos no norte da África.

Fui muito grato à nossa anfitriã Agnes Meyer, minha benfeitora há tantos anos e muito ativa nos círculos literários, políticos e sociais, por ter organizado um encontro com o embaixador suíço dr. Bruggmann e sua esposa, uma irmã de Henry Wallace. Foi séria e agradável a conversa com esse homem inteligente e caloroso, representante do país que durante cinco anos nos concedeu abrigo. O tema, é claro, foi o destino sombrio da Alemanha, sua falta de saída desde que parecia descartada qualquer possibilidade de uma capitulação. Para nosso interlocutor, a invasão russa já era uma certeza.

* Durante a Segunda Guerra Mundial, *enemy aliens* eram os cidadãos dos países do Eixo vivendo nos Estados Unidos (N. do T.).

De importância ainda maior foi o encontro pessoal com Maxim Litwinow, que, a convite de nossos anfitriões, veio almoçar conosco em companhia de sua charmosa esposa inglesa. Na mesa, a conversação foi dominada por essa senhora muito sociável, bastante lúcida e extremamente veloz no palavreado. Mas depois tive a oportunidade de manifestar ao embaixador minha admiração pela diligência de sua atuação política antes da guerra, por seus discursos na Liga das Nações insistindo na defesa de um conceito de paz indivisível no mundo. Litwinow sempre foi o único a dar nome aos bois e voz à verdade, lamentavelmente em vão. Seu agradecimento veio laivado de melancolia. Pareceu-me ranzinza e amargo, e não só devido às terríveis provações, aos sacrifícios e sofrimentos que a guerra impunha ao seu país. Tive a impressão de que seu papel de mediador entre Oriente e Ocidente estava cada vez mais difícil e de que sua permanência no cargo de embaixador em Washington não seria longa.

Nas poucas horas livres de compromissos sociais, eu procurava adiantar o capítulo em andamento de *José, o provedor* — um dos últimos, o da bênção dos filhos. Causa-me hoje muita surpresa, e um prazer misterioso, perceber que as leituras das quais me ocupei naquela viagem — em trens, à noite, nos intervalos de descanso — não tinham vínculos nem com meu trabalho no momento, nem com planos iminentes, contrariando minha habitual higiene na seleção de leituras. Eram as memórias de Igor Stravinski, que li “com o lápis”, ou seja, sublinhando para um estudo posterior, e dois livros que já conhecia há muito tempo, *Nietzsches Zusammenbruch* (*O colapso de Nietzsche*), de Podach, e as lembranças da Lou Andreas-Salomé sobre Nietzsche, também fazendo marcações a lápis. “Um misticismo fatal, ilícito, em parte causando piedade. O ‘desditoso!’” Escrita a lápis, a frase no diário reflete as leituras. Música, portanto, e Nietzsche. Naquela época, não saberia explicar o motivo de tais pensamentos e interesses.

Um dia, fui procurado em nosso hotel em Nova York pelo agente literário Armin Robinson, que me apresentou, de modo realmente tentador, o plano de um livro não só em inglês, mas a ser publicado ao mesmo tempo em quatro ou cinco outros idiomas, cujo título seria *The ten commandments* (*Os dez mandamentos*).^{*} Era uma idéia moral e polêmica. Dez escritores de renome internacional escreveriam contos dramáticos sobre a infração criminosa das leis da moral, cada um tratando de um dos mandamentos; a mim caberia a redação de um curto ensaio introdutório ao volume, por um honorário de mil dólares. Propostas de trabalho assim, vindas de fora, costumam ser mais sedutoras durante viagens do que quando estamos em casa. Aceitei, e dois dias depois, no gabinete de um advogado onde encontrei Sigrid Undset, igualmente pronta a também contribuir, assinei quase às cegas um contrato repleto de farpas e estrepes, no qual selei para todo o sempre os direitos do empresário sobre um trabalho que ainda nem existia, que eu ainda mal podia imaginar e do qual eu me ocuparia com muito mais seriedade do que o contexto demandava. Se às vezes pode ser ato de leviandade assinar um contrato às escuras, ainda menos recomendável é cumpri-lo tão à risca.

O chocante naufrágio da frota francesa diante de Toulon,^{**} executado pelo próprio comandante e sua tripulação, ocorreu nesses dias animados por visitas a concertos e teatros, convites e encontros com amigos, nos quais houve também diversos trabalhos ocasionais a improvisar. No diário — um caderno ainda oriundo da Suíça

^{*} Antologia publicada em 1943 sob o título *Ten short novels of Hitler's war against the moral code* (*Dez contos sobre a guerra de Hitler contra o código moral*) (N. do T.).

^{**} Após o desembarque dos Aliados no Marrocos e na Argélia em novembro de 1942, os alemães ampliaram a ocupação da França. Temendo ser forçada a entregar sua frota aos nazistas, a Marinha francesa preferiu afundá-la na véspera da entrada dos alemães em Toulon, em 27 de novembro de 1943 (N. do T.).

e cujas páginas em geral eram preenchidas por anotações bem tranquilas — nessa época figuram muitos nomes: os Walter e os Werfel, Max Reinhardt, o ator Karlweis, Martin Gumpert, o editor Landshoff, Fritz von Unruh e esposa, a velha e querida Annette Kolb, Erich von Kahler, Molly Shenstone, nossa amiga britânica de Princeton, colegas americanos da geração jovem, como Glenway Westcott, Charles Neider, Christopher Lazare, nossos filhos. Passamos o *Thanksgiving Day** com hóspedes sul-americanos na casa de campo de Alfred Knopf, em Whiteplane. No círculo dos falantes de alemão, fizemos leituras dos trabalhos em andamento: Kahler nos pôs a par de sua impressionante história espiritual da humanidade, a ser publicada sob o título *Man the mesure* (*O homem, a medida*), e mais uma vez me fiz ouvir com os trechos de efeito de *José, o provedor* — o capítulo da anunciação e as cenas do cálice e do reconhecimento —, recebendo os aplausos encorajadores que são a recompensa e o propósito dessas leituras de partes razoavelmente ‘consistentes’ de uma obra. Aquilo que forjamos com muito zelo em longas manhãs é entornado sobre os ouvintes em uma hora de leitura célere; e assim a ilusão do improvisado, do jorro pronto, contribui para elevar a admiração causada, de forma que nós mesmos nos regozijamos com a ilusão de que tudo vai bem.

III

Depois de passar por San Francisco, onde visitamos nosso caçula músico e sua graciosa esposa suíça, e mais uma vez fui cativado pelos encantadores olhos azul-celeste do pequeno Frido, meu neto

* Dia de Ação de Graças (N. do T.).

predileto, voltamos para casa em meados de dezembro e logo retomei o trabalho no capítulo da bênção; depois dele, só faltava descrever a morte e o enterro de Jacó e a grandiosa travessia do Egito para Canaã. Mil novecentos e quarenta e três ainda era um ano novo quando escrevi as últimas linhas do quarto romance de *José*, assim concluindo a tetralogia. Para mim, esse 4 de janeiro foi um dia memorável, embora não especialmente eufórico. A grande obra narrativa que me acompanhou por todos esses anos de exílio, garantindo uma unidade em minha vida, estava realizada, consumada, e eu, sem um fardo nas costas — um alívio duvidoso para quem, há muitas décadas, desde os tempos de *Os Buddenbrooks*, vivia sob um fardo sem o qual talvez não soubesse viver.

Naquela noite, estavam de visita Antonio Borgese e sua esposa, nossa filha Elizabeth, e li os dois capítulos finais para o círculo familiar. Foi um grande consolo, e celebramos com champanhe. Informado do acontecimento do dia, Bruno Frank telefonou, cumprimentando-me com a voz embargada por emoção e amizade. Por que motivo nos dias seguintes estive “sofrendo, pesaroso, atormentado por ansiedade e fadiga”, só sabe Deus, em cujo saber, até sobre ele mesmo, tanto precisamos nos fiar. Talvez tenham contribuído para esse meu estado de espírito o contínuo vento quente das montanhas e notícias como a insistência dos nazistas, com crueldade bestial e malgrado a intervenção da Suécia, em deportar para a Polônia, aos oitenta e três anos de idade, a viúva de Max Liebermann. Ela escolheu veneno... Em contrapartida, tropas russas avançavam contra Rostow, e estava quase completa a expulsão dos alemães do Cáucaso; num discurso decidido e confiante perante o novo Congresso, Roosevelt anunciou a invasão da Europa.

Comecei a intitular os capítulos do quarto volume, dividindo-o em sete partes ou livros, e nesse entremeio li coisas como o ensaio de

Goethe “Israel in der Wüste” (1932, “Israel no deserto”), o *Moisés*, de Freud, o *Wüste und Gelobtes Land* (1819, *Deserto e terra prometida*), de Auerbach, passagens do Pentateuco. Já havia algum tempo eu vinha me perguntando por que minha contribuição àquele livro das celebridades deveria reduzir-se a um ensaio introdutório, por que não algo como um “prelúdio ao órgão”, conforme formulou Werfel mais tarde: um conto sobre o *decreto* dos mandamentos, uma novela sobre o Sinai, que muito me agradaria como ressonância da epopéia de *José*, um tema que eu ainda trazia fresco na memória; anotações e preparativos demandaram apenas alguns dias. Precisei de uma manhã para aprontar a emissão radiofônica* pendente sobre os dez anos de domínio nazista, e na seguinte, comecei a escrever a história de Moisés. Já estava no capítulo XI quando, no dia 11 de fevereiro, aniversariou pela décima vez o dia — era nosso aniversário de casamento — em que deixamos Munique com leve bagagem e sem supor que não retornaríamos. Em menos de dois meses, num prazo curto para meu modo de trabalho e quase sem fazer emendas, escrevi a história inteira; ao contrário de *José*, elaborado com meticulosidade quase científica, essa novela já veio a toque de caixa. Durante o trabalho, ou mesmo antes, eu a intitulara “A lei”, aludindo não só ao Decálogo enquanto a lei dos costumes por excelência, mas à própria civilização humana. Tratei o tema lendário com seriedade, por mais jocoso o tom que lhe tenha imprimido e a despeito de toda a ironia voltairiana com a qual o matizei, também muito em contraste a *José*. Sob a provável influência inconsciente do Moisés de Heine, dei ao meu herói não os traços do

* Os “panfletos orais” de Thomas Mann foram publicados em 1945 sob o título “Deutsche Hörer! 55 Radiosendungen nach Deutschland” (“Ouvintes alemães! 55 emissões radiofônicas para a Alemanha”) (N. do T.).

Moisés de Michelangelo, mas do próprio Michelangelo, a fim de o caracterizar como um artista contumaz e obstinado, lavrando, sob o peso de fracassos desencorajadores, uma matéria-prima humana bruta. A imprecação final contra os males que hoje estão aí, cheios do poder de violar as tábuas da moral, veio do fundo do meu coração — e não deixa dúvidas, ao menos no fim da história, sobre a seriedade combativa desse improviso, em seu todo marcado pela leveza.

Na manhã seguinte a mais essa conclusão, primeiro empacotei e guardei todo o material mitológico-oriental referente ao *José*, imagens, excertos, esboços. Os livros que li para o trabalho, formando uma pequena biblioteca, permaneceram em suas prateleiras. A mesa e as gavetas ficaram vazias. E um dia depois, a 15 de março para ser exato, aparece pela primeira vez nos meus relatórios noturnos no diário, quase sem contexto, o selo “Doutor Fausto”. “Exame de velhos papéis para o ‘Doutor Fausto’.” Que papéis? Eu mal o saberia dizer. Mas a anotação do dia seguinte menciona cartas ao professor Arlt, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e a MacLeish, em Washington, pedindo o empréstimo de uma antologia popular sobre o Fausto e as cartas de Hugo Wolf. Tal combinação deixa entrever um certo delineamento de uma idéia antiga e muito nebulosa que eu vinha perseguindo: pelo visto, tratava-se de uma *eclosão*, diabólica e destruidora, numa vida de artista ainda indefinida, mas aparentemente complexa, por meio de um processo de intoxicação. Dia 27: “De manhã vasculhando velhos cadernos de notas”. Alguns dias depois: “Localizei o plano-em-três-linhas do *Doutor Fausto*, de 1901. Contato com o tempo do *Tonio Kröger*, os dias de Munique, os planos dos romances nunca realizados, *Os amantes* e *Maia*. ‘Afloram velhos amores e amizades.’ Constrangimento e emoção ao reencontrar esses sofrimentos juvenis...”

Quarenta e dois anos haviam se passado desde que eu fizera anotações para um possível projeto de trabalho sobre um pacto entre

um artista e o diabo, e buscá-las e revê-las provocou em mim uma comoção, para não dizer um abalo emocional, que me evidencia, já no começo, uma aura de sensação de vida inteira em torno desse núcleo temático vago e escasso, uma atitude biográfica etérea, cujo alcance, mais profundo do que minha própria visão, predestinou a novela a se tornar romance. Foi esse movimento interno que, na época, transformou em solilóquios o laconismo de minhas anotações no diário. “Só agora percebo o significado de viver sem trabalhar no *José*, uma tarefa que ao longo de toda uma década esteve sempre ao meu lado, à minha frente. Agora que já escrevi o epílogo de ‘A lei’, percebo a fragilidade da nova situação. Foi cômodo continuar a mexer no material conhecido. Terei forças para novas idéias? O tema já não estará esgotado? E, se não estiver, haverá vontade para tanto? — Tempo escuro, chuvoso, frio. Esboços e notas para o livro, com dores de cabeça. Em Los Angeles para um concerto, no camarote de Steinberg e suas damas. Horowitz executou o *Concerto para piano em si bemol maior* de Brahms; a orquestra, a abertura do *Don Juan* e a *Pathétique* de Tchaikovski. ‘Para o contentamento de todos’, dir-se-ia antigamente. Mas é o melhor de sua melancolia, onde ele mais longe chegou, e há sempre beleza e emoção em ver um talento específico, devido a sabe-se lá que encadeamentos de circunstâncias, atingir o ápice de sua capacidade. Lembrei-me de como Stravinski, anos atrás em Zurique, confessou-me sua admiração por Tchaikovski (respondendo a uma pergunta minha). — Visita ao maestro no camarim... Li com prazer algumas histórias da *Gesta Romanorum*,* depois passagens de

* Antologia anônima de lendas, fábulas e anedotas da história romana e medieval, provavelmente originária da Inglaterra, fim do século XIII/início do XIV (N. do T.).

Nietzsche und die Frauen (*Nietzsche e as mulheres*), de Brann, e da obra-prima de Stevenson *O médico e o monstro*, o pensamento orientado para o tema do Fausto, que ainda está longe de tomar forma. Embora saiba que devo aproximar o patológico do fabuloso, associá-lo ao lendário, a idéia me inquieta, as dificuldades me parecem intransponíveis, a tudo permeia a suposição de que esse empreendimento me assusta porque sempre o considere como o *meu último*.”

Leio isso e sei que estava correto. Correto no que diz respeito à idade daquela idéia tão pouco definida, às raízes profundas que, a partir dela, se entranharam em minha vida, e correto ainda em tê-la colocado, já desde aquele tempo, ao cabo de um plano de vida que sempre foi um plano de trabalho. Em segredo, sempre chamei essa obra, a ser eventualmente realizada em dias tardios, de o meu “Parsifal”. Por mais estranho que possa parecer já na juventude programar uma obra da velhice — assim foi, decerto devido à minha preferência específica, formulada em alguns ensaios críticos, por obras de velhice: o próprio *Parsifal*, o segundo *Fausto*, o último Ibsen, a prosa tardia de Stifter e Fontane.

Naquele momento, minha dúvida era se tinha chegado a hora desta tarefa planejada há tanto tempo, embora com tão pouca definição. Não podia deixar de identificar em mim um instinto contrário, reforçado pela suspeita de que esse ‘tema’ tinha algo de sinistro e que me levaria a suar muito, muito sangue para lhe dar uma forma; eu tinha uma vaga noção das exigências dessa tarefa, de sua envergadura especificamente radical. Esse instinto poderia ter sido formulado assim: “É melhor fazer outra coisa antes!” A outra coisa realmente capaz de retardar o projeto era a retomada e a execução de *As confissões do impostor Felix Krull*, o fragmento de romance abandonado antes da Primeira Guerra Mundial.

“K.” (minha esposa) “fala da continuação do *Krull*, exigida de vez em quando pelos amigos. A idéia não me desagradava de todo, mas depois do *José*, eu considero esse plano — oriundo dos tempos dominados pelo problema artista-burguesia — envelhecido e superado. Mesmo assim, ontem à noite, lendo e ouvindo música, fiquei estranhamente tocado pela idéia de retomar esse trabalho, sobretudo sob a perspectiva da unidade de minha vida: haveria, de fato, um certo charme em reatar no ponto onde parei trinta e dois anos atrás, antes da *Morte em Veneza*, em cujo favor interrompi o *Krull*. Desde aquela época, todas as minhas obras, incluindo as menores, revelaram-se uma ramificação do projeto de alguém aos trinta e seis anos reivindicando a idade madura — há vantagem em continuar a construir sobre um velho fundamento”.

Tudo isso quer dizer: “Melhor outra coisa antes!” E mesmo assim eu sentia uma comichão, a comichão da ânsia por novidade e desafio. Nos dias seguintes, houve muito motivo para dispersão, trabalhos ocasionais a despachar, uma emissão radiofônica para a Alemanha, uma carta aberta a Alexis Tolstói como contribuição a um intercâmbio russo-americano. Um grande abalo foi a morte repentina de Heinrich Zimmer, o brilhante indólogo casado com Christiane Hofmannsthal, em cuja grande obra sobre a mitologia hindu colhi o material para *As cabeças trocadas*. De Nova York, o movimento liderado por Sforza, Maritain e os outros contra o clube capitalista de Coudenhove enviava notícias preocupantes sobre sua Pan-Europa reacionária, exigindo tomada de posição. No centro das atenções estava a guerra no norte da África, onde Montgomery conseguira deter o avanço de Rommel. E então chegaram os livros solicitados e que a Library of Congress colocara à minha disposição, a antologia popular sobre o Fausto e uma coleção de volumes da correspondência completa de Hugo Wolf.

A despeito de todos os rompantes sobre as 'vantagens' da retomada do *Krull*, todas as notas diárias entre o fim de março e o início de abril referem-se a estudos sobre o tema Fausto.

"Trechos da antologia sobre o Fausto. À noite, leitura dela. Segundo bombardeio de Berlim em quarenta e oito horas... Excertos das cartas de Wolf. Pensamentos, sonhos, anotações. À noite, a carta de Wolf para Grohe. Que falta de discernimento, que humor raso, quanto entusiasmo pelos péssimos libretos do outro, tantas asneiras sobre Dostoiévski. Primeiros sinais eufóricos da loucura, que mais tarde, como no caso de Nietzsche, se manifesta em idéias grandiosas que grandeza alguma possuem. Tristes ilusões sobre as óperas. Nem uma palavra sensata... As cartas outra vez. Que forma dar a tudo isso no romance? Dúvida sobre o tipo de narração. Nem mesmo definição de tempo e lugar... Apontamentos sobre o tema Fausto. Depois do jantar, a *Musikgeschichte* (*História da música*), de Paul Bekker, um presente dele em 1927, 'para leitura no trem'. À noite mais um pouco, compenetrado... Pesados bombardeios sistemáticos do continente de Hitler. Avanço dos russos na Criméia. Sinais de uma breve invasão da Europa... Jantar na casa de Bruno e Liesl Frank em Beverly Hills. Ele nos leu seu conto sobre o nazismo, referente ao quarto mandamento, muito pertinente. Confidências sobre o plano Fausto..."

Como assim, eu já podia fazer confidências sobre o assunto aos velhos amigos, com todas as dúvidas sobre forma, trama, tipo de narração, até mesmo sobre tempo e lugar? Com que palavras há de ter sido? De qualquer maneira, foi a primeira vez que abri a boca sobre o tema, com exceção das deliberações com minha mulher, que favorecia o novo em detrimento do antigo. De resto, eu não andava bem. Uma constipação que se tornou faringite e laringite deu-me grande trabalho, e não obstante o clima quente e ameno, eu me encontrava

num “estado de espírito debilitado, inseguro e pessimista quanto ao futuro de minha produtividade. E mesmo assim, há pouco, fiz coisas como *Thamar*, *Verkündigung* (Anunciação) e a segunda metade do *Moisés!*... Leitura de textos sobre Nietzsche. Comovido por uma carta de Rohde sobre ele. À noite, o *Gato Murr* de Hoffmann. Na obra de Bekker sobre o engenho em Haydn, a serenidade no sentido de superação do real, para além da pilhéria e da seriedade”.

Apesar de tudo, certo dia desfiz o pacote do material do *Krull* e examinei os trabalhos preliminares — com uma estranha reação. Foi a “percepção da afinidade interna entre esse tema e o de Fausto (ancorada no *motivo da solidão*: no *Krull* humorístico-criminoso, no *Fausto* trágico-místico); e este segundo, se de fato realizável, me parece hoje mais atual, mais adequado ao momento, mais urgente...” O fiel da balança inclinara-se. *José* não seria seguido por “outra coisa antes”, pelo romance do impostor. Que o céu permitisse a manifestação de um pouco de engenho e humor artísticos, de ironia e sátira e prazer refinado num projeto cujas promessas e exigências se mostraram as mais fortes, ameaçador, radicalmente sério, de algum modo emanando uma sensação de sacrifício. As anotações dos dias seguintes nada indicam além do enterrar-se nesse novo terreno de trabalho, nas lembranças, na busca de instrumentos e material para dar corpo à sombra pairando à minha frente.

“Sobre a estrutura das cidades alemãs na região de Lutero. Textos médicos e teológicos. Sondando, perscrutando, começando a sentir maior segurança no tema. Passeio com K. pela estrada na montanha. Durante o dia, as cartas de Lutero. Comecei o *Ulrich von Hutten*, de D. Strauss. Decidido a estudar livros sobre música. Concluí a leitura de Bekker com extrema atenção. O que ainda falta por completo é equipar o livro com figuras humanas, povoá-lo com personagens locais

marcantes. Na *Montanha mágica*, elas foram fornecidas pelo pessoal do sanatório; no *José*, pela Bíblia, cujas figuras só precisavam ser postas em ação. No *Krull*, o mundo poderia ser fantasmagórico. No *Fausto* também, mas só até certo ponto, porque aqui tudo precisa ser mais real; além disso, sinto falta de pontos de apoio para a perspectiva... De algum modo devo encontrá-los no passado, na memória, em quadros, na intuição. Mas primeiro é preciso criar e definir o ambiente...”

Para me informar sobre a carreira teológica, escrevi ao professor Tillich, do Union Theological Seminary em Nova York. Simultaneamente, fui surpreendido por uma carta de Bermann Fischer apresentando uma proposta dos suecos para escrever *um livro sobre a Alemanha*, seu passado e futuro. “Se fosse possível fazer tudo... Mas, no final das contas, as exigências do tempo — que para se manifestar lança mão de vozes humanas — acabam sendo cumpridas, ainda que de um modo diferente do exigido.” Naqueles dias, pelo menos também chegou uma carta do Office of War Information,* agradecendo “o artigo sobre o futuro da Alemanha, recebido na Suécia com grande aprovação”. Já não faço a menor idéia de que artigo se tratava.

“Trechos da lamentação de Fausto e do escárnio do ‘espírito’ (pensado como sinfonia). Notas, excertos, reflexões, cálculos cronológicos. Cartas de Lutero. Quadros de Dürer. Ernest Newman: *H. Wolf*, em inglês. Idéias sobre a relação entre o assunto e as coisas da Alemanha, a solidão do mundo alemão em geral. Há valores simbólicos nesse jogo. Leitura do *Hexenhammer*.** Pormenores da juventude em Mu-

* Gabinete de Informação sobre a Guerra (N. do T.).

** Literalmente, “o martelo da bruxa”, tradução de *Malleus Maleficarum* (1487), compêndio sobre feitiçaria compilado pelos dominicanos Heinrich Institoris (c. 1430-1505) e Jakob Sprenger (c. 1436-1495) (N. do T.).

nique. O personagem Rudi Schwerdtfeger, violinista na orquestra Zapfenstösser (!)... Revisão dos personagens e seus nomes. *Pascal and the medieval definition of God* (*Pascal e a definição medieval de Deus*), de Nitze..."

Em meio a tais estudos e pesquisas chegou o mês de maio de 1943, em que a mistura de esforço, experimentação, invenção, trouxe sensações e impressões das mais doces, num processo que, àquela altura, já tudo dominava e todos os acontecimentos abrangia. Os filhos de San Francisco passaram uma temporada conosco, "com os dois meninos, que estão com aparência forte e saudável. Tocado, como sempre, pelos belos olhos de Frido (o primogênito). Levei-o passear antes do jantar. Ele comeu conosco... Brincadeiras com o garotinho que já começa a falar". Terça-feira, dia 4: "À tarde passeio com o pequeno Fridolin. Ao fim de alguma coisa, ele diz 'cabou'. Isso vai servir para Nepomuk Schneidewein. À noite, *Malleus Maleficarum*... Frido muito apegado a mim... Lanche com ele depois do passeio no Miramar, o pequeno muito bem-comportado". — Nesse período, enviei uma carta a Bruno Walter, em Nova York, "não sem alguma conexão com o assunto", ou seja, com o esboço do romance, e, aliás, cheia de histórias e anedotas dos dias passados com a criança cativante. Sua resposta demonstrou interesse e entusiasmo pelo plano do "romance sobre um músico", para cuja execução, segundo ele, eu sem dúvida seria capacitado como poucos. Sua carta incluía uma sugestão que chamei, não sei com que sentimentos, de "uma proposta interessante": que, no livro, eu desse um papel a Frido — ele pensava num episódio como um *allegretto moderato*. — O caro amigo e músico excelente não supunha que o livro de minha velhice seria percorrido por uma desumanidade gélida, e que eu seria refreado de contar a história desta criança divina no espírito de um *allegretto moderato*. —

A volumosa pasta com anotações já dava provas da complexidade do projeto: cerca de duzentas folhas de formato in-quarto, nas quais comprimia-se, desorganizado e enquadrado por traços contínuos, um conjunto variado de informações acessórias de diversas áreas: geográfica, lingüística, sócio-política, teológica, médica, biológica, histórica, musical. Eu continuava colhendo e juntando dados úteis para meu objetivo, e me dá uma espécie de alegria perceber que tanta concentração e fixação ainda me deixavam os sentidos abertos e receptíveis a impressões exteriores a este círculo mágico, ao mundo de fora. “No *Nation*, artigo brilhante de Henry James, de 1864, escrito aos vinte e dois anos. Espantoso! Onde há algo assim na Alemanha? A cultura crítica do Ocidente é imensamente superior... Leitura no livro de Niebuhr *Nature and destiny of man* (1941, *A natureza e o destino do homem*)... Em seguida li inteiro o maravilhoso *Bergkristall* (1853, *Cristal da montanha*), de Stifter, até depois da meia-noite.” Mas também coisas assim: “A greve dos *coal miner*, crise séria. As minas ocupadas pelo governo. Militares a postos para proteger os que quiserem trabalhar, serão poucos... Li reportagens notáveis sobre a desonrosa derrota dos alemães na África. Nada do ‘até a última gota de sangue’ do fanatismo nazista... À noite, conversa com Br. Frank sobre a onda de greves por aqui e a responsabilidade dos governantes. Preocupação com o *home front** americano... Bombardeio de Dortmund, até agora o mais pesado, com mais de mil aviões. A Europa inteira em febre de invasão. Preparativos da resistência francesa. Convocação à greve geral. Ordem à ocupação na Noruega de lutar ‘até o último homem’ — o que nunca acontece. Na África foram feitos duzentos mil

* Expressões em inglês: *coal miner* = trabalhadores das minas de carvão; *home front* = frente interno (N. do T.).

prisioneiros. A vitória é definida pela superioridade do material, tanto em quantidade, quanto em qualidade... Expectativa da invasão da Itália. Indícios de movimentação contra a Sardenha e a Sicília... À noite, *Trabalhos de amor perdidos*".

A comédia de Shakespeare fazia parte da 'coisa', entrava no circuito — e em torno dela, o clamor do mundo. "Os Werfel e os Frank para o jantar. Conversa sobre Nietzsche e a comiseração que ele desperta — por ele mesmo e por casos incuráveis em geral. Planos de encontros com Schönberg e Stravinski... Cálculo da relação entre as idades dos personagens do romance e os fatos do período, dados biográficos e nomes... Sobre Riemenschneider e seu tempo. Coisas da apropriação. A teoria instrumental de Vollbach. Apontamentos sobre o perfil musical de Leverkühn. Quero chamá-lo de Anselm, Andreas ou *Adrian*. Observações sobre a constituição fascista da época. Encontro com os Schönberg na casa dos Werfel. Obtive dele muitas informações sobre música e a vida de compositor; é prático o fato de Schönberg insistir em estreitar as relações entre nossas famílias... Os Neumann para o jantar. Enquanto as mulheres preparavam a refeição (estamos sem empregada), eu expliquei a N., para seu espanto e entusiasmo, o plano do romance."

Isso jamais esquecerei. A participação atenciosa e exclamativa do amigo leal, que sempre tive em grande estima, reiteraram-me todas as promessas de prazer e sofrimento provenientes do esboço dessa obra, que lhe apresentei num discurso rápido e fluente. Talvez o que mais o tenha impressionado tenha sido o pacto com o diabo como escapatória das dificuldades da crise da cultura, a ânsia por eclosão, a qualquer custo, de um espírito orgulhoso e ameaçado de esterilidade, assim como o paralelismo entre a embriaguez popular fascista e uma euforia danosa desembocando num colapso. No trajeto de volta

para casa, parece que ele não falou de outra coisa à esposa a não ser sobre as confidências que eu lhe fizera!

Na manhã de 23 de maio de 1943, um domingo, pouco mais de dois meses depois que recuperei aquele velho caderno de notas, e na mesma data em que também pus a trabalhar o meu narrador Serenus Zeitblom, comecei a escrever o *Doutor Fausto*.

IV

Meus apontamentos daquela época não revelam o momento em que decidi utilizar a 'amizade' como mediação entre mim e o assunto do livro, ou seja, decidi não contar eu mesmo a vida de Adrian Leverkühn, mas inserir um outro que a contasse, portanto escrevendo não um romance, mas uma biografia com todas as características pertinentes ao gênero. Houve aqui, com certeza, a influência do caráter de paródia autobiográfica do *Felix Krull*; além disso, tal medida era de extrema importância para abrandar o tema tão sombrio, permitindo que o leitor e eu suportássemos seus horrores. Veicular o demoníaco por intermédio de um mediador exemplarmente não demoníaco, deixar que fosse apresentado por uma alma humanista singela e piedosa, ternamente devotada, era, em si, uma idéia estranha, que de certa forma me proporcionava alívio e a possibilidade de deslocar a um plano indireto tudo o que havia de direto, pessoal e confessional no fundamento desse projeto sinistro, e assim deixar que tudo fosse delineado, em traços satíricos, pelas trêmulas mãos confusas daquela alma angustiada.

Mas o principal ganho na inserção do narrador foi poder situar a narrativa num plano temporal duplo, entrecruzando polifonicamente

os eventos que abalam o narrador enquanto escreve com os fatos por ele apresentados, de maneira que o tremor de sua mão advém, ora ambígua, ora univocamente, tanto das vibrações de bombardeios distantes, quanto de seus terrores internos.

O fato de o instrutor público Zeitblom começar a escrever no mesmo dia em que eu também pus as primeiras linhas no papel é significativo para o livro inteiro; é significativo para tudo o que nele é, de fato, real — isso não deixa de ser, sob certa perspectiva, uma intervenção artística, um esforço lúdico de realizar com exatidão, a ponto de ser vexatório, algo fictício: a biografia e a produção de Leverkühn. Até então, esse procedimento me era desconhecido, descomedido, e sua mecânica fantástica não deixou de me perturbar na montagem dos dados reais, históricos, pessoais, sim, literários, tornando quase despercebida a passagem do plano real e concreto para a perspectiva da representação e do ilusório, como nos 'panoramas' que me mostravam na infância. Essa técnica da montagem, que o tempo todo me causou estranheza e prazer suspeito, fazia parte da idéia, do 'conceito' do livro, e tinha relação com um curioso processo de relaxamento licencioso da alma, que deu ao romance um caráter ao mesmo tempo imediato e figurado, os traços de obra secreta e de confissão biográfica que, enquanto escrevia, mantinha distante de mim a idéia de sua publicação.

O 'contrabando' de pessoas reais, vivas, explicitamente nomeadas, para dentro do romance na forma de personagens, de modo a ser impossível diferenciar entre realidade e irreabilidade, é apenas um exemplo menor do princípio de montagem do qual estou falando. Há o entrelaçamento da tragédia de Leverkühn com a de Nietzsche, e já que o músico eufórico ocupa o lugar do filósofo, este não poderia aparecer como personagem, e portanto o nome de

Nietzsche não é mencionado. Mas há uma apropriação literal de sua experiência no bordel em Colônia e dos sintomas de sua doença, as citações do diabo do *Ecce homo*, a citação — imperceptível para quase todos os leitores — do menu da dieta que Nietzsche descreve em suas cartas de Nice, ou ainda a citação, também discreta, da última visita de Deussen, com um ramalhete de flores na mão, ao filósofo já mergulhado na escuridão psíquica. Enquanto tal, a citação tem uma especificidade musical, apesar do mecanicismo que lhe é próprio; é uma realidade que se transforma em ficção, uma ficção que absorve o real, uma mistura onírica e fascinante de esferas. Também é citação, não o precisaria mencionar, a apropriação da amiga invisível de Tchaikovski, Madame de Meck, como Madame de Tolna. Também é citação a história do pedido de casamento, a decisão imprudente, aqui de modo algum ‘imprudente’, de enviar o amigo à amada como portador do pedido. A presença de tanto ‘Nietzsche’ no romance — tanto, que chegaram a chamá-lo de um romance sobre Nietzsche — permite supor, no triângulo Adrian-Marie Godeau-Rudi Schwerdtfeger, uma referência aos pedidos de casamento indiretos de Nietzsche: a Lou Andreas por meio de Rée, à senhorita Trampedach por meio de Hugo von Senger (que já era quase seu noivo). Todavia, trata-se muito mais, e dentro mesmo da perspectiva de Leverkühn, de uma reminiscência do Shakespeare dos *Sonetos*, que Adrian sempre carrega consigo, da própria ‘atitude’ dos sonetos, a relação poeta-amada-amigo, portanto o motivo do pedido de casamento traiçoeiro, também presente em vários dos dramas, cujos nomes aparecem quando são mencionados os livros na mesa do músico: *Como quiser*, *Muito barulho por nada* e *Dois cavalheiros de Verona*, e Adrian goza de um prazer sombrio em incluir citações diretas dessas obras nas conversas com Zeitblom, sem

que este ou o leitor o percebam. Já sua formulação estranhamente cerimoniosa: “Eu te agradeceria, penhorado, se me prestasses esse serviço de amigo”^{*} é uma citação de *Muito barulho por nada*, no momento em que Cláudio confessa ao príncipe seu amor por Hero. Mais adiante, ele diz com amargura: “Hoje em dia, os amigos são assim”, de *Dois cavalheiros de Verona*, inserindo quase literalmente os versos:

“Em quem confiar, quando nosso braço
direito contra o próprio peito se ergue?”

Na cena em que convence Rudi em Pfeiffering, uma de minhas prediletas no livro inteiro, Adrian justifica seu pedido fatal com palavras de *Como quiser*:

“Ela se mostrará mais acessível a tuas palavras
do que às de um mediador de aspeto tão cerimonioso.”

Depois, aparentemente lamentando sua tolice, ele usa contra Zeitblom, citando de novo *Muito barulho por nada*, a imagem do pequeno escolar que, “cheio de alegria por ter descoberto um ninho de passarinhos, mostra-o a um companheiro, que logo vai lá e o surrupia”. Serenus replica, também citando sem saber: “Não debes considerar tua confiança um pecado e uma ignomínia. Ambos cabem ao ladrão”. Foi pura sorte ele não ter dito literalmente: “Os pecados cabem aos gatunos”.

^{*} Todas as citações do *Doutor Fausto* foram extraídas da tradução de Herbert Caro, 4ª edição, Nova Fronteira, 1994 (N. do T.).

O primeiro a mostrar que o motivo do pedido de casamento dos sonetos reaparece em três dos dramas foi Frank Harris, em seu brilhante estudo sobre Shakespeare. No *Fausto*, esse motivo se manifesta no modo como Adrian, devido a seu relacionamento especial com o 'mensageiro' Schwerdtfeger, num jogo consciente e sombrio, recorre a um clichê ou a um mito para alcançar um objetivo dos mais sinistros. O que ele faz com Rudi é um *assassinato* premeditado, exigido pelo diabo — e Zeitblom sabe disso. —

Devo mencionar que a atribuição a Adrian Leverkühn, muito criticada por alguns, da teoria da música dodecafônica ou serial de Schönberg também foi um ato de montagem e fraude da realidade? Devo, sim, e no futuro, por exigência de Schönberg, precisará ser incluída no livro uma nota esclarecendo, a eventuais desinformados, seu direito de propriedade intelectual. Um pouco contra minha vontade. Não tanto por tal explicação abrir uma pequena brecha no círculo fechado do universo do romance, mas sobretudo porque, na esfera do livro, no contexto do pacto com o diabo e da magia negra, a idéia da técnica dodecafônica assume um matiz, uma nuance que na realidade não lhe é inerente — não é mesmo? — e que, portanto, de certo modo, a transforma em propriedade minha, ou seja: do romance. A teoria de Schönberg e minha versão *ad hoc* dela são tão antagônicas que, a meu ver, citar seu nome no texto teria tido algo de quase ofensivo, sem falar na deselegância que seria.

V

Quando comecei a escrever naquela manhã de domingo — mesmo que meus apontamentos não o indiquem e mesmo que eu não

dispusesse de um esboço escrito concreto — já deviam estar evidentes e manifestos ante meus olhos o desenrolar do livro inteiro e seus episódios específicos; já devia ter claro em mente que conseguiria, desde o princípio, trabalhar no complexo temático *in totum*, imprimindo, já no início, a profundidade da perspectiva geral, desempenhando o papel do biógrafo completamente envolvido e comovido por seu objeto de trabalho, sempre ansioso, antecipando os fatos e se perdendo. Mas sua comoção era a minha, e seu envolvimento, uma paródia do meu. Foi cômodo assumir esse papel e deixar contar, transferir a outrem minha própria responsabilidade, apesar da firme decisão de ser direto, de empregar no romance a realidade, o mistério da vida. Como foi importante este jogo de máscaras diante da seriedade da incumbência, da qual só agora eu tomava plena consciência, pela primeira vez desde o começo! Se algumas de minhas obras anteriores, ao menos para a grande massa, adquiriram uma monumentalidade, foi de modo desapercibido e nada planejado: *Os Buddenbrooks*, *A montanha mágica*, os volumes do *José*, mesmo *Carlota em Weimar* originaram-se como projetos narrativos muito modestos, só *Os Buddenbrooks* foram pensados como romance, e *Carlota em Weimar*, no máximo como um romance pequeno — no manuscrito o subtítulo ainda é: *um pequeno romance*. Agora, pela primeira vez, nessa minha obra da velhice, estava sendo diferente. Dessa vez eu sabia o que queria e a que me propunha: a nada menos do que um romance da minha época, disfarçado numa história de vida de artista altamente precária e pecaminosa. Apesar de tanta ânsia por novidade, algo me incomodava. *Querer* que uma obra seja grande, concebê-la grande, provavelmente não era o mais correto — nem para a obra, nem para o espírito por ela subjugado. Então, era necessário o máximo possível de chiste,

de pantomima de biógrafo, de auto-ironia para atenuar o patético — sim, de tudo isso, o máximo possível! E a esposa desse narrador humanista seria chamada de Helene Ölhafen.

Um dia depois de começar a escrever, eu já tinha outra coisa para aprontar, uma obrigação do momento: uma emissão radiofônica para a Alemanha, em memória da queima de livros. No final de maio, nada havia além de um manuscrito de duas páginas. Mas embora os preparativos literários para uma palestra em San Francisco, em meados de junho, tivessem tomado mais tempo além do necessário, neste mês em que completei meu sexagésimo oitavo ano, aprestaram-se quatro capítulos do *Fausto*, e, segundo o diário, no dia 28 fiz a primeira leitura do romance: “Os Frank para o jantar. Depois, no gabinete, leitura do *Doutor Fausto*, os três primeiros capítulos. Fiquei muito comovido, e os ouvintes se mostraram receptivos à agitação proveniente do conjunto”.

Eu andava envolvido com a biografia de *Hutten*, por Strauss. Recebi a resposta do professor Tillich com informações sobre a carreira teológica, li os comentários de Lutero sobre o Apocalipse e as *Mémoires* de Berlioz, em tradução inglesa. Numa recepção na casa dos Feuchtwanger, além de Miss Dodd, filha do ex-embaixador na Alemanha nazista, do ator Homolka e de muitos outros, encontrei também Franz Werfel, que na ocasião mencionou pela primeira vez seu novo projeto de romance, a fantasia utópica *Der Stern der Ungeborenen* (1946, *A estrela dos não-nascidos*) e as imensas dificuldades que esta lhe impunha. Fui tomado por sensações fraternais. Eis aqui um camarada, alguém metido como eu numa empreitada louca, provavelmente irrealizável...

Alguns dias depois, caiu-me nas mãos o livro de Ernst Křenek *Music here and now* (*Música aqui e agora*), que se revelou uma obra de primeira categoria, em muito me auxiliando. “Leitura do *Music* de

Křenek”, aparece diversas vezes no diário. Também nessa época li, em alguma revista, artigos muito interessantes sobre a música religiosa entre os Batistas do Sétimo Dia da Pensilvânia, ou seja, sobre a estranha figura de Johann Conrad Beissel, e de imediato decidi incorporá-la às palestras por intermédio das quais Kretzschmar, o gago, esse mestre-escola grotesco, “senhor dos sistemas”, cuja lembrança assombra o romance inteiro, apresenta para o jovem Adrian (e para o leitor) o mundo da música.

É quase com estranheza que observo agora com que intensidade preocupei-me com os aspectos técnicos da música naquela época. Dominá-los — no mínimo suficiente para tolher a zombaria dos especialistas (e não há assunto velado com maior ciúme) — era um dos pressupostos para a realização da obra. Sempre estive muito próximo da música, dela recebendo ensinamentos artísticos e estímulos preciosos, tendo exercitado sua prática como narrador e descrito sua estrutura em ensaios críticos, a ponto de Ernst Toch, um dos proeminentes dessa confraria, referir-se à “superação da fronteira da música como elemento profissional e elemento universal” ao tratar de minha ‘musicalidade’. O problema é que, dessa vez, o ‘universal’ não era bastante, pior ainda, confundia-se com o diletantismo embusteiro. Aqui, profissionalismo era uma exigência. Num romance sobre um artista, nada mais tolo do que abordar arte, gênio, obra por meio de uma simples menção ou um mero elogio, exaltando seus efeitos sobre a alma. Eu não tinha a menor sombra de dúvida: a questão agora era de realização, de *exatidão*. “Terei de estudar música”, disse a meu irmão ao lhe contar do projeto. E o diário confessa: “Os estudos da técnica musical me assustam e entediam”. Isso não quer dizer que me faltasse ânimo e disciplina para embrenhar-me, lendo e pesquisando, nas esferas da produção, da vida, do profissionalismo musical, assim

como, a serviço do José, tinha me embrenhado no universo do orientalismo, da mitologia e da religião primitiva. Eu poderia fazer uma lista com boas duas dúzias de livros sobre música e músicos, em inglês e alemão, que li “com o lápis na mão”, tão aplicado e atento como só se estuda com um intento produtivo, em nome de uma obra. Mas essa tomada de contato não chegou a ser um verdadeiro estudo de música: oferecia pouco resguardo à minha ignorância na exatidão do tema e pouco auxílio me prestava na elaboração da vida criativa de um compositor eminente, de modo tão verossímil que suscitasse a impressão de ouvi-lo, despertando *crédito* (e nada menos do que isso era o que eu exigia de mim). Bem sentia que precisava de uma ajuda externa, de um conselheiro, de um instrutor especializado, que, ciente de minhas intenções poéticas, para esse trabalho unisse sua imaginação à minha. Tanto mais estava propício a aceitar tal auxílio quanto a música, sendo *tema* do romance (pois ele também pratica música — mas isso é outra coisa), era apenas um primeiro plano, uma representação, um mero paradigma para algo mais geral, um simples meio para expressar a situação da arte, da cultura mesmo, do próprio ser humano, do próprio espírito nesta nossa época absolutamente crítica. Um romance sobre música? Sim. Mas concebido como romance de época e de cultura. Para que esse primeiro plano e seu meio de expressão se tornassem uma realidade exata, não hesitar em aceitar ajuda era, para mim, a coisa mais óbvia do mundo.

Acabei por encontrar o assistente, conselheiro, instrutor participante; por seu nível espiritual e extraordinária competência profissional, o mais adequado. “Livro, *Eingebung im musikalischen Schaffen* (*Inspiração na criação musical*), de Bahle”, diz uma anotação no começo de julho de 1943. “Importante. Trazido pelo dr. Adorno.” Hoje mal consigo imaginar que esse livro pudesse ter alguma importância

para meu trabalho. Porém, o nome do portador atencioso (e que portanto estava informado do projeto), reaparece cerca de duas semanas depois — foi o momento da tomada de Palermo e da grande ofensiva russa; eu estava no capítulo VII do *Fausto*. “Texto do dr. Adorno, *Filosofia da nova música*... Leitura do texto de Adorno... Leitura atenta do manuscrito de Adorno... À noite, outra vez o texto de Adorno sobre música, que me elucida alguns pontos e ao mesmo tempo evidencia toda a dificuldade do meu intento... Término da leitura do texto de Adorno. Momentos de iluminação sobre a posição de Adrian. As dificuldades precisam primeiro tomar vulto, só depois podem ser superadas. A situação desesperadora da arte: o momento mais oportuno. Não perder de vista o pensamento central dessa inspiração adquirida que se desvanece na embriaguez que ela mesma causa...”

Eu tinha nas mãos, de fato, algo ‘importante’. Era uma crítica profunda da situação artística e sociológica, de extremo refinamento e atualidade, que apresentava uma singularíssima afinidade com a idéia de minha obra, com a “composição” que eu estava vivendo, tecendo. A escolha foi feita: “Este é meu homem”.

Theodor Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt sobre o Meno em 1903. Seu pai era judeu alemão e sua mãe, uma cantora, filha de um oficial francês de descendência corsa — originalmente genovesa — e de uma cantora alemã. É primo daquele Walter Benjamin, que, acossado pelos nazistas até a morte, nos legou uma obra de espantosa acuidade e profundidade sobre *As origens da tragédia barroca na Alemanha*, na realidade um estudo filosófico e histórico sobre a alegoria. Adorno, conforme o nome de solteira de sua mãe por ele adotado, demonstra ser de mentalidade semelhante, arisca, exclusiva, de inteligência trágica. Criado num ambiente impregnado de interesses teóricos e artísticos (também políticos), sobretudo musicais, estudou filosofia e música, graduando-

se em 1931 como livre-docente na Universidade de Frankfurt, onde lecionou filosofia até ser enxotado pelos nazistas. Desde 1941, vive em Los Angeles e é praticamente nosso vizinho.

A vida inteira, essa cabeça notável recusou-se a fazer uma opção profissional entre filosofia e música, convicto de que sua busca era a mesma nas duas áreas divergentes. Nele, o raciocínio dialético e a tendência sócio-histórico-filosófica entrecruzam-se com a paixão musical de um modo hoje aparentemente nada exclusivo, ancorado na problemática contemporânea. Assim, foi estudar composição e piano, primeiro com os pedagogos da música de Frankfurt, e em seguida com Alban Berg e Eduard Steuermann, em Viena. Entre 1928 e 1931, foi redator da revista vienense *Anbruch*, engajado na defesa da música moderna mais radical.

Mas como é possível que um tal 'radicalismo', que o leigo tende a imaginar como uma espécie de 'sansculotismo' musical, seja compatível com a percepção apurada da tradição, o conhecimento excepcional da história e a reivindicação inexorável de faculdade, rigor e solidez no ofício que sempre encontrei em músicos desse tipo? Sua restrição, por exemplo, a Wagner, não é fundamentada nem no romantismo e na pompa, nem no traço 'burguês' ou demagógico, mas simplesmente no fato de Wagner, quase sempre, "compor mal". Não sei julgar como Adorno compõe, mas seu domínio da herança musical como um todo, seu conhecimento da tradição, é vastíssimo. Uma cantora americana que trabalha com ele me disse: "É incrível. Ele conhece todas as notas do mundo".

O manuscrito que ele me trouxe naquela época tratava essencialmente da técnica e da escola dodecafônica de Schönberg e era tão contundente, cabia tão bem na esfera de meu romance, que de imediato prendeu-me a atenção. Sem deixar dúvidas sobre sua ampla

percepção do significado excepcional de Schönberg, Adorno faz uma crítica perspicaz e profunda ao sistema por ele desenvolvido. Num estilo extremamente conciso e apurado, afiado na escola de Nietzsche e, mais ainda, de Karl Kraus, ele elucida a fatalidade que lança às trevas míticas a iluminação construtiva e objetivamente necessária da música, por motivos também objetivos, e, por assim dizer, por cima da cabeça do artista. O que melhor se encaixaria em meu mundo do “quadrado mágico”? Para mim, foi a descoberta ou a revelação de algo que há muito tempo me é familiar: uma receptividade incomensurável a tudo que sinto como meu, ou parte de mim — ou seja, pertencente ao ‘tema’. São inteiramente baseadas na análise de Adorno tanto a apresentação e a crítica da música dodecafônica, em forma de diálogo no capítulo XXII do *Fausto*, quanto certas observações sobre a linguagem musical do Beethoven tardio no início do romance, na palestra verborrética de Kretzschmar sobre a relação fantasmagórica entre genialidade e conveniência instaurada pela morte. Foi com familiaridade que encontrei essas reflexões no manuscrito de Adorno, como se fossem ‘minhas’, e — que palavra devo usar? — a paz de espírito com a qual as coloquei, alteradas, na boca do meu gago pode ser justificada pelo seguinte: muitas vezes, após uma longa germinação, semeamos ao vento idéias que um dia retornam, marcadas por outras mãos e situadas em outros contextos, trazendo-nos a lembrança de nós próprios e de nossas particularidades. Reflexões sobre forma e morte, sobre a objetividade e o eu, conseguiram fazer o autor de um conto veneziano escrito há trinta e cinco anos lembrar-se de si mesmo. Conseguiram ocupar um lugar no texto do filósofo mais jovem e, mais ainda, desempenhar um papel funcional em meu retrato de alma e época. Assim, aos olhos do artista, uma idéia jamais possuirá

valor de propriedade. Aqui, trata-se muito mais de sua adequação à engrenagem espiritual de uma obra.

Por volta do final de setembro de 1943 — eu já trabalhava no capítulo IX, sem estar satisfeito com o estágio das palestras de Kretzschmar no VIII —, li o capítulo VIII para Adorno após um jantar em nossa casa. “À mesa, conversa sobre pormenores da filosofia da música. Depois, leitura do capítulo das palestras. Confirmação elogiosa de minha intimidade com a música. Objeções quanto a pormenores, algumas fáceis, outras difíceis de legitimar. No geral, serviu para me tranquilizar.” Tranquilidade que não durou muito. Os dias seguintes foram dedicados a trabalhos de correção, depuração e ampliação do capítulo das palestras, e, numa noite no começo de outubro (a essa altura eu já retornara ao IX), fomos à casa dos Adorno. Havia seriedade no ar. Franz Werfel acabara de sofrer seu primeiro ataque cardíaco sério e recuperava-se com muito esforço. Fiz uma leitura das três páginas sobre piano, incluídas havia pouco no capítulo já seriamente hipertrofiado; nosso anfitrião nos pôs a par de seus estudos e aforismos sobre Beethoven, nos quais ocupa uma posição central uma determinada citação do *Rübezahl** de Musaeus. Depois, a conversa girou em torno do humanismo enquanto elemento ctônico purificado; das relações entre Beethoven e Goethe; do humano como contra-posição romântica a sociedade e convenção (Rousseau) e insurreição (a cena da prosa no *Fausto* de Goethe). Em seguida, postei-me junto ao piano e Adorno tocou para mim, na íntegra e do modo mais instrutivo, a *Sonata opus 111*. Nunca estive tão atento quanto naqueles instantes. Na manhã seguinte, levantei-me cedo, e durante três dias dediquei-me a uma reelaboração e reestruturação rigorosas da pa-

* “Senhor dos Montes”, figura lendária da Silésia (N. do T.).

lestra sobre as sonatas, o que significou um enriquecimento e um embelezamento não só do capítulo, mas do livro inteiro. Ao compor os pequenos versos para elucidar o tema da arieta na forma original e na forma mais completa, incluí neles, como discreta demonstração de gratidão, o nome 'Wiesengrund', sobrenome paterno de Adorno.

Meses depois, já no princípio de 1944, por ocasião de um encontro em nossa casa, li para ele e Max Horkheimer, seu amigo e colega no "Institute for Social Research", os três primeiros capítulos do romance e o episódio da *Opus III*. A reação foi extraordinária e, ao que parece, atizada pela comparação entre a tonalidade e o fundamento notadamente germânicos do livro e por minha atitude particular, bem diferente, em relação à terra de nossa origem, onde grassava a demência. Adorno, tocado pelo aspecto musical e enternecido pela pequena lembrança de sua aula, veio a mim e disse:

"Eu poderia passar a noite ouvindo!"

A partir daí, mantive-o por perto, bem sabendo que precisaria de sua assistência, e só dela, ao alcançar as profundezas ainda longínquas desta obra.

VI

No dia 24 de julho de 1943, comemoramos o sexagésimo aniversário de minha mulher, reavivando na memória os primeiros tempos de nosso exílio, Sanary sur Mer, onde ela completou cinquenta anos, René Schickele, o amigo na época conosco e logo em seguida falecido; lembranças de tudo o que temos vivido desde então. Entre os telegramas de felicitações, um de nossa Erika, agora correspon-

dente de guerra no Cairo. Naqueles dias, alcançou-nos a notícia da queda de Mussolini e a nomeação de Badoglio como primeiro-ministro e chefe das forças armadas; muita gente ainda seria liquidada, embora houvesse garantias oficiais de que “a palavra dada será cumprida e a guerra continua”. Mal a milícia fora assimilada pelo exército, eclodiram em toda a península manifestações de paz e alegria; a mudança de orientação da imprensa foi veemente — “Siamo liberi!”* saudou o *Corriere della Sera*.

Eu estava mergulhado na biografia de *Beethoven* por Schindler, um livro no espírito pequeno-burguês, mas instrutivo em termos práticos e estimulante em seu tom anedótico. O capítulo de Kretzschmar estava em andamento, mas naqueles dias o diário fala de depressão e cansaço, da decisão de deixar o romance de lado, cujo progresso eu andava forçando, para dedicar-me à elaboração do discurso a ser proferido em Washington no outono — com a esperança de que, com a missão cumprida, retornasse a vontade de trabalhar no “livro do diabo”. “Após setenta páginas, esgotou-se o primeiro ímpeto. Uma interrupção parece vir a calhar, mas ao mesmo tempo sinto-me incapaz para outras coisas.” E ainda assim cumpri com rapidez uma tarefa menor, mas que me era muito cara por motivos de coleguismo: os emigrantes preparavam a comemoração do sexagésimo quinto aniversário de Alfred Döblin, e minha contribuição para a pasta com votos de felicitação pessoais organizada por Berthold Viertel foi preencher uma linda folha de pergaminho com palavras de genuíno respeito pelo talento enorme do autor de *Berlin Alexanderplatz* e *Wallenstein*, que vivia na América em obívio vergonhoso. Compareci à festividade na Play House, Montana Avenue, que incluiu uma variada programação musical e recitativa. Meu irmão Heinrich discursou, e o próprio aniversariante encerrou a comemoração com palavras desembaraçadas e simpáticas. “Em seguida, toman-

* Em italiano, “Estamos livres!” (N. do T.)

do ponche com Döblin e Ernst Toch”, diz o diário, “conversa sobre a música de Toch. Espantou-me sua admiração pelo *Palestrina* de Pfitzner. Em sua opinião, há um excesso de alarde em torno da atonalidade, que em si não é fundamental. O eterno romantismo da música...”

A organização e os primeiros esboços do discurso tomavam-me tempo. Tratava-se da reflexão mais tarde publicada na *Atlantic Monthly* sob o título “What is German?” (“O que é alemão?”) Primeiro, ditei-a à minha esposa, em seguida fiz emendas manuscritas, voltei a ditar e, após uma interrupção de quinze dias, retomei o trabalho nas correções e no prosseguimento do romance. Uma leitura dos capítulos iniciais, com Bruno e Liesl Frank no papel de ouvintes atentos, serviu para tonificar meu ânimo. “O efeito causado foi de perturbação — adequado, pois inato ao livro.” Perturbadoras também eram as circunstâncias externas, as correntezas políticas nos subterrâneos da guerra, sempre tema de discussões após a troca mútua de notícias pessoais. “Conversa com os amigos sobre a péssima relação com a Rússia, a falta de unidade, a desconfiança alimentada pela ausência de um segundo fronte efetivo, a exoneração de Litwinow e Maisky. Impressão de que o assunto não é mais esta guerra, mas os preparativos da próxima” — isso em agosto de 1943...

Um interesse que nos traz à alma plenitude é mesmo capaz de exercer um magnetismo forte e enigmático. Norteia as conversas sem a intervenção consciente daquele que o manifesta, atraindo-as irresistivelmente para sua órbita; governa, molda e matiza as experiências externas e os contatos sociais. Naquela época, todos os eventos a interromper a uniformidade de meu cotidiano eram determinados, como que por acaso, por música. “Jantar na casa dos Schönberg em Brentwood. Ótimo café vienense.” “Sobre música com Sch....” — “Soirée na casa dos Werfel com Stravinski, conversa sobre Schönberg” — “Jantar com bufê

para a comemoração dos sessenta e nove anos de Schönberg. Inúmeros convidados. À mesa com Gustav Arlt, Klemperer, a sra. Heims-Reinhardt. Longa conversa com Klemperer e Schönberg. Falei demais...” Naquela época, Schönberg enviou-me sua *Lição de harmonia* e o libreto do oratório *Die Jakobsleiter* (*A escada de Jacó*),* cuja poesia religiosa pareceu-me inconsistente. Em contrapartida, muito me atraiu seu livro didático tão *sui generis*, cuja postura pedagógica apresenta um falso conservadorismo: uma estranhíssima mistura de devoção tradicionalista e revolução. Também foi naquela época que começaram a se esboçar intercâmbio e contato com Arthur Rubinstein e família. Para mim, havia e há algo de benéfico em observar a existência do feliz virtuoso. Ele é um talento continuamente cortejado e ovacionado, para quem dificuldades são mero brinquedo, pois desfruta de saúde inabalável, vida familiar florescente, dinheiro à vontade, um prazer sensível e sublime em colecionar livros e quadros valiosos — tudo isso conjuga-se para fazer dele o homem mais feliz que já encontrei. Domina seis línguas, se não mais. Por sua conversa cosmopolita, permeada pelas caricaturas mais divertidas, costuma brilhar nos salões assim como, por sua imensa habilidade, nos palcos do mundo inteiro. Rubinstein não nega seu bem-estar e decerto reconhece seu valor. Mas anotei um diálogo entre nós como exemplo típico da manifestação de respeito mútuo e espontâneo pelo “mundo do outro”. Certa noite, quando ele e a esposa, os Stravinski e outros convidados deixavam nossa casa, despedi-me dele dizendo: “Dear Mr. Rubinstein, foi uma honra tê-lo aqui, muito apreciei sua visita”. Ele riu alto: “You did? Now that will be one of my fun-stories!”** —

* Iniciado entre 1917 e 1922, o oratório permaneceu inacabado (N. do T.).

** “Não diga! Esta será uma de minhas histórias engraçadas!” (N. do T.)

O trabalho no capítulo das quatro palestras avançou até meados de setembro, o mês da tomada de Sorrento, Capri e Ischia, da evacuação da Sardenha pelos alemães, da recuada alemã ante a linha Dnjepr na Rússia, dos preparativos para a Conferência de Moscou.* Todos especulávamos sobre o futuro da Alemanha, aparentemente planejado de modos bem diferentes pela Rússia e pelo Ocidente. Mas minha concentração era garantida pelo hábito de isolar por completo as primeiras horas do dia contra o afluxo dos fatos externos, tendo naquelas horas uma *única* preocupação. “Com ardor no capítulo VIII. De novo envolvido com a obra estranha e pessoalíssima... Ampliando sem escrúpulos as palestras de Kretzschmar, convicto de que são adequadas à composição... Trabalho com afinco no capítulo (Beethoven). À tarde, avanço no romance (difícil)...” O acontecimento literário daqueles dias, e que me deu muito o que pensar, foi uma leitura pública de Bruno Frank, visitada em massa pela colônia alemã. “Talentoso e belo como sempre, e além do mais extraordinariamente bem lido. Mas o que me causa estranheza é o fato de ele utilizar com franca seriedade o estilo narrativo humanista de Zeitblom como se fosse seu. Em termos estilísticos, eu mesmo não conheço nada além da paródia. Nesse ponto, sou semelhante a Joyce...” — Continuava ocupado com as memórias de Hector Berlioz: “Sua ironia contra Palestrina. Seu desprezo pela musicalidade italiana, aliás pela francesa também. A falta de sensibilidade dos italianos para a música instrumental

* A Conferência de Moscou foi realizada em novembro de 1943 pelos ministros do Exterior dos EUA, da URSS e da Inglaterra, respectivamente Hull (1871-1955), Molotow (1890-1986) e Eden (1897-1977). Reiteração da cooperação entre os Aliados até o final da guerra, primeiras negociações sobre a ocupação da Alemanha e novas fronteiras na Europa Central, projeto de criação da ONU (N. do T.).

(Verdi). Ele questiona até sua sensibilidade harmônica. Meros *sing birds*.^{*} Em sua jactância intratável e ingênua, ele próprio lembra muito Benvenuto Cellini”.

Por volta do vigésimo dia de setembro, num calor atroz, concluí provisoriamente o transbordante capítulo das palestras e comecei o IX, com o prosseguimento da formação musical de Adrian e sua descrição da abertura *Leonor n. 3*, que me causou enorme prazer. Lembro-me de uma noite com Leonhard Frank, que nos leu trechos do delicado romance em que estava trabalhando, *Mathilde*, sobre a vida de uma mulher. Para minha surpresa, à mesa ele confessou sua profunda comoção ao ouvir o *Doutor Fausto*, dizendo estar convencido de que o livro o agradaria mais do que qualquer outro dos meus, tocando o fundo de sua essência. Entendi o que se passava com ele. Embora socialista por convicção política e grande admirador da Rússia, ao mesmo tempo estava tomado por um novo sentimento em relação à Alemanha e à inviolabilidade de sua unidade territorial, um patriotismo na verdade precoce ante o aferro com que as tropas de Hitler ainda lutavam em toda parte, patriotismo que começara a germinar entre os imigrantes alemães e que pouco depois encontraria na *Deutsche Novelle* (*Novela alemã*) de Frank sua expressão mais poética. Sua reação emocional ao *Doutor Fausto* muito me agradou, mas também me deixou pensativo, serviu de alerta — para o risco de, com meu romance, contribuir para a criação de um novo mito germânico, de lisonjear os alemães com seu aspecto ‘demoníaco’. O elogio do colega serviu-me como advertência no sentido de uma precaução espiritual e como impulso para dissolver o tema do livro — crise, um tema de tonalidade de resto tão

^{*} Aves gorjeando (N. do T.).

germânica — o máximo possível num contexto geral histórico e europeu. E ainda assim não consegui me conter e incluí a palavra ‘alemão’ no subtítulo! No período sobre o qual estou falando, o subtítulo ainda rezava, incompleto e pouco apropriado: *A estranha vida de Adrian Leverkühn, narrada por um amigo*. Um ano depois, substituí o frouxo *A estranha vida de* por *A vida do compositor alemão*.

Nunca faltavam interrupções no avanço da incumbência principal provocadas pelas exigências do momento: fosse escrever uma nova emissão radiofônica para a Alemanha e preparar uma palestra para a organização feminina judaica “Hadassah”, fosse redigir um discurso para o colóquio “Writers in Exile” (“Escritores no Exílio”), que teve lugar perante um público numeroso no começo de outubro no Education Building do campus de Westwood. A mediação foi feita por uma inglesa. Os participantes eram Feuchtwanger, um francês chamado Périgord, o grego Minotis, o professor Arlt e eu. Mais uma vez tive a sensação de que, para seres como eu, a experiência pública, a visita ao mundo humano facilmente assume o caráter do fantasioso, do onírico, do grotesco, e quando um tal elemento emerge num contexto poético posterior não é, de modo algum, como acessório, mas encontra-se incluído na própria vivência. A esposa do grego Minotis estava em casa com peritonite. O homem estava muito pálido e *vestia luto*, como se a mulher já estivesse morta (eu nem sei se ela chegou mesmo a morrer). Foi essa a impressão mais forte que o colóquio deixou em mim.

Porém, uma das cesuras mais profundas na história da gênese do *Doutor Fausto* foi uma viagem cheia de paradas para a Costa Leste e o Canadá, à qual havia muito eu me comprometera e que, iniciada a 9 de outubro, paralisou meu trabalho por dois meses inteiros. Não me separei por um instante sequer do manuscrito ainda muito fino; ele acompanhou-me numa pasta junto do material das palestras, jamais

entregue aos cuidados de um *porter*.^{*} Logo ao chegar a Chicago, recebi de meu cunhado, o físico Peter Pringsheim, um presente muito simbólico enviado por um de seus colegas na universidade. Não era nada menos do que o material para a produção de “plantas osmóticas”, assim como Leverkühn pai, especulando, procura explicar no começo do romance: um recipiente com uma solução de silicato de potássio e as obrigatórias sementes de cristal. Carreguei o notável presente durante muitas semanas para Washington, Nova York, Boston, Montreal. Certa noite, em nosso hotel em Nova York, depois de uma ceia no Voisin, li os primeiros capítulos do *Doutor Fausto* para um grupo de amigos íntimos — do qual faziam parte a querida Annette Kolb, Martin Gumpert, Fritz Landshoff e nossa Erika —, e em seguida ousamos realizar o experimento pseudobiológico, não sem um certo calafrio bem-humorado, e de fato observamos os brotos coloridos emergindo no líquido pastoso, cuja melancolia tanto consternou Jonathan Leverkühn e em Adrian provocou um acesso de riso.

Em Washington, como sempre, hospedamo-nos na bela casa de Eugene e Agnes Meyer, nossos mais antigos amigos e benfeitores americanos, em Crescent Place, um centro da vida social da cidade. Foi lá que nos alcançou a notícia da passagem da Itália para o lado dos Aliados e sua declaração de guerra à Alemanha. Discurssei outra vez na Library of Congress, introduzido por MacLeish, e dois dias depois no Hunter College, em Nova York. Na mesma noite, prosseguimos a viagem para Boston, onde muito me alegrou reencontrar Gaetano Salvemini, cuja palestra introdutória granjeou para mim a simpatia do público. A multidão era enorme. Foi necessário negar entrada a centenas de pessoas, e, como em tantas outras vezes, o silêncio compenetrado dos que ouviram meu discurso de uma hora e quinze minutos teve, para mim, algo

^{*} Carregador (N. do T.).

de imponente. “O que traz essa gente aqui?” perguntei-me, “Por acaso sou Caruso? O que esperam de mim? Será que suas expectativas estão satisfeitas, pelo menos um pouco?” Parece que sim. Mas é claro que também ocorrem os mais estranhos malogros e equívocos, pois os agentes literários, querendo prestar auxílio, acabam por nos conduzir a lugares onde parecemos peixes fora d’água, causando estranhíssima impressão. Assim foi em Manchester, uma pequena cidade industrial onde organizaram um tipo de assembléia popular provinciana com o nobre objetivo de angariar fundos em benefício dos países em guerra. O evento ocorreu a portas abertas, em meio ao vaivém da massa e ao som de muita charanga, discursos inflamados e jogos populares. Minha palestra, de todo deslocada, foi a última parte da programação tão variada. A toda a pressa, encurtei-a para meia hora, ou vinte minutos de fala, e mesmo assim ainda estava longa demais e inadequada até a última palavra. Enquanto eu discursava, as pessoas iam deixando o salão em grupos, *to catch their busses and trains*. No final, conforme me assegurou o *chairman*, foi tudo muito divertido — o que eu também achei. Não foi essa a impressão da organizadora do evento, uma matrona pequena e séria que o tempo todo me espiava de soslaio e que estava tão consternada que mal conseguimos convencê-la de nosso prazer em participar do evento. Já estávamos em nosso quartinho no hotel quando ela telefonou perguntando se poderia nos reconfortar com uma garrafa de leite.

Após uma visita a Montreal, Canadá, voltamos a Nova York, onde diversos negócios me aguardavam. No escritório da BBC, dessa vez, portanto, diretamente no local, fiz uma locução radiofônica para a Alemanha, uma *lecture** na Universidade de Colúmbia, um discurso para a comemoração dos setenta anos de Alvin Johnson. Max Reinhardt

* Em inglês: *to catch their busses and trains* = para apanhar seus ônibus e trens; *chairman* = presidente; *lecture* = palestra (N. do T.).

havia falecido. Em virtude de um forte resfriado, não pude comparecer à celebração fúnebre em Nova York — e menos ainda porque, naquela época, o movimento “Free Germany” (“Alemanha Livre”) estava na ordem do dia, apoiado não só pelos círculos de imigrantes alemães, mas também por americanos de origem germânica, como Niebuhr, e reivindicava minha participação na própria liderança. Tratava-se de preparativos, no exterior, para a constituição de um governo democrático para a Alemanha após a inevitável queda de Hitler. Teólogos, escritores, políticos socialistas e católicos faziam parte do grupo de ativistas. E eles queriam colocar-me em sua dianteira. “Idealists”, escreveu na época Felix Langer em seu livro *Stepping stones to peace* (*Calçando o caminho para a paz*), “dream of Thomas Mann as the president of the second German Republic, a post which he himself would probably most decidedly refuse”.* Ele tinha razão. A idéia de um dia retornar a uma Alemanha que se tornara distante, cujo estado após a guerra eu podia razoavelmente imaginar, e ali, contra natureza e vocação pessoais, desempenhar um papel político, causava profunda estranheza em minha alma. Mas em um ponto eu partilhava a opinião dos organizadores: um grupo decidido a opinar sobre o futuro da Alemanha carecia do reconhecimento do governo americano, assim como usufruía de cobertura oficial o grupo Paulus na Rússia ou o governo tcheco em exílio na Inglaterra. Embora já de início eu tivesse manifestado grandes dúvidas quanto à inclinação do State Department em favor de uma organização que lembrasse, ainda que de longe, um governo alemão no exílio, mesmo assim me pus espontaneamente à disposição do grupo para ir a Washington e esclarecer essa questão crucial. Assim fiz, e bastou uma conversa com o subsecretário de Es-

* “Alguns idealistas sonham com Thomas Mann como presidente da segunda República Alemã, um cargo que ele certamente recusaria” (N. do T.).

tado Berle para confirmar minhas expectativas negativas. Não obstante todo o respeito ante os esforços de meus conterrâneos, foi com sentimentos mistos que lhes comuniquei, num novo encontro, o fracasso de minha missão, cujo resultado muito me aliviou.

No teatro, vimos Paul Robeson como Otelo — no começo, na cena do discurso no Senado, muito bom e convincente, nem tanto mais adiante, quando “o caos retorna”. Faltou Desdêmona, e Iago era jovem e inteligente, mas sem ter sido criado para a encarnação da força alegórica quase ridícula do Mal absoluto. Também vimos coisas modernas, em companhia de nossa amiga Caroline Newton. Mais uma vez, despertou-me a atenção a naturalidade perfeita do teatro americano. Não estamos falando de ‘naturalismo’, que é um estilo. Ao contrário, trata-se de uma completa falta de estilização, é um puro deleite com o real, tratando-se muito mais de desinibição do que de arte. Um ator europeu, mesmo de segunda classe, sobressai no grupo como um interessante corpo estranho. Daquela temporada, que não seja esquecida a maravilhosa matinê do quarteto Busch no Town Hall, que tocou com perfeição a *Opus 132* de Beethoven, obra sublime que, nos anos do *Fausto*, como que por destino, ouvi diversas vezes, com certeza pelo menos cinco.

No começo de dezembro, partimos rumo ao Centro-Oeste: primeiro para Cincinnati, a fim de cumprir uma obrigação como palestrante na universidade, e, em seguida, submetidos aos desconfortos da guerra, para St. Louis e Kansas City. Aqui, na casa do governador Dekker, nosso primogênito Klaus veio a nosso encontro como soldado americano, pouco antes de partir *overseas*, ou seja, para os cenários bélicos europeus, adiantando-se a seu irmão Golo, ainda no estágio de *basic training*.^{*} Erika também estava conosco, decidida a retornar à Europa e retomar as atividades como correspondente de guerra.

^{*} *Overseas* = ultramar; *basic training* = treinamento básico (N. do T.).

Foi uma última oportunidade de estar junto dos filhos queridos antes da despedida por um período provavelmente longo.

E por fim, após tanto esforço, aventura e produtividade, tomamos o caminho direto para casa. O tempo todo, em todos os lugares, posso de fato dizer que não tirei o romance da cabeça por um momento sequer. Por meio do médico Martin Gumpert, tinha obtido uma literatura especializada sobre a lues do sistema nervoso central, que consultara esporadicamente durante a viagem e que mais uma vez me fizera pensar na idade desse projeto, que tanto precisou aguardar até a chegada de sua hora, o pleno “amadurecimento do tempo”. Ocorreu-me que, em 1905, portanto quatro anos depois daquela primeira remota referência no caderno de notas, eu já havia me informado sobre esse tipo de livros na livraria Schöler, na Maximilianstrasse em Munique — causando no simpático livreiro uma evidente aflição. Ele alçou as sobrancelhas de tal modo melindrado que não pude deixar de perceber que ele supunha um motivo muito pessoal em meu interesse por tal assunto.

Minhas leituras nos trens e quartos de hotel foram de todo determinadas por uma maior ou menor ‘pertinência’ ao tema. Nada mais me interessava ou me prendia — com exceção, talvez, e se for procedente falar aqui em exceção, das notícias da imprensa sobre os acontecimentos diários, assuntos que interessavam tanto a Zeitblom quanto a mim: por exemplo, a conferência de Hull, Eden e Molotow em Moscou, assim como sua contrapartida na Alemanha, as reuniões de emergência político-militares do marechal Keitel. Acompanhava-me um volume de contos burlescos do século XVI, pois minha narrativa mantinha sempre um pé naquele tempo e deveria ser matizada aqui e ali com tal linguagem, e durante as horas livres na viagem ocupei-me da seleção de expressões idiomáticas e vocá-

bulos do alemão arcaico. Li o *Fausto* de Marlowe e um livro alemão sobre Riemenschneider na Guerra dos Camponeses. Quando se tem pretensões narrativas sérias, é preciso manter contato com as fontes da épica grandiosa e ali banhar as forças. Portanto, li Jeremias Gotthelf, cuja *Schwarze Spinne* (1842, *Aranha-negra*) admiro como quase nenhuma outra obra da literatura universal; do mesmo autor, também o *Uli der Knecht* (1846, *Uli, o servo*), que em muitos pontos resvala no homérico, e a continuação *Uli der Pächter* (1849, *Uli, o arrendatário*), mais fraco. E não podia perder de vista a música, é lógico. Levara comigo tanto as *Mémoires*, de Berlioz, quanto o manuscrito de Adorno sobre Schönberg. Sua admiração cortante, a lucidez trágica de sua severa crítica da situação, era exatamente do que eu precisava. Pois pretendia utilizá-la para a representação da crise geral da cultura, e específica da música, e dela extrair um elemento básico para o próprio tema do meu livro: a ameaça da esterilidade, o desespero inato predispondo ao pacto com o diabo. Além disso, esta leitura alimentava o construtivismo musical que eu trazia em mim como ideal formal e que dessa vez carecia de um imperativo estético muito específico. Eu pressentia que meu livro deveria ser aquilo mesmo de que ele tratava, ou seja, música construtivista.

Com certo espanto, mas não sem ternura, releio o que escrevi em meu diário num solavanco do trem de Denver para Los Angeles: “Tomara que neste inverno o romance se esclareça e tome forma! Eliminar de imediato as falhas no capítulo das palestras. Uma obra de arte difícil, assim como uma batalha, perigo no mar ou risco de vida, nos aproxima de Deus, pois gera um estado anímico religioso, um pio alçar d’olhos fervoroso em busca de auxílio, bênção, misericórdia”.

VII

Voltar para casa é uma aventura encantadora, sobretudo voltar para este litoral. Fascinou-me reencontrar a luz esbranquiçada e o aroma específico, o azul do céu, o sol, o ar marítimo a abrir o peito, a limpidez desta jóia do sul. Há sempre uma certa inverossimilhança em refazer o trajeto da estação para casa (quase uma hora), sabendo que há tanto a fazer quanto havia ao percorrê-lo no sentido inverso. É o tipo de coisa que “nem se imagina”. Vizinhos fiéis, que no entre-tempo haviam mantido um olho sobre nossos bens e recolhido a correspondência, receberam-nos com um enorme saco de cartas; além de torta, creme e flores. A família de Alfred Neumann devolveu-nos o poodle que estivera sob seus cuidados e que agora corria hesitante entre dois donos. Para restabelecer a ordem rapidamente, esgotamo-nos examinando e destruindo pilhas de impressos, organizando as cartas recebidas durante a viagem e as que se acumularam à nossa espera. Uma delas era de Bert Brecht, dura, recriminatória, acusando-me de descrença na democracia alemã. Como foi que o deixei perceber essa descrença? E a acusação era pertinente? Talvez minha opinião fosse de que ainda havia um imenso trabalho a ser realizado antes de ao menos ser possível falar em democracia alemã. Era evidente que Hitler estava perdido, só ele ainda não sabia, e embora tivesse a Europa inteira nas mãos (com exceção da Itália), já fazia sentido pensar no que viria depois. Mas pensar em que termos? Logo após meu regresso, quando tive de me confrontar com uma carta da Overseas Press solicitando um artigo para o *London Evening Standard* sobre a questão “What to do with Germany?” (“O que fazer com a Alemanha?”), tive o seguinte solilóquio: “Questão séria e complexa, mas que não leva a nada. É bem possível que acontecimentos imprevistos venham nos

livrar de mais essa preocupação. Ao fim da guerra, como estará revolucionada, proletarizada, desnuda e exposta, destroçada e descrente, a massa popular com a qual teremos que lidar! Ainda não está descartada a possibilidade da proclamação de um bolchevismo nacional e da anexação à Rússia. Esse país não tem a menor chance de se tornar uma república liberal-democrática decente...”

Não escrevi o artigo. Minha tarefa seguinte, realizada com toda a vontade e plena de lembranças gratas, foi um discurso para a cerimônia em memória de Max Reinhardt, que ocorreu a 15 de dezembro no Wilshire Ebell Theatre em Los Angeles. Foi provavelmente o primeiro encontro entre as duas mulheres que dividiram sua vida, Helene Thimig e Else Heims. Na programação, música de Korngold e Szigeti e partes do filme *Sonhos de uma noite de verão*, além de discursos de colegas e alunos — entre estes, um garotinho americano de onze ou doze anos, da escola de arte dramática de Reinhardt em Hollywood, que expressou com muita graça o desembaraço e a *straightforwardness* típicos dos discursos públicos neste país. “I don’t know how to speak about Max in such a solemn way. We simply were good friends...”* — Encerramos a noite com os Frank no Brown Derby, e nem os assuntos particulares, nem os públicos, conseguiram suavizar a conversa. O estado de Franz Werfel era extremamente preocupante. A situação da guerra na Europa também era apreensiva e sombria. Acabara de ser noticiado o desastroso evento em Bari. Winston Churchill estava acamado no Egito, pela segunda vez com pneumonia.

* *Straightforwardness* = objetividade; *I don’t know (...)* = “Não sei falar sobre o Max de um jeito tão solene. Éramos bons amigos...” (N. do T.)

Eu tinha retomado as alterações no capítulo VIII e dei-lhe um novo final, um dia decidindo que estava pronto: a nova versão era a definitiva. Prossegui então o capítulo IX, mas voltando a fazer inúmeras correções no anterior. Minha consciência estética ainda não estava em paz com essa parte decisiva do romance. Muito tempo depois, reescrevi a conversa final inteira. No final do ano, ainda estava no meio do capítulo seguinte. "Alterações e cortes no IX. Dúvidas quanto à composição. É preciso mudá-la. Lembrei-me de coisas temáticas... Bombardeio intenso de Berlim... Leitura da *Lição de harmonia* de Schönberg... Comecei a escrever a emissão para a Alemanha... Surpresa na correspondência: convocação para o exame de naturalização... Li um pouco das *Lessons in citizenship* (*Lições de cidadania*). — No dia 31 de dezembro: "Reunimo-nos com o coração pleno do desejo de não perder nenhum filho na selvageria do próximo ano, em cujo primeiro dia devo retomar os esforços para a realização deste romance que talvez seja mesmo impossível. Pudera este trabalho tornar-se honroso!"

Mil novecentos e quarenta e quatro ainda era um ano novo quando recebi uma memorável carta de Werfel, ditada em seu leito de doente — provavelmente seu leito de morte —, sobre *Os Buddenbrooks*, que ele havia relido em três dias e chamava, com solene ênfase, de "obra-prima imortal". Muito embora essa obra da juventude levasse uma vida autônoma, independente de mim já havia tanto tempo, quase meio século, de modo que eu praticamente não a considerava mais minha, a carta de Werfel me tocou fundo, tendo-me alcançado em condições tão especiais. Afinal de contas, meu intento poético atual era uma espécie de volta ao lar, um regresso tardio à esfera das cidades alemãs antigas e à órbita musical daquele primeiro fruto. O fato de *Os Buddenbrooks* cativar uma alma tão sensível quanto a de Werfel,

com tamanha intensidade e bem nesse momento, deixou-me atônito e comovido, levando-me a reflexões despojadas de qualquer arrogância. “Pergunto-me”, anotei, “se entre todos os meus livros não é este o destinado a ficar. Talvez com ele eu tenha cumprido minha ‘missão’, e depois disso minha tarefa seja apenas preencher, de modo suportavelmente honroso e interessante, o resto de uma longa vida. Não quero ser ingrato e diminuir a importância do impulso vital advindo dessa cria juvenil, que resultou na *Montanha mágica*, no *José*, na *Carlota*. Mas poderia ser um caso como o do *Freischütz*, que embora tenha sido seguido por várias outras óperas, melhores e mais sublimes, foi o único a permanecer vivo entre as pessoas. Bem, *Oberon* e *Euryanthe* ainda continuam no repertório...” Alguns dias depois visitei Werfel, que, malgrado uma péssima aparência, imediatamente deu início a uma variação oral das formulações entusiásticas da carta. Permaneci ao pé da cama, junto à qual havia um aparelho de oxigênio, enquanto o doente, com os olhos voltados para mim, me assegurava ser quase inacreditável ter diante de si, tão empiricamente, o autor de *Os Buddenbrooks*...

Como esse entusiasmo pueril era típico dele! Sempre gostei muito de Franz Werfel, admirando nele o poeta muitas vezes abençoado e tendo em alta conta sua obra narrativa sempre interessante, às vezes carente de um certo autocontrole artístico. Embora fazendo restrições a seu jogo com o milagre em *Bernadette*,* em termos intelectuais não de todo esmerado, nunca repudiei as tendências místicas crescentes em seu universo artístico de talento ingênuo e rico, o flerte com Roma, a inclinação devota pelas questões da Igreja e do Vaticano — a não ser nos momentos infelizes em que tudo isso assumia uma forma agressiva e polêmica.

* *Das Lied von Bernadette* (1941, *A canção de Bernadette*) (N. do T.).

Na verdade, ele era um homem da ópera, e às vezes se assemelhava mesmo a um cantor lírico (que de fato um dia desejou ser) e ao mesmo tempo a um sacerdote católico. Werfel combateu com perseverança a tentação da conversão, justificando não lhe convir renegar sua origem judaica em tempos de martírio dos judeus. Enquanto “recuperava-se miseravelmente” de seu segundo ataque cardíaco, a fim de, sozinho em Santa Barbara, levar a cabo seu romance utópico, obra estranha e de certo modo póstuma, pude apresentar-lhe algumas partes do *Fausto*, alegrando-me com sua participação atenta. Tínhamos jantado com Alma Mahler na casa dos Romanow e depois fomos ter com ele, que jantara em casa com o médico particular. Ele ouviu os três primeiros capítulos reclinado no sofá, e não esqueço como ficou tocado, talvez devesse dizer intuitivamente inquieto, com o *riso* de Adrian, no qual parecia ter pressentido algo de sinistro, de religioso e demoníaco, volta e meia comentando: “Esse riso! Aí tem coisa! Ah, já sei... Vamos a ver”. — Sua esper-teza divinatória pescou aí uma das *menores* recorrências do romance, cuja elaboração me causava grande prazer, assim como a recorrência erótica dos olhos azuis e pretos, a referência materna, o paralelismo das paisagens ou ainda a recorrência do ‘frio’, aparentada à do riso, que naturalmente já alcançava grandeza e função essencial no livro, percorrendo-o inteiro e desdobrando-se em diversas outras.

Nesse motivo já está presente, ainda disforme, o diabo enquanto herói de fundo, assim como nas ‘experiências’ de Leverkühn pai, e minha tarefa agora era lentamente dar um contorno àquilo que desde o princípio já se deixava pressentir, pouco a pouco ganhando forma e presença, conforme ocorre nos capítulos teológicos de Halle: primeiro com a caricatura de Lutero na figura do professor Kumpf — que ao mesmo tempo inaugura a esfera da linguagem arcaica do romance, por isso reiteradamente citado — e depois com o curso mal-

afamado do docente Schleppfuss. Em meados de fevereiro eu já tinha avançado até esse estágio do livro; embora um artigo comemorativo sobre o jubileu da carreira de maestro de Bruno Walter não tenha sido a única interrupção em meu trabalho central, no começo de março concluí a novela das bruxas e o capítulo XIII. Meu comentário: “A obra não me agrada, parece-me desbaratada. Por certo é um empreendimento original, mas não sei se minhas forças são bastantes. É um erro permitir que o romance assuma formas e dimensões à la *Montanha mágica*, uma tendência que advém sobretudo do cansaço e da indolência”. — A preocupação com o desbaratamento do livro ressurgiu periodicamente nas anotações e nos relatórios diários. O inglês Connolly comentou certa vez, com muito brilhantismo, que não devemos ter ‘ vaidade ’ em demasia para fazer algo ruim, e demasiada ‘ covardia ’ para o confessar. Bem, coragem não me falta para confessar o horror de desperdiçar uma idéia grandiosa, e a impressão de estar fazendo isso causava-me um sofrimento à beira do desespero. No final, a ‘ vaidade ’ triunfou sobre o cansaço e a indolência para fazer do romance a composição sólida e coesa que é. Assim que reencontrei Adorno, procurei inteirar-me da problemática musical do livro, em que precisava ficar mais clara a idéia básica da ‘ erupção ’. Interessado e solícito, ele colaborou mais uma vez, trazendo-me um livro muito ‘ pertinente ’ sobre Alban Berg, nascido no mesmo ano que Adrian (1885) — e com quem, aliás, eu já trocara correspondência. Apagara o fato da memória, talvez porque, na época, não tivesse muita noção da pessoa com quem estava tratando. Foi preciso Alma Mahler me lembrar que, quando da publicação das *Histórias de Jacó*, Berg me escrevera amavelmente de Viena e que eu lhe respondera com gratidão. Eu daria muito para ainda possuir sua carta. Mas, assim como muitas outras, essa também ficou pelo caminho.

O trabalho no capítulo XIV, com as discussões dos estudantes — para as quais, aliás, utilizei uma revista alemã do grêmio juvenil Wandervogel ou semelhante encontrada entre velhos papéis —, foi interrompido por um acontecimento literário memorável, que me ocupou por muitos dias e de modo muito pessoal. Chegaram da Suíça os dois volumes do *Jogo das contas de vidro* de Hermann Hesse. Após anos de trabalho, o colega na distante Montagnola concluía uma obra de velhice muito bela e complexa, da qual até então eu nada conhecia além da grande introdução publicada previamente na *Neue Rundschau*. Diversas vezes eu já tinha comentado que esta sua prosa me era tão próxima como “se fosse parte de mim”. Agora, lendo o todo, fiquei estupefato com a afinidade entre ele e o assunto que estava me ocupando com tanta premência. A mesma idéia do arremedo biográfico, com os traços de paródia que essa forma traz consigo. O mesmo vínculo com a música. Uma obra também criticando época e cultura, embora mais onírica enquanto utopia cultural-filosófica do que propriamente uma explosão crítica do sofrimento ao constatar nossa tragédia. Semelhanças há muitas — perturbadoramente muitas: “É sempre desagradável ser lembrado de que não estamos a sós no mundo” — a frase no diário espelha sem rodeios esse aspecto de minhas sensações, uma variação da questão de Goethe no *Divã*: “É mesmo possível viver enquanto outros vivem?” em sintonia com certas afirmações do personagem Saul Fitelberg sobre a aversão do artista a se informar sobre o trabalho de outros artistas, afirmações, aliás, que eu não via aplicadas a mim. Admito nutrir um verdadeiro menosprezo pela mediocridade, pela existência superficial e basbaque que *ignora* os grandes mestres; e também acho que há gente demais escrevendo. Mas, falando entre iguais, permito considerar-me um bom colega, que não teme admirar o que há de bom e

grandioso à sua volta, que tem prazer em admirar, acreditando demais em admiração para reservar a própria exclusivamente aos mortos. Raras vezes tive melhor oportunidade para manifestar minha admiração, mesclada a sentimentos de camaradagem afetuosos e respeitosos, por um mestre maduro que — decerto não sem grandes esforços e preocupações discretas — soube conservar o humor e a arte do jogo e do praticável em seu processo de espiritualização na velhice. De resto, medir-se com aquele cujo valor reconhecemos não deixa de ser compatível com esse sentimento. “À noite, o romance de Hesse. ‘Magister Thomas von der Trave’ e ‘Joseph Knecht’, cada um tratando o jogo das contas de vidro de um outro jeito, muito bem caracterizado... Em termos gerais, semelhanças espantosas. Minha obra talvez seja mais aguda, mais precisa, mais ardente, mais dramática (por ser mais dialética), mais próxima de nosso tempo, mais imediata. A dele, mais suave, mais entusiástica, mais sonhadora, mais romântica, mais distraída (em sentido elevado). O elemento musical de todo piedoso e antiquado, nada de sublime depois de Purcell. Um ‘romance’ no qual não há espaço para sofrimento e deleite amorosos. O final, a morte de Knecht, delicadamente homoerótico. Muito amplos o horizonte espiritual e o saber cultural, associados a muita graça no estilo do pesquisador biográfico; nomes divertidos.” — Ao escrever-lhe, realcei sobretudo o aspecto humorístico do livro, o que muito lhe agradou.

Nossa filha caçula, esposa de Antonio Borgese, era mãe recente pela segunda vez, e passamos as duas últimas semanas de março em Chicago. Em nosso hotel à beira do lago, entre tempestades de neve e escuridão, eu procurava adiantar o capítulo em curso. Ao mesmo tempo, preparava uma nova emissão radiofônica para a Alemanha, sobre os bombardeios aéreos e a questão de consciência por eles levan-

tada. Acabara de sair a edição alemã de *José, o provedor*, e Bermann abasteceu-me com uma grande quantidade de resenhas de jornais suíços, prós e contras. Consumir uma tal massa de opiniões públicas sobre uma obra que ficou para trás só gera confusão e afogo, além de ser de todo improdutivo. Sem dúvida gratos por uma boa palavra sensata aparecendo aqui e ali a apontar as falhas e os méritos já bem conhecidos de um trabalho, primeiro nos envergonhamos da avidez com a qual nos rendemos a essa fruição insalubre, e depois é ainda maior a ânsia por novas vivências.

Eu persistia no encalço do motivo do pedido de casamento de Shakespeare, li *Medida por medida* e depois o *Santo Antônio* de Flaubert — perplexo com o niilismo histórico dessa obra grandiosa que na verdade nada mais é do que um fantástico catálogo de todas as tolices humanas. “A insensatez do mundo religioso apresentada sem lacunas — e ao final a face de Cristo? Duvidoso.” Também fez parte de minhas leituras naquele momento a visão do diabo de Ivan Karamázov, que reli com a mesma concentração distanciada com que tinha repassado o *Salammbô* antes de começar a escrever *José*.

Ao voltar para casa, recebemos a notícia de que nesse intervalo também Bruno Frank sofrera um sério ataque cardíaco e ainda estava acamado. O *heart attack*, na forma de trombose coronária ou angina pectoris, é a doença mais comum e *causa mortis* mais freqüente nos Estados Unidos, mas parecia grassar com especial intensidade entre os imigrantes, o que pouco espanta. Na época, sofriam de moléstias cardiorrespiratórias tanto Schönberg quanto Döblin, a quem fiz uma visita em seu leito de doente no jardim. Pouco depois, Martin Gumpert quase foi vitimado por um perigoso ataque. Um por um, todos foram obrigados a abandonar o cigarro, agraciados com uma vida cheia de limitações. “Devo considerar meu estado excelente”, diz

o diário. E eu andava num estado lastimável. Em Chicago, exposto ao vento polar, uma mera constipação tornou-se resfriado, bronquite, sinusite, sensação geral de doença, demandando assistência médica. Passei a Páscoa acamado, atribulado com inalações e xaropes, mas em seguida retomei o romance, e no meio de abril encerrei o capítulo XIV, logo começando o próximo, aprontado em dez dias, tendo as cartas de Lutero e o *Simplicissimus** de Grimmelshausen como leitura auxiliar. É o capítulo da correspondência entre Adrian e Kretzschmar, com a imitação dissimulada do prelúdio do terceiro ato dos *Mestres-Cantores* na carta de Adrian, que escrevi com tanto prazer.

Na época, os russos tomaram Odessa, e “o inimigo não conseguiu perturbar nossas manobras de rendição de guarda”. Em vez disso, dirigiu-se contra Sebastopol, cuja vez era chegada. Quase todo dia eram noticiados ataques aéreos colossais à “fortaleza Europa”, que em grande parte era uma imagem construída pela propaganda alemã. As explosões na costa prestes a ser invadida faziam tremer as casas na Inglaterra. O general Perkins comunicou que o desembarque paralisaria as tropas alemãs no fronte ocidental e abriria caminho para a ofensiva russa no oriental. Os russos seriam os primeiros a alcançar Berlim. Aliás, era difícil imaginar a dimensão técnica do desembarque, e seu custo em vítimas humanas era avaliado em meio milhão.

Os alemães haviam invadido a Hungria como se estivéssemos em 1939 e intensificavam o terror na Dinamarca. Ao mesmo tempo, eram inconfundíveis os sinais de seu desalento na vitória, e no aniversário de Hitler os discursos de Goebbels e Göring soaram como

* O romance *Der abenteuerliche Simplicissimus* (*O aventureiro Simplicissimus*), 1668, de Hans Jakob von Grimmelshausen (c. 1621-1676), apresenta um panorama cultural da Alemanha durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-48) (N. do T.).

pratos trincados. O *Schwarze Korps*, que sempre me causou especial horror devido a uma determinada presteza e virulência literárias, publicou um artigo jocoso sobre uma possível ressurreição da República de Weimar, o retorno de Brüning, Greszinsky, Einstein, Weiss e — meu. Jurei para mim mesmo que, em mim, jamais poriam os olhos.

Erika nos leu partes de seu delicado livro de memórias *Alien homeland* (*Terra pátria estrangeira*), despertando lembranças muito nítidas de 1933. Ela polemizava na revista *Aufbau*, a meu ver coberta de razão, contra o patriotismo dos emigrantes do círculo “Democratic Germany” (“Alemanha Democrática”), que almejavam uma Alemanha ‘livre’ e grande, já protestando contra perdas territoriais e até mesmo contra a separação da Áustria — este, sim, o principal motivo de minha rejeição — consciente ou inconscientemente alinhando-se a um sinistro pró-germanismo, melhor seria dizer pró-fascismo, que aflorava em toda parte. Um exemplo notório dessa atitude foi uma carta que recebi na época, assinada por um professor de literatura do Estado de Ohio e cobrindo-me de injúrias por minha *culpa na guerra*. “Mesmo a maior tolice”, escrevi, “pode machucar o coração”.

O contato com Stravinski e sua esposa, *belle russe* dos pés à cabeça, ou seja, daquela específica beleza russa na qual a simpatia humana atinge sua forma mais perfeita, ganhara a familiaridade desejada. Não me esqueço de uma conversa, durante uma visita em nossa casa, em que ele, partindo de Gide e falando ao mesmo tempo em alemão, inglês e francês, pôs-se a discorrer sobre as *Confessions* como produto de várias esferas culturais: greco-ortodoxa, latino-católica, protestante. Em sua opinião, a essência de Tolstói era alemã e protestante. — Já não sei mais quem, na época, me chamou a atenção para o *Maomé* de Voltaire, que li pela primeira vez na tradução de Goethe, com muita admiração pela amostragem de tipos

e caracteres apresentados por esse trabalho genial num estilo histórico cosmopolita. Além disso, andava envolvido com um curioso alfarrábio que de algum modo me caíra nas mãos: *Musikalische Briefe eines Wohlbekannten* (*Cartas musicais de um autor bem conhecido*) (Leipzig, 1852), um livro cômico e instrutivo da era do purismo cultural burguês e no tom do filisteu letrado, como no livro de Nietzsche. No entanto, apesar da ingenuidade arrepiante, trazia informações úteis, por exemplo, sobre Mendelssohn. —

Não obstante algumas horas difíceis e um certo desânimo causado pela consciência de estar “escrevendo errado”, o trabalho no romance agora recuperava um pouco do ímpeto inicial. Seria devido à chegada de maio e junho, a “minha estação”, época do meu aniversário, período do meu nascimento, quando minhas forças vitais cuidam de recrudescecer? Rapidamente se seguiram os capítulos XVI, com a carta escrita por Adrian em Leipzig, onde ‘incluí’ a aventura de Nietzsche no bordel de Colônia, e o XVII, a análise da carta por seu preocupado destinatário. Eu finalmente tinha me desenredado do entrelaçamento de referências que formam a parte introdutória do livro e agora a trama propriamente dita estava em aberto à minha frente. Pude contar a triste história de amor com a borboleta deletéria, cunhando a cifra h-e-a-e-e-s,* e o destino grotesco dos médicos, com uma falta de precisão cujo direito eu adquirira por ter espalhado indícios suficientes ao longo de todo o romance. Na manhã do dia 6 de junho, meu sexagésimo nono aniversário, antes que pudesse lançar os olhos sobre os jornais, Agnes Meyer telefonou-me de Washington para complementar seus votos de feliz aniversário com a notícia de

* Si-mi-lá-mi-mi bemol. No *Doutor Fausto*, “codificação musical” da prostituta Esmeralda (N. do T.).

que havia começado a *invasão da França* na Normandia. Ela estava em posse de informações fidedignas diretas do Ministério da Guerra. A agitação era grande, e, voltando o olhar para a aventura dos onze anos precedentes, não me refreei em considerar como significativo, como 'concordância' em minha vida, o fato de recair nesse dia, no meu dia, o evento tão sonhado, por tanto tempo considerado quase impossível. Naturalmente, o desejo de sucesso da operação acompanhou todas as festivas manifestações de amizade que o dia me proporcionou. O desembarque foi o assunto das conversas com todos os visitantes. O telefone não parou. E também há de ser significativo o fato de que eu, mesmo nesse dia e com todas as interrupções em minha mesa de trabalho, consegui avançar o romance quase no ritmo cotidiano. À noite, recebemos a visita dos Werfel e dos Frank. "Conversa sobre o universo do romance." E: "Às onze horas ouvimos os longos noticiários de Hollywood e Londres sobre a invasão".

VIII

A sexta-feira 23 de junho de 1944 foi, conforme escrevi, "um dia memorável no decorrer destes onze anos de anotações diárias". Acorramos muito cedo e logo após o café da manhã nos dirigimos ao Federal Building, em Los Angeles, onde fomos acolhidos por funcionários públicos que distribuíam instruções numa sala lotada. O *judge* chegou, sentou-se numa cadeira sobre o estrado e fez um breve discurso, cuja linha de pensamento clara e bem formulada certamente tocou fundo não só o meu coração. Todos ergueram-se para a prestação de juramento coletiva e em seguida dirigiram-se à mesa, um a

um, para assinar os documentos de naturalização. E assim nos tornamos *citizens** americanos, e me agrada pensar — embora seja melhor me conter ao proferir tal pensamento — que o fiz ainda no governo Roosevelt, em *sua* América.

Mesmo enquanto já escrevia partes mais adiantadas do romance, diversas vezes voltei a fazer correções na carta de Adrian em Leipzig, um *tour de force* e um dos pontos fundamentais do livro. “Não importa o que faça, está sempre errado. Terei de deixar o tema murchar e ressecar?” Foram períodos, por vezes demasiado longos, de uma fadiga torturante — talvez devido à saúde combalida e à pressão sangüínea muito baixa, uma das poucas desvantagens do clima da Califórnia; eu andava abatido, dispéptico, sem apetite, ultracrítico em relação a tudo o que fazia. O médico prescreveu atropina, ácido clorídrico, injeções de vitaminas — cujo único efeito, na minha experiência, costuma ser apenas causar a impressão de que algo acontece. Muito mais tonificantes foram notícias como a de Cherbourg, onde um almirante e um general alemães capitularam após heróicos radiogramas ao Führer: convidados para um desjejum, deixaram a seus homens a ordem de lutar até o último homem, sob pena de morte. A luta já era por Caen, na verdade por Paris. No fronte oriental, Minsk estava prestes a cair, e após a tomada desse posto, as tropas russas avançaram numa rapidez assustadora, derrubando qual frutos maduros as fortalezas mais defendidas (Lemberg, Brest-Litowsk). Schönberg e muitos outros de meus conhecidos acreditavam piamente num acordo secreto, um jogo de cartas marcadas que seria a única explicação para o contraste entre a retirada irresistente dos alemães no leste e sua defesa acirrada na Itália e na França. Mas como imagi-

* Cidadãos (N. do T.).

nar, àquela altura, um entendimento dos russos com o atual regime alemão? Eu mesmo já tinha chegado a considerar a hipótese de a Alemanha encontrar sua única saída jogando-se nos braços da Rússia. Entretanto, era altamente duvidoso que essa possibilidade ainda estivesse em aberto. Parecia-me fantástico que tanta gente ainda acreditasse nisso. De resto, enquanto a Inglaterra era devastada por ‘robôs’,* no Reich, Goebbels exigia paz com os anglo-saxões, culpava a Rússia e, seguindo uma velha tradição muito útil, que só dessa vez parecia não querer funcionar, apostava tudo no medo do bolchevismo.

Na época, caiu-me nas mãos pela primeira vez o magistral ensaio de Sainte-Beuve sobre Molière, um exemplar magnífico de crítica encomiástica, impregnado por todos os velhos espíritos da tradição e da cultura francesas. Sainte-Beuve elucida de modo comovente a fragilidade da posição do poeta-ator em seu tempo e sociedade, que deve ter sido muito similar à de Shakespeare. Mesmo que à mesa Luís XIV lhe reservasse asas de frango, os oficiais reais não o frequentavam sem reservas, e até Boileau lamentou seu “laivo de doidice”. Sainte-Beuve coloca-o na lista entre os cinco ou seis gênios universais, que, obrando nas épocas primitivas e civilizadas, homéricas e alexandrinas, ainda ingênuas mas já astutas, chegaram a sobrepujar mesmo os maiores por sua plenitude, fertilidade e leveza — entre os quais aparentemente ele *não* inclui Goethe, por exemplo. Goethe mesmo decerto também não o faria, caso contrário, não teria passado a vida a se julgar tão inferior a Shakespeare. Mas há ecos de Goethe nesse francês tão versado que ressoam no ouvido alemão com singular mordacidade, embora com muita propriedade. Ele fala da compostura e do autodomínio de Molière, de sua frieza e lucidez no ar-

* As bombas V-1 e V-2, os primeiros mísseis da história bélica (N. do T.).

dor, frieza habitual mesmo nas peças mais apaixonadas, mas que, segundo Sainte-Beuve, nada tem a ver com a imparcialidade calculista e glacial que encontramos em Goethe, este *Talleyrand da arte*. “Naquela época, tais requintes críticos ainda não haviam emergido no seio da poesia.” — Então o crítico é contra os “requintes críticos”! No fundo, é mais um caso de historiador contra modernidade. Mas quanto ao ‘Talleyrand’ em Goethe, também Byron o chamou de “raposa velha”, e isso no contexto das *Afinidades eletivas*. — — Li um artigo sobre o poeta francês St. John-Perse num periódico suíço e anotei sua opinião sobre o *Carlos XII* de Voltaire: “Extraordinário, mas nada de grande”. Formidável distinção!... Foi Jacob Burckhardt que disse de Voltaire: “Nele, o racionalismo torna-se poético, até mesmo mágico”. — Gostaria de ver um poeta alemão extrair de sua pena uma frase assim! A Suíça é o país onde se diz em alemão as mais deliciosas coisas não-alemãs. Por isso a amo. — Nessa fase, estava aprendendo muito sobre Kierkegaard, estranhamente antes mesmo de decidir ler sua obra. Adorno tinha me enviado seu importante trabalho sobre ele, que estudei junto do brilhante ensaio de Brandes. Anotei a seguinte passagem de Kierkegaard: “O humorista sempre associa a idéia de Deus a outra coisa, e assim gera a contradição, mas não mantém com Deus uma relação de paixão religiosa (*stricte sic dictus*); transforma a si próprio num ponto de passagem jocoso e profundo para toda essa transposição, mas sem manter uma relação pessoal com Deus”. — Seu estilo, ao menos na tradução alemã, não é bom. Mas que bela definição de humor, tão nova e profunda! Que sabedoria grandiosa subjaz a essa observação! — À noite, eu reservava minha maior concentração à música, ouvindo rádio e discos. Veio a calhar ter música de câmara em casa, graças às visitas do violoncelista holandês Vandenburg e dos violinistas Temianka e Pollack, que, de

vez em quando, com um ou outro amigo, tocavam para um círculo de convidados quartetos de Haydn, Mozart, Beethoven (132!), Mendelssohn, Brahms e Dvořák. Michael, nosso caçula, novamente de visita com os seus, entrava com a viola. Pela primeira vez, Frido veio de cabelos curtos. “Desenhei para o pequeno”, aparece com frequência no diário. “Frido, nervoso e irritadiço, fica bastante comigo.”

Os russos estavam às portas de Varsóvia, ameaçando Memel. Em Paris, a força de ocupação, apoiada pelos colaboradores, bramava contra a Resistência, que se erguia cada vez mais impetuosa. Recebemos notícias horrendas sobre a recrudescência do massacre dos judeus na Europa. Logo em seguida ficamos sabendo do atentado dos oficiais do exército contra Hitler e do malogro desse movimento revoltoso, com a execução em massa dos líderes e a completa nazificação das forças armadas, seguidas por uma espécie de mobilização popular, a “guerra total” de Goebbels. — Nesses dias, enviei uma longa carta ao presidente Beneš, pedindo-lhe compreensão para com minha renúncia à cidadania tcheca e aceitação da americana. Recebi uma resposta das mais amáveis. No romance, estava na ordem do dia o retrato de Rüdiger Schildknapp, muito bem-sucedido no aspecto artístico. No aspecto humano — pois tratava-se de um verdadeiro retrato, estilizando os traços de um modelo de vivacidade aliás bem diversa da conferida ao personagem — era de uma ousadia da qual, na época, eu não tinha a menor consciência. Por um lado porque a Alemanha, a Europa e todos que lá viviam — ou não mais viviam — já estavam distantes demais, haviam soçobrado, mergulhado nas profundezas do passado e do sonho — sim, por empenho próprio soçobraram, perderam-se, passaram, mesmo a imagem do amigo que ressuscitei no romance em traços à primeira vista exatos, mas na realidade muito simplificados. Além do mais, eu estava fascinado e completamente absorvido por uma obra

que, sendo puro sacrifício vital e confissão irrestrita, era arte de suprema coesão, ao mesmo tempo deixando de ser arte para se tornar realidade. Mas uma realidade mais tributária à composição do que à verdade, que no livro, em certos casos, é figurada e ficcional. Posteriormente, numa profunda resenha do romance nas *Dramaturgische Blätter*, o alemão Paul Rilla diria o seguinte: “É possível que algum leitor sinta-se como o autor destes comentários, que descobriu no livro, com agradável surpresa, a presença de um amigo, um escritor e tradutor muito simpático, num retrato inconfundível em todos os traços, convincente em cada gesto...” Bem, o “homem em questão” deve ter tido outra opinião, deve ter visto de outro modo os “traços inconfundíveis”. Que lhe seja atestada aqui minha admiração por ele ter manifestado o mínimo da suscetibilidade que eu não poderia deixar de esperar em tal situação.

Certa noite, após uma leitura, Leonhard Frank perguntou-me se, ao criar Adrian, eu tivera em mente algum modelo específico. Neguei, acrescentando ser esta justamente a dificuldade: inventar com ampla liberdade a vida de um músico, de maneira que ele tivesse uma posição verossímil entre as personalidades do mundo da música moderna. Disse-lhe que Leverkühn era, por assim dizer, uma figura ideal, um “herói de nosso tempo”, um homem que traz em si o sofrimento de nossa época. Prossegui confessando-lhe nunca ter amado tanto um personagem imaginário, nem Thomas Buddenbrook ou Hans Castorp, nem Aschenbach ou José, nem o Goethe de *Carlota em Weimar* — talvez a única exceção fosse Hanno Buddenbrook. Dizia a verdade. Eu literalmente repartia com o bom Serenus os sentimentos por Adrian; cheio de desvelo, estava apaixonado por ele desde seus dias de aluno arrogante, estava doido por sua ‘frieza’, seu distanciamento em relação à vida, seu jeito ‘desalmado’, essa instância de mediação e reconciliação entre espírito e impulso, sua ‘desumanidade’, seu ‘coração desespera-

do', sua convicção de ser amaldiçoado. E, ainda assim, curiosamente, mal lhe dei uma aparência, uma presença, um corpo. A família e os amigos viviam me cobrando uma descrição de Adrian — já que o narrador não podia ser mais que um bom coração e uma trêmula mão escrevente, que eu ao menos concedesse uma individualidade física ao herói, dele e meu, permitindo-lhe mover-se com visibilidade. Teria sido tão fácil! Mas, misteriosamente, teria sido inadmissível, impossível mesmo, num sentido até então nunca experimentado! Impossível, mas de uma impossibilidade diferente da que impedia Zeitblom de apresentar uma autodescrição. Aqui era preciso respeitar uma proibição, obedecer ao mandamento da maior contenção: dar ao personagem uma expressão externa significaria aviltar e banalizar o caso psíquico, sua nobreza simbólica, sua representatividade. Não podia ser diferente: apenas as figuras mais distantes do centro poderiam ser personagens romanescas em sentido pictórico, todos os Schildknapp, Schwerdtfeger, Rodde, Schlaginhaufen etc. etc. — mas não os dois protagonistas, que tanto têm a ocultar: o segredo de sua identidade. — —

As semanas estivais, quando escrevi os capítulos antecedentes à mudança de Adrian para Munique, trouxeram-nos um visitante muito especial: Ernst Křenek e sua esposa. Pude agradecer-lhe pelo *Music here and now* e também pelas tantas informações — num passeio a dois sob a colunata de palmeiras egípcias na Ocean Avenue e mais tarde em casa — sobre os destinos da música nos últimos quarenta anos, seu estágio atual, a relação do público e dos diferentes tipos de solistas e maestros com as novas formas musicais. Essas impressões pessoais foram completadas por obras como *Music, a science and art* (*Música, ciência e arte*), de Redfield, *The musical scene* (*O cenário musical*), de Virgil Thomson, *The book of modern composers* (*O livro dos compositores modernos*), de Ewen, e em especial *The*

unconscious Beethoven (*Beethoven inconsciente*), de Ernest Newman. Li com muita atenção um livro que não abordava diretamente o tema, mas cujas análises perspicazes esclareceram-me muitos aspectos do contexto do romance contemporâneo e de minha própria posição em sua história: *James Joyce*, de Harry Levin. Já que continuo sem acesso direto à obra lingüística do irlandês, para conhecer esse fenômeno sou obrigado a recorrer à mediação crítica, e textos como o de Levin ou o grande comentário de Campbell sobre o *Finnegan's Wake* me evidenciaram não só relações insuspeitas como até afinidades, a despeito de todas as diferenças entre nossas naturezas literárias. Meu preconceito era que, comparada ao vanguardismo excêntrico de Joyce, minha obra parecesse de um tradicionalismo insosso. Nesse ponto, é verdade que o vínculo à tradição, ainda que matizado de paródia, permite um acesso mais imediato, facilitando o alcance de uma certa popularidade. Mas trata-se mais de postura que de essência. "As his subject-matter reveals the decomposition of the middle class", escreve Levin, "Joyce's technique passes beyond the limits of realistic fiction. Neither the *Portrait of the artist* nor *Finnegan's Wake* is a novel, strictly speaking, and *Ulysses* is a novel to end all novels".* Isso também se aplica à *Montanha mágica*, ao *José* e ao *Doutor Fausto*, e a questão de T. S. Eliot "whether the novel had not outlived its function since Flaubert and James, and whether *Ulysses* should not be considered an epic"** coincidia plenamente

* "Assim como seu tema revela a decomposição da classe média, a técnica de Joyce vai além dos limites da ficção realista. Em sentido estrito, nem *O retrato do artista quando jovem*, nem o *Finnegan's Wake* são romances, e *Ulisses* é um romance para pôr fim a todos os romances" (N. do T.).

** "Se, desde Flaubert e James, o romance não sobrevivera à sua função, e se o *Ulisses* não deveria ser considerado um épico" (N. do T.).

com minha própria questão: não parece que, no âmbito do romance, hoje só é levado em consideração aquilo que não é mais romance? No livro de Levin há frases que muito me impressionaram: “The best writing of our contemporaries is not an act of creation, but an act of evocation, peculiarly saturated with reminiscences”. E esta outra: “He has enormously increased the difficulties of being a novelist”.* —

“Com esforço no capítulo. É preciso economizar elementos que neste ponto seriam maçantes, concretos demais. Idéia de fazer o diabo aparecer numa máscara tripla, sempre envolto em frieza gélida... Reescrevi a parte mais recente. *Meilleur*.** De novo no XXI. Anotações para a conversa com o diabo. Trabalhei no XXII (técnica dodecafônica). Foi delicioso apropriar-me do material estudado e integrá-lo ao contexto e à atmosfera do livro...” Progredia; confiante ou não. No final de agosto — Paris libertada, a tropa alemã expulsa, Laval foragido, Pétain raptado pelos alemães — avaliei o romance como “metade escrito” e consegui me convencer a fazer uma interrupção, não só devido aos preparativos literários para a turnê de palestras no outono, combinada com a agência literária Colston Leigh. Aliás, escrevi-lhes uma carta reduzindo a excursão, temendo que longas viagens me desgastassem em demasia. Enquanto ia cumprindo tarefas ocasionais menores, como um prefácio à edição de Estocolmo do *Cervantes* de Bruno Frank e um artigo sobre Grimmelshausen para uma outra editora sueca, nas noites em que Leonhard Frank vinha nos visitar eu prestava ouvidos às leituras que ele nos fazia de seu trabalho em curso, a *Deutsche Novelle*. Ele

* “A melhor escritura de nossos contemporâneos não é um ato de criação, mas de evocação, singularmente saturado de reminiscências”; “Ele aumentou em muito as dificuldades de ser romancista” (N. do T.).

** Melhor em francês (N. do T.).

estava numa situação peculiar: já que não podia concluir o romance *Mathilde* sem aguardar o desenrolar dos fatos e o fim da guerra, de modo muito significativo passava o tempo moldando essa pequena novela. Sem dúvida, Frank tinha absorvido muito do espírito do *Fausto*, tanto a atmosfera, quanto certas idéias, que aliás eram tanto minhas quanto dele. Mas o título me assustou. Estava em jogo, é claro, a palavra 'alemã'. Enquanto eu a empregara no subtítulo explicativo, como atributo objetivo e preciso ao 'músico', ele acenava com ela diretamente no título, chegando a fazer dela o próprio título. O colega refutava quaisquer considerações acerca de bom-tom e discrição, embora sempre viesse a mim em busca de conselhos e correções minuciosas. Ouvia com verdadeiro respeito sua leitura em voz baixa, um pouco entrecortada. Muito bem-sucedido é o ambiente poético da pequena cidade alemã antiga (Rotemburgo sobre o Tauber), assim como os pormenores dos ofícios artesanais que esse ex-mecânico e aprendiz de serralheiro bem conhecia e aos quais soube dar uma aura 'alemã' muito específica, com a história baseada num caráter psicologicamente sofrido, numa espécie de ruptura entre sexo e erotismo; enfim caracterizada em seu todo por um demonismo secreto — tudo isso me atraiu extraordinariamente, e continuo um admirador dessa novela tão pouco considerada, que na verdade é uma pequena obra-prima.

Música sempre — a vida e as pessoas, como uma misteriosa oficiosidade, não cessavam de me proporcionar música; muito mais do que hoje, quando, após encerrado o trabalho, ela recuou para a periferia do meu interesse. Através dos Neumann, conhecemos o dr. Albersheim, músico e musicólogo de orientação conservadora, bem diversa da mentalidade de Adorno, muito mais conveniente à minha tarefa. Em sua casa houve serões muito prazerosos, em que ouvimos

diferentes instrumentistas e cantores em ascensão, *stars in the making*.^{*} Temianka morava longe, para o lado de downtown, para lá do Bowl, mas nenhum trajeto me intimidava, mesmo que a estação do ano já trouxesse consigo o risco de neblina na viagem de volta. Houve a *Sonata para violino* de Händel com o mais belo de todos os *largettos*; a *Partita em oito movimentos* de Bach; um quarteto com oboé (aqui substituído pelo violino) de um compositor húngaro presente. Jantamos com Charles Laughton, um ator enigmático e um pouco sinistro, mas muito divertido, que declamou trechos da *Tempestade* em seu admirável inglês britânico. Nem os saraus de Paris ou Munique por volta de 1900 teriam podido oferecer uma atmosfera artística mais íntima, plena de verve e entretenimento.

Na época, Adorno me dera para ler seu inteligente ensaio sobre Wagner, cuja crítica fragmentária e rebelde, nunca resvalando na negação, não deixava de revelar afinidades com meu próprio ensaio “Leiden und Grösse Richard Wagners” (“Sofrimento e grandeza de Richard Wagner”). Provavelmente foi essa leitura que, certa noite, me levou a ouvir outra vez gravações do *Sonho de Elsa*, com a mágica entrada dos trompetes em pianíssimo nas palavras “In lichter Waffen Scheine — ein Ritter nahte da”, e a cena final do *Ouro do Reno*, com sua abundância de belezas e símbolos: a primeira aparição da idéia da espada, a maravilhosa manipulação do motivo do Valhalla, as geniais locuções intermediárias típicas de Loge, o “Glänzt nicht mehr euch Mädchen das Gold” e sobretudo o terceto das filhas do Reno, o “Traulich und treu ist’s nur in der Tiefe”,^{**} de um sentimentalismo tocante e indescritível. “O mundo da tríade do *Anel*”, confessa o diá-

^{*} Estrelas em ascensão (N. do T.).

^{**} “No clarão das armas um cavaleiro se aproxima”; “Não mais vos reluz o ouro, donzelas”; “Só nas profundezas há aconchego e confiança” (N. do T.).

rio, “é minha verdadeira pátria musical”. E acrescentei: “E mesmo assim, ao piano, nunca me canso dos acordes de *Tristão*”.

Naquele momento, música não era o elemento mais premente na continuação do romance, que eu havia prontamente retomado. Com o capítulo XXIII, penetrei na trama social secundária e nas lembranças de Munique, encaminhando o encontro de Adrian com os Schweigestill em Pfeiffering. Havia uma certa relação entre esse tópico e minha leitura na época, as cartas de Stendhal. Não foi pequena a impressão que me causaram masculinidade e espírito, coragem e sensibilidade do autor de *O vermelho e o negro*, um romance que desperta a impressão de antes dele jamais ter havido um romance. Especialmente notável pareceu-me sua experiência com o jovem oficial russo que ele “não ousava olhar”. “Se” (repete várias vezes) ele, Stendhal, “fosse uma mulher, seria tomado pela paixão”. E o que observa em si são justamente as dores do parto de uma paixão. É uma rara erupção de homoerotismo numa natureza de extrema masculinidade, mas ao mesmo tempo muito aberta e psicologicamente curiosa. Com certeza anotei esse episódio pensando na relação entre Adrian e Rudi Schwerdtfeger, esboçada já de longa data, na qual o apego inabalável do segundo seduz a solidão do primeiro, com a homossexualidade desempenhando um papel de diabrete.

O *Tempo deve parar*, de Aldous Huxley, causou-me um prazer extraordinário — nos quadros do romance atual, sem dúvida uma obra suprema e ousada. Reli o *Ecce homo*, de Nietzsche, o *Beethoven*, de Bekker, as *Erinnerungen an Nietzsche* (*Lembranças sobre Nietzsche*), de Deussen. Muito comoventes eram as cartas de nossos filhos “do lado de lá”, causando-nos ao mesmo tempo preocupação e orgulho por sua participação na guerra, que para nós continuava sendo uma luta contra os adversários da humanidade. Klaus agora

estava no hospital do oitavo exército britânico, com malária, depois de presenciar a morte de um amigo na explosão de uma granada numa cidadezinha italiana. Golo, em Londres, trabalhava da manhã à meia-noite na American Broadcasting Station in Europe e minimizava o máximo possível, *ad usum parentum*, o efeito dos robôs que continuavam caindo sobre a cidade. Em Paris, Erika observava atenta a incorrigível atitude da burguesia e da classe alta francesas — apoiada pelos libertadores.

O destino do Terceiro Reich ia se cumprindo rapidamente. Já não se falava mais da “fortaleza Europa”, mas da “fortaleza Alemanha”. Topônimos alemães começaram a aparecer nos boletins de guerra de ambos os lados. Nos frentes ocidental e oriental, os Aliados estavam em solo alemão. O que ainda restava de vivo no Estado nazista era utilizado para horrendos assassinatos. O estrangulamento dos oficiais participantes da conspiração ‘salvadora’* foi realizado com especial lentidão e filmado exclusivamente para o Führer. O general Rommel, também envolvido, tivera a opção entre o suicídio, com exéquias oficiais, ou um vil processo por alta traição, com morte no patíbulo. Ele preferiu o veneno e continuou sendo o “mais importante chefe de exército desta guerra”. Conta-se que Montgomery costumava carregar uma foto de Rommel, com a esperança de um dia encontrá-lo face a face. Não há dúvidas de que a Inglaterra, sempre tão esportiva, o teria festejado como o oponente tenaz, ousado e habilidoso que havia sido. Será que não teve mesmo oportunidade de escapar pelo canal da Mancha? Tristeza e raiva a cada um que morria por Hitler... Quando Aachen já era um amontoado de cinzas e ruínas, começou a limpeza interna entre os maiores nazistas.

* Atentado contra Hitler, em 20 de julho de 1944, organizado por um grupo de militares liderado pelo coronel Claus von Stauffenberg (1907-1944) (N. do T.).

Entre nós, a meta era garantir o *fourth term* de Roosevelt contra a candidatura republicana, e fiquei feliz por ter sido convidado pelo partido a falar em um comício em prol do homem admirável. Ao lado de anotações como “Trabalho longo e com afinco no capítulo”, no final de outubro aparece também esta outra: “Discurso para Roosevelt”. O *gathering* foi no dia 29 à tarde, no jardim de uma mansão em Bel Air. Eram apenas cerca de duzentas pessoas, que resistiram durante horas em poltronas espalhadas no gramado, tendo *a good time* mesmo quando caiu a noite, fria e enevoadada. Nessas ocasiões, é de uso no país que o apoio político e o *money raising** — para os quais certos oradores desenvolveram uma técnica impressionante — sejam entremeados de toda sorte de distrações, que contribuem a seu modo para a força publicitária do evento, mesmo sem ter a mínima relação com a causa política. Nessa ocasião vieram, entre outros, um mágico muito habilidoso dito “O Espanhol”, que afirmava ter aprendido sua prestidigitação com um grande mago chinês chamado Rosenthal, e uma ventríloqua muito novinha, mas já do primeiro escalão de seu *métier*, que conversou com tanta graça com sua boneca de olhar rígido que eu ainda estava rindo ao subir ao palanque para fazer meu discurso, aparentemente sério demais para a ocasião. Mas no final a seriedade *não* foi demasiada, mas suficiente — a seu modo, é claro. Em seguida houve mais um número cômico, e todos se divertiram tanto que a reeleição de F.D.R. já parecia fato decidido.

Que estranha emoção provoca em mim o breve apontamento do dia seguinte! Ele indica um novo contato com *Trabalhos de amor perdidos* e conserva uma passagem da comédia, os nefastos versos:

* Em inglês: *fourth term* = quarto mandato; *gathering* = encontro; *have a good time* = divertir-se; *money raising* = arrecadação de fundos (N. do T.).

"There form confounded makes most form in mirth;
When great things labouring perish in their birth."*

Acrescentei: "O primeiro verso poderia referir-se ao *José* e o segundo, ao *Fausto*".

Tivesse eu esquecido o medo que tive de ver o romance arruinado, os escrúpulos e as dúvidas que enfrentei por causa dele, a citação e o comentário teriam me refrescado a memória. Tormentosas, essas preocupações cresciam à mesma proporção que minha saúde declinava. Dois dias depois, durante uma pequena festa (na casa de Eddy Knopf, com Ernst Lubitsch, Salka Viertel, o conde Ostheim e sua esposa americana), fui acometido por uma violenta dor de cabeça, e no dia seguinte já estava acamado, com uma gripe que atingiu o sistema digestivo e que, no decorrer de uma semana, consumiu sete de meus quilos, uma perda que demorei meses para recuperar.

IX

Deixei a cama pontualmente para o dia da eleição, 7 de novembro. Mas, como de costume, estava difícil curar a infecção, que proliferava pelo organismo com conseqüências malignas: primeiro uma irritante inflamação da garganta; em seguida, o "nervo trigêmeo", causando-me fortes dores faciais e uma falsa dor de dentes, que me proporcionaram dias ruins e noites péssimas. A combinação de Empirina com Codeína não ajudou muito, passei a aplicar cataplasmas de grão

* "Onde forma confusa faz de forma festa/ Perecem vindo à luz tantas grandes obras", tradução livre (N. do T.).

de linhaça quente dentro da boca e, em minha ira contra a nevralgia, tanto abusei desse recurso que queimei severamente a mucosa bucal.

Tudo isso evidenciava a necessidade de uma mudança no ritmo de trabalho. Era chegada a hora de outra turnê de palestras, e assim começou a busca por um assunto novo, à altura das circunstâncias do momento e conveniente a minhas próprias necessidades; um assunto próximo ao tema central, a ele subordinado e relacionado. Portanto, algo sobre a Alemanha, sobre o caráter e o destino do povo germânico. Em meio a toda sorte de leituras sobre a história alemã — a Reforma, a Guerra dos Trinta Anos, incluindo a *História da Europa*, de Croce — continuei a juntar anotações sobre o tema, aliás sem muito entusiasmo ou convicção. Se tais mudanças na linha de pensamento costumam ser maçantes, se a obrigação de me orientar em um novo assunto costuma onerar-me os nervos e a saúde — no contexto da época isso adquiria um peso triplo. Mas, a despeito de toda a obstinação interna, eu pouco ansiava por retornar à tarefa principal. “Desânimo profundo, sem fim, reforçado pelo horror ante o malogro deste romance que comecei a escrever estimulado por tantas sensações novas. Dias difíceis, inativos.” E então: “Jantar na casa dos Werfel com os Frank, recém-chegados de Nova York. Frank mais abatido do que recuperado. Li o capítulo XXIII (Munique) com grande esforço. O entusiasmo dos amigos me surpreendeu. Werfel fez comentários inteligentes e tocantes sobre a temática e tudo o que há de novo na composição deste livro que me parece tão comprometido”. — Foi decisivo. Ainda utilizei as horas de trabalho da manhã seguinte para o esboço da palestra, mas dois dias depois desmarquei os compromissos com agentes literários e MacLeish, por motivo de saúde. “Refleti muito e tomei a difícil decisão; um certo alívio com um pouco de vergonha, como um

aluno gazeando aula. Mas abandonar o romance num momento de apuro não seria a mesma coisa? O próprio desassossego causado pela obra, *que de um modo ou de outro tem de ser levada a cabo*, é um motivo a mais para não protelar sua realização em nome da viagem e do árduo trabalho na palestra. Enquanto escrevo, K. despacha os telegramas. Empirina contra as dores...”

De um modo ou de outro. Outra vez o diário: “Ocupado com o *Fausto*. Preparativos para nuances da trama e da linguagem na próxima etapa... À noite, novamente as cartas de Nietzsche. Comovido por sua relação com Rohde, que, a despeito de toda a proximidade, cada vez mais se transforma numa anti-relação. Ao contrário de seu relacionamento com Burckhardt, unilateral e desesperançado. O momento de lucidez de Brande. O entusiasmo escolar de N. ao descobrir que ‘Goethe’ significa vertente, criador, garanhão, o homem!...” Em quinze dias escrevi o capítulo XXIV, que se sucede em Palestrina e serve de transição; no entretanto, certa noite li a correspondência entre Adrian e Kretzschmar para o casal Adorno e amigos que os acompanhavam. Adorno, hegeliano, interessou-se pela ‘dialética’ das cartas. Elogiou a descrição musical aí entretecida, curiosamente sem reconhecer o modelo (o prelúdio do terceiro ato dos *Mestres-Cantores*), pois ficou confuso com as dimensões da peça, acreditando que se tratasse de algo muito mais longo, inventado por mim — o que não me desagradou. Para mim, o mais importante foi recolocá-lo em contato com a esfera musical do romance, reacendendo seu interesse. Adorno não tinha familiaridade com Schönberg, aliás por mais que o tivesse em alta conta — talvez o mestre farejasse traços críticos na admiração do mais jovem. Em contrapartida, a casa de Schönberg era freqüentada por Hans Eisler, cuja conversa brilhante sempre me trazia

enorme prazer, sobretudo quando o assunto era Wagner e sua relação ambivalente com os grandes demagogos. Eu ria às lágrimas quando Eisler o “pegava no pulo” e, com o indicador em riste, gritava: “Seu tratante!” Lembro-me de certa noite em que ele e Schönberg, aliás por sugestão minha, sentaram-se ao piano à procura de dissonâncias indissolutas na harmonia do *Parsifal*. A rigor, havia apenas uma: na parte de Amfortas no último ato. Seguiu-se uma explanação das formas arcaicas da variação, que me interessavam por bons motivos, e ao final Schönberg presenteou-me com o manuscrito original contendo as notas e os algarismos traçados a lápis para essa explicação.

Na época, chegou a mim o *Ou... ou...* de Kierkegaard, que estudei com cuidado. “Seu louco amor pelo *Don Juan* de Mozart. O cristianismo descobrindo a sensibilidade ao mesmo tempo que o espírito. A música como esfera demoníaca, ‘genialidade sensível’... A afinidade de meu romance com o mundo mental de Kierkegaard, sem que dele eu tivesse o menor conhecimento, é mesmo impressionante. Certos trechos, como a conversa no monte Sião sobre a concepção cristã de casamento, deveriam revelar um conhecimento de K.” — Por volta de meados de dezembro, comecei a escrever, “para o que der e vier”, o capítulo XXV, o capítulo do diabo, em cujo início Leverkühn está no salão dos italianos segurando o livro dos ‘Cristãos’. “Trabalho na conversa com o diabo” foi o relatório das atividades diárias por mais de dois meses, passando o Natal e adentrando uma boa parte do ano novo, entremeadas às peripécias da vida e aos fatos da guerra e da saúde, além das inevitáveis distrações profissionais, das quais cito apenas: as emissões radiofônicas mensais para a Alemanha, para cuja gravação em disco eu tinha de ir à National Broadcasting Company em Hollywood, e um artigo sobre a agonia da Alemanha para a *Free World*, que circulou no país por meio da *Readers Digest* e de diversas

estações de rádio. Escrito sob grande choque, o próprio título, “The end” (“O fim”), já aponta a afinidade entre o texto e o âmago temático do romance.

Eu ainda estava nos primeiros estágios do diálogo de Adrian com o visitante há muito aguardado e, às escondidas, há muito já apresentado, quando um telefonema de meu irmão Heinrich noticiou a morte de sua companheira de tantos anos. Dessa vez, após repetidas tentativas, a infeliz tivera sucesso em livrar-se da vida por meio de uma dose excessiva de sedativos. Nós a sepultamos no dia 20 de dezembro no cemitério de Santa Monica, e uma numerosa comitiva fúnebre manifestou ao pobre solitário seus pêsames respeitosos. Heinrich passou o resto do dia conosco, e é compreensível que após essa perda nossos laços tenham se estreitado. Retribuíamos suas visitas regulares indo às vezes a seu distante apartamento, em Beverly Hills, que ele fez questão de conservar. Nessas ocasiões, ele nos lia partes de seu genial romance fantástico, *Empfang bei der Welt* (1956, *Recepção no mundo*), que na época ia tomando forma nas mãos do trabalhador incansável. Era uma mascarada fantasmagórica, situada ao mesmo tempo em todos os lugares e em lugar nenhum, um originalíssimo jogo social de gerações em local indefinido. Pouco tempo depois, a revista moscovita *Internationale Literatur* publicaria longos trechos de sua obra memorial *Eine Epoche wird besichtigt* (1946, *Uma época passada em revista*). No artigo “Bericht über meinen Bruder” (“Relato sobre meu irmão”), que escrevi para uma publicação alemã no México por ocasião do septuagésimo quinto aniversário do grande escritor, tentei expressar minha admiração por esse livro ímpar, tanto pela humildade orgulhosa e pelo estilo futurista misturando simplicidade e intelectualismo resiliente, quanto por sua obstinação de ingenuidade extrema. —

Coisas da vida... Dez dias depois das exéquias, um batismo: Tonio, o segundo filhinho de nosso caçula, e Dominica, a segunda filhinha de nossa filha Elisabeth Borgese, foram consagrados cristãos na Unitarian Church, do modo mais humano e racional possível, com um mínimo de pretensão religiosa. Foi a experiência mais agradável que já tive numa igreja. No círculo familiar, com Borgese e amigos como os Neumann, a conversa girava em torno da guerra. Retrospectivamente, eram estranhíssimas nossas análises hesitantes das perspectivas políticas que na época ainda estavam em aberto. Apesar da situação desesperadora da Alemanha de Hitler, não pareciam descartadas possibilidades como: um prolongamento da guerra por tempo indefinido, no entretanto com uma ou outra mudança de governo; morte de alguns dos líderes e acordos de paz concluídos por outros homens e somente após um período de caos. Ao avaliar o 'moral' das tropas americanas a partir da atmosfera no país, a situação dava o que pensar. Aqui grassava o ódio contra judeus, russos, ingleses — só não contra os alemães, na realidade os únicos inimigos. A coesão entre os Aliados estava ameaçada, e só se mantinha unida pela energia diplomática de Eisenhower, cujo desembarque na Normandia fora uma obra de mestria técnica sem precedentes — mas esse estadista era apenas o executor de uma vontade e de um engenho superiores. O verdadeiro estadista, pela quarta vez senhor da Casa Branca, o aristocrata amigo do povo, o grande político do bem, que nada devia aos ditadores europeus em capacidade e argúcia para dirigir as massas, seu oponente nato, para quem a guerra popular contra o Japão fora um meio de repelir o fascismo salvo em 1938 na conferência de Munique* — esse homem estava marcado pela morte.

* Encontro dos governos da Inglaterra, França, Alemanha e Itália, em setembro de 1938, para resolver a crise gerada pela reivindicação de territórios da Tcheco-Eslováquia por parte da Alemanha. Resultou em fortalecimento político de Hitler (N. do T.).

O ano chegou ao fim carregado de preocupações políticas concretas. Trazendo consequências terríveis, estava em pleno vapor a ofensiva de Rundstedt,* uma última tentativa ousada e desesperada de mudar o curso do destino, muito bem preparada pelos nazistas. “Retirada para posições mais estratégicas” era uma expressão que há muito tempo só aparecia nos boletins de guerra do inimigo. Agora era nossa vez, no leste da França. Perda de todas as testas de ponte num fronte de cem quilômetros, restando apenas as regiões em torno de Aachen e uma faixa na região do Sarre; Estrasburgo e mesmo Paris ameaçadas; em toda a Europa, pânico ante um recrudescimento das forças alemãs: era esse o quadro da época, e todos se horrorizavam com o destino dos pobres belgas, novamente em mãos dos alemães. Mas a aventura acabou por degradingolar. Assim como os jornais, só por poucos dias é que minhas anotações diárias conseguiram omitir essa preocupação. Mesmo nesses dias angustiantes, prossegui o trabalho no livro e, em meados de janeiro, numa leitura em casa, li de uma só vez quase tudo o que já havia escrito da conversa central, cerca de trinta páginas. Erika estava conosco e imediatamente fez sugestões de cortes, o que muito me aliviou. “O tamanho”, diz o caderno diário, “é a ameaça estética a esse capítulo tão ligeiro no início — assim como ao livro inteiro. Se a tensão conseguir se manter mesmo em tais proporções, significa que é forte o bastante”. Ao final de fevereiro, já era possível vislumbrar o fim da conversa monstruosa. Com as declamações histéricas do locutor alemão anunciando a “luta sagrada pela liberdade contra a massa desalmada” retinindo-me nos ouvidos, escrevi as pági-

* Mais conhecida como ofensiva das Ardenes, foi o último ataque do Exército alemão (comandado pelo general Rundstedt, 1875-1953); de dezembro de 1944 a fevereiro de 1945 (N. do T.).

nas sobre o inferno, que com certeza formam o episódio mais penetrante do capítulo — de resto, impensável sem a experiência interna de um porão da Gestapo. Era sempre esse trecho que eu selecionava para ler em público, almejando criar uma auto-ilusão estimulante e apresentar a parte mais consistente do livro, o filé mignon portanto, o que tornava incompreensível para os ouvintes minha preocupação com o romance em geral.

Conforme anotado, foi no dia 20 de fevereiro que acabei a conversa, sobremaneira aliviado. Eram cinquenta e duas folhas manuscritas. Só agora estava realmente pronta a metade do livro, metade exata até no número de páginas. Era chegado o momento adequado para uma pausa, e logo nos dias seguintes comecei a aperfeiçoar a palestra para Washington, já esboçada: “Germany and the Germans” (“A Alemanha e os alemães”), que me ocupou nas quatro semanas seguintes. Àquela altura, a queda e a desintegração do “Terceiro Reich” já estavam bem adiantadas. A região do Memel fora ocupada, Posen e Breslau estavam cercadas. Os fugitivos alcançavam Berlim e eram forçados a seguir adiante. Aparentemente já não mais coagida pela censura, a *Kölnische Zeitung* escreveu abertamente que o Reich estava tomado pelo pânico de um extremo ao outro, e que, após cinco anos de guerra, estavam esgotadas as forças do exército, do povo e do próprio Führer. Os russos, a sessenta quilômetros de Berlim, onde massacraram infantaria e artilharia pesada, tinham exortado os alemães a eliminar o regime e entregar seus líderes, caso contrário a catástrofe nacional seria inevitável. Mas quem poderia entregar quem, eliminar o quê? Os nazistas já se tinham organizado para que o corpo do Reich não fosse salvo em vida, mas que se esboroasse. No começo de fevereiro, corriam boatos de que, após a queda de Berlim, seria formada uma linha de

resistência na altura da Áustria e dos Alpes da Baviera, com Berchtesgaden como forte central, ou seja, com refúgio nos bosques da Boêmia. Rumores que logo esmoreceram.

O manifesto dos "Big Three"* em falta não abriu mão da "Unconditional Surrender,"** mas garantiu não haver o menor intento em se aniquilar o povo alemão. A retirada das tropas de Hitler da margem oriental do Reno se completara, com a destruição de todas as pontes exceto uma, que misteriosamente ficou inteira. Até então, considerava-se muito difícil a travessia do rio pelos americanos, mas no começo de março isto subitamente se tornou um fato consumado, garantindo a tomada de Bonn e o acesso de tropas de reforço. Naquela época, li os artigos de Heine sobre filosofia e literatura alemãs e sobre a lenda de Fausto. Ao redigir a palestra, permaneci internamente ligado à tarefa principal, por vezes lendo o que tinha escrito nos últimos tempos. Os encontros sociais também contribuía para manter vivo o 'contato' com o romance, como certa ocasião na casa do jovem Reinhardt, onde, após o jantar, desenrolou-se uma longa discussão sobre música com Schnabel, Schönberg e Klemperer. Trabalhando na palestra, ao escrever a passagem sobre o romantismo alemão, li os diários de Hebbel e encontrei esta frase grandiosa (escrita em Paris): "Até agora, a história só chegou a conquistar a noção do direito eterno; daqui em diante, terá de aprender a empregá-lo". — Na época, recebi uma carta de rara beleza, escrita por um soldado americano nas Filipinas. "I envy you your swift, sure maturity, your heritage of culture, your relentless self-discipline. Such things are hard-won in European civilization. Here in

* Roosevelt (1882-1945), Stalin (1879-1953) e Churchill (1874-1965) na conferência de falta (fevereiro de 1945). Definição das linhas mestras da ocupação da Alemanha e das esferas de poder na Europa oriental (N. do T.).

** Rendição incondicional (N. do T.).

America they are almost nonexistent.”* Essa carta me fez muito bem; não só por mim mesmo, mas também pela pobre Europa humilhada. Esse jovem ianque não parecia ser partidário do “American Century”.** Uma outra manifestação americana também me enterneceu: nosso velho amigo e vizinho, o emérito professor de filosofia Dean Henry Rieber, tocado pela melancolia de meu artigo “The End”, publicado na revista *Free World*, disse-me apertando-me a mão: “Don’t take the world too hard! Each evening we pray for you”.*** Como era diferente a atitude dos imigrantes patriotas ante meu modo de vivenciar e explicar a derrocada da Alemanha! Mal eu acabara de escrever “Deutschland und die Deutschen” (“A Alemanha e os alemães”) — uma interpretação da tragédia alemã que, ao ser publicada na velha pátria, me granjearia a simpatia de muitos corações que se haviam afastado de mim —, meus sentimentos e minha postura começaram a ser atacados: primeiro pelo artigo de um professor universitário de Hentig na publicação social-democrata nova-iorquina *Volkszeitung*, e em seguida por penas ainda mais grosseiras, lamentavelmente secundadas e atizadas por Alfred Döblin, durante vários meses regularmente me atacando e deprimindo, muito mais do que eu deveria ter consentido.

No final de março, começaram os preparativos para a continuação do *Fausto*; fiz uma tabela cronológica com uma visão geral dos fatos históricos e eventos culturais de 1913 até o fim do livro e revi meu diário no fim da Primeira Guerra Mundial. Corrigi a versão datilografada dos capítulos prontos e “não fiquei feliz”. Desde a travessia do Reno e a luta

* “Invejo sua maturidade ágil e segura, sua herança cultural, sua autodisciplina implacável. São coisas que a civilização européia alcançou com muito custo. Na América, são praticamente inexistentes” (N. do T.).

** Século americano (N. do T.).

*** “Não leve o mundo tão a sério! Toda noite rezamos pelo senhor” (N. do T.).

no Oder, a rapidez dos acontecimentos na Alemanha era motivo de grande desconcentração; todavia, sem erguer o moral. “Desesperança vitoriosa” é uma das expressões no diário que entendo como a minha descrença na capacidade dos Aliados de garantir a paz depois da guerra. A conversa que tive com dois suíços que me visitaram, um cônsul e um jornalista, só girou em torno do confronto entre os Estados Unidos e a Rússia e da necessidade de reconstruir a Alemanha em breve. “A vitória terá piores conseqüências do que da última vez.” Entre os amigos, o tema central era a “certeza de uma guerra de destruição total no futuro”.

“Trabalho no romance. Esforços para reencontrar o gancho e reavivar a vontade. Mas me sinto tolhido por desagrado e enfado. Já quase não duvido de que a obra gorou. Mesmo assim, vou levá-la a cabo.” Tinha começado a escrever o capítulo XXVI, a parte do livro que introduz a eclosão da guerra em 1914, quando certo final de tarde — foi no dia 12 de abril — recolhi o jornal noturno na entrada da garagem, onde o jornaleiro costumava depositá-lo. Dei uma olhada na *headline** em letras garrafais, estremeci e, sem dizer palavra, entreguei o jornal à minha mulher. Roosevelt estava morto. Ficamos transtornados, com a impressão de que, à nossa volta, um mundo suspendia a respiração. O telefone tocou. Recusei improvisar um comentário para a rádio. Redigimos um telegrama à viúva e passamos parte da noite ouvindo os noticiários, comovidos pelas homenagens e manifestações de pêsames no mundo inteiro. Nos dias seguintes, não se ouvia ou lia outra coisa que não fosse sobre Roosevelt, os pormenores da morte, a cerimônia de sepultamento no Hyde Park. O mundo inteiro estava abalado e consciente de que essa perda era uma tremenda fatalidade. As palavras da honorável Eleanor Roosevelt ecoavam em nossos ouvidos:

* Manchete (N. do T.).

“Minha tristeza é maior por nosso povo e pela humanidade do que por nós próprios”. E, mesmo assim, não havia dúvidas de que uma espécie de alívio e satisfação mesclou-se ao luto nacional, mal se ocultando nas solenidades oficiais. Era impossível não ouvir o ‘ufa!’ típico em caso de morte de grandes personalidades — um homem que eleva a nação acima do nível cotidiano é exaustivo para o povo. Falava-se de gente que tinha estourado champanhe ao receber a notícia fúnebre... Não faltaram garantias de que tudo continuaria igual, não houve adiamento da conferência dos Aliados em San Francisco,* na qual o finado deveria tomar parte. A guerra prosseguia. Discursando no Congresso, o sucessor de Roosevelt fincou pé na exigência de “Unconditional Surrender”, seguida de uma paz duradoura. Não havia planos de alterações na esfera militar; em contrapartida, muitas na vida civil. “É o fim de uma época. Não será mais a América a que chegamos.”

Participei das obséquias no Municipal Building de Santa Monica. Foram ministradas por sacerdotes: um bispo e um rabino, o qual, aliás, proferiu o discurso central, dando-lhe a estranha forma de um lamento primitivo, uma espécie de cântico do deserto, e, a cada vez que era pronunciado o nome do falecido, o grupo judaico na platéia respondia com um choro ritual. Foi seguido por minhas palavras. Não pudemos ficar para o discurso do bispo, pois foi preciso telegrafar imediatamente o texto de meu necrológio, em inglês e alemão, publicado pelas revistas *Free World* e *Aufbau* e também numa versão em espanhol. Utilizei-o como base para uma de minhas últimas emissões radiofônicas para a Alemanha, cuja imprensa desfizera-se em baixezas sobre o grande opositor de seus maiores. Simultaneamente, tive de preparar uma saudação a ser pronunciada no jantar de inauguração do

* Criação da ONU, em 26 de abril de 1945 (N. do T.).

movimento Interdependence, criado pelo filósofo Will Durant. A cerimônia foi no dia 22 de abril, no Hotel Roosevelt em Hollywood. Theodore Dreiser estava presente. Nesse entretanto, o general americano que havia tomado Weimar obrigou a população civil alemã a visitar os crematórios do campo de concentração local, atribuindo aos cidadãos, que afirmavam nada saber a respeito do assunto, a responsabilidade parcial por tudo de execrável que lá ocorrera e agora estava sendo revelado para o mundo inteiro. As atrocidades descobertas ali e em outros lugares superavam quaisquer expectativas, iam além do imaginável. Comissões parlamentares dirigiram-se para a Alemanha a fim de informar os participantes da conferência de San Francisco sobre o inacreditável. Para nós, que desde o começo conhecíamos aquilo que na Alemanha chamou-se o “Estado nacional”, nada causava surpresa, nada era inconcebível. Mas a agitação era grande, e uma conhecida nossa, casada com um pensador americano, estava tão envergonhada que mal saía à rua, durante vários dias evitando se mostrar em sociedade. O Office of War Information pediu que eu me manifestasse, e atendi com o artigo “Die Lager” (“Os campos”), que, conforme soube depois, conheceu enorme popularidade.

Com tudo isso, no desencadear de tantos fatos insanos, em meio à saraivada diária de notícias estonteantes — Mussolini preso e executado sem piedade; Berlim ocupada pelos russos, a bandeira soviética na cúpula do Reichstag; suicídios aos montes entre os mandachukas nazistas, que enfim engoliram as cápsulas de ácido cianídrico havia muito distribuídas entre eles como medida de precaução; Hitler e Goebbels mortos e carbonizados, a imprensa britânica publicando coisas como: “The day is ours, the bloody dog is dead”* —, eu tinha

* “Chegou nosso dia, o cão sanguinário está morto” (N. do T.).

conseguido, para usar a expressão do diário, “pôr o romance nas costas”, e trabalhava, até que com certa fluência, no capítulo XXVI, quando Adrian se instala em Pfeiffering — e o fiz até mesmo naquele sétimo dia de maio, quando anotei no diário: “Capitulação da Alemanha. A rendição incondicional foi assinada com um apelo à generosidade dos vitoriosos... Então é esse o dia da realização e do triunfo, correspondente àquele há doze anos, em que comecei esta série de anotações diárias? O que sinto não é bem entusiasmo. Vai acontecer isso e aquilo com a Alemanha, mas na Alemanha mesmo não vai acontecer nada. E convictos exatamente disso, por aqui certos grupos de compatriotas dão sua contribuição hostil para refrear nossa alegria. Realização há em ter sobrevivido. Há cinco anos, quando a França caiu, Goebbels divulgou a notícia de minha morte. Ele não podia imaginar que seria diferente. Se eu tivesse levado a sério a falsa vitória de Hitler, se ela de fato me tivesse tocado o coração, realmente nada me restaria além de deixar de existir. Sobreviver significava vencer. Eu tinha lutado e, por ter sobrevivido, respondi aos detratores da humanidade com escárnio e maldição; portanto a vitória também foi pessoal. Tenho absoluta clareza sobre a quem a devo: Roosevelt”.

Sem o hábito havia muito enraizado, mantido com disciplina mesmo nessa época, de bloquear as horas matinais, entre nove e meio-dia ou meio-dia e meia, contra todas as influências do mundo exterior, dedicando-as inteira e completamente ao trabalho solitário, com tanta afluência do mundo externo eu não teria conseguido prosseguir a composição dos hinos de Adrian a partir de poemas de Keats e Klopstock (capítulo XXVII) — e não sem a colaboração de Adorno, cujo interesse pelo livro crescia à medida que ele se inteirava de seu conteúdo e que começou a mobilizar para o romance sua faculdade imaginativa musical.

Começaram a chegar as primeiras notícias diretas da Alemanha ocupada: ficamos sabendo quanta gente havia ouvido, com avidez e a despeito de todos os riscos, a rádio britânica e minhas emissões. Klaus encontrava-se em Munique como enviado especial da “Star and Stripes.”* Nossa casa, repetidas vezes atingida pelos bombardeios, conservara os alicerces, mas seu interior, que antes já havia passado por diversas reformas, fora de todo destruído. Sabíamos que, sob os nazistas, por um certo período ela fora utilizada como abrigo para mães solteiras, sob o nome de “Lebensborn AG.”** Agora, toda sorte de refugiados e desabrigados resguardava-se entre as ruínas abandonadas. Muito significativo foi — e ainda é — o fato de que nenhum dos indivíduos que no início do Reich milenar haviam adquirido em leilão nossos móveis, livros, objetos de arte, tenha tido a idéia — e não teve até hoje — de nos restituir uma parte que seja dos bens roubados.

Naqueles dias de maio, uma estação do ano que no geral considero tão aprazível e que costuma me fazer tão bem, começam a aparecer no diário observações sobre horários marcados em laboratórios de raio X, *check-ups* médicos, exames de sangue e de cada um de meus órgãos, aliás com resultados negativos tranquilizadores. Mesmo assim, eu me sentia miserável. A turbulência dos acontecimentos extraordinários e chocantes irrompendo no cotidiano, as dúvidas no trabalho, a luta com o livro que me abalava o coração e que eu prosseguia com esforço — tudo isso era demais para minha natureza, apesar de sua habitual tolerância. “Todos dizem que emagreci. Nem

* Órgão informativo do Exército americano (N. do T.).

** “Abrigo para mães solteiras” é um eufemismo para “fábrica de bebês da SS”, conforme Klaus Mann na carta citada (16 de maio de 1945), referindo-se à empresa criada no Terceiro Reich para a geração sistemática de crianças arianas (N. do T.).

dosas de arsênico e de vitaminas alteram a perda de peso progressiva. Se ao menos eu me sentisse mais forte das pernas! E nos últimos tempos realizei algumas boas coisas, mesmo ‘minguando’.” Usei o verbo no sentido lunar-mitológico, que aparece amiúde nas *Histórias de José*. De fato, o cansaço nervoso às vezes chegava a beirar o esgotamento. Durante minha descida diária ao mar, por vezes sentava-me na calçada e respirava aliviado quando o automóvel vinha me buscar. Estava chegando a hora da viagem à Costa Leste, durante a qual eu comemoraria meu septuagésimo aniversário e que, ao que tudo indicava, seria repleta de eventos e compromissos.

A partida foi no dia 24 do mês corrente, com a companheira fiel, cuja assistência amorosa jamais me faltou e a quem minha vida deve mais gratidão do que palavras poderiam expressar. Partimos cheios de confiança nas reservas de força que acabam por ser liberadas em tais ocasiões, confiança nas vantagens em mudar de ares e viver ao sabor do mundo externo, confiança ainda na leveza a ser propiciada por um período festivo descontraído, de resto sob o signo de grandes realizações morais.

X

Esta ainda foi uma viagem com desconfortos causados pela guerra — o trem longo demais, o trajeto do *compartment* ao *diner** uma verdadeira caminhada, a fila para obter uma refeição, um teste de paciência que às vezes podia durar horas agravado, já quase ao alcançar a meta, pelo calor maligno dos vapores da cozinha. Um

* Em inglês: *compartment* = compartimento; *diner* = vagão-restaurante (N. do T.).

gentleman de idade avançada, agarrado à barra de metal da janela, caiu desmaiado à minha frente. O pessoal da Military Police que vigiava o trem cuidou dele, levando-o rapidamente para o lugar onde todos desejávamos estar: uma mesa no vagão-restaurant. Foi difícil resistir à tentação de imitá-lo. Quem me dera conseguir desmaiar com tamanha facilidade! Quando moças, minhas irmãs conseguiam, e sem o menor fingimento, sempre que não queriam ir à igreja.

Durante a viagem, li *L'histoire des treize* (1843, *A história dos treze*), com as sensações mistas de sempre no contato com Balzac: amiúde extasiado por sua grandeza, amiúde irritado pela crítica social de fundo reacionário, pelo revirar de olhos católico, o sentimentalismo burguês, os excessos hiperbólicos. Paramos um dia em Chicago para visitar nossos queridos, e com eles ensaiei a *palestra sobre a Alemanha*, ainda longa demais. Encurtei-a no trem para Washington junto de Erika, que, como artista da omissão e da condensação, mais uma vez demonstrou habilidade abrandando os exageros de pedantismo. Na capital, mais uma vez como hóspedes em Crescent Place, por fim gozamos deliciosos dias de férias. A palestra na Library transcorreu com sucesso. O público era duas vezes superior ao habitual — a um me dirigi diretamente, e o outro ouviu minhas palavras por alto-falantes numa sala contígua. A introdução foi feita por MacLeish, recém-chegado de San Francisco. Seu sucessor no cargo de bibliotecário do Estado, Luther Evans, autorizou a transmissão do discurso na Europa pelo O.W.I.* Depois, a recepção na casa dos Meyer propiciou nosso reencontro com Francis Biddle, que, se não me engano, já se tinha demitido do cargo de secretário de Justiça, e sua esposa. Também compareceu o inteligente Walter Lippmann, a quem muito agra-

* Office of War Information (N. do T.).

dara minha rejeição da lenda da 'boa' e da 'má' Alemanha, minha explicação de que a boa era, ao mesmo tempo, má, desviando-se pelo mau caminho em direção à ruína. Borgese viera de Chicago e Gottfried Bermann Fischer, de Nova York; com o último, precisava discutir alguns pontos do planejamento da nova edição de meus livros em Estocolmo. No dia seguinte, fiz uma visita à Library e, guiado pelos dois edifícios, pela primeira vez tive uma idéia clara do volume incommensurável da coleção, que a tudo incorpora e abrange. O dr. Evans mostrou-me, expostos sobre uma mesa, os manuscritos de Johann Conrad Beissel, o mestre-cantor de Ephrata, aqui piamente conservados como curiosidade, e assim vi com meus próprios olhos, quase incrédulo, os produtos reais desse inovador da música, ingênuo e tirânico, cuja figura desempenhava em meu romance um papel secundário tão rico.

Junto de nossos anfitriões, fomos convidados para um jantar na casa do colunista Pearson ao qual também compareceu Sumner Welles, que opinou com muita sensatez sobre o futuro da Alemanha, defendendo a divisão da Prússia e uma solução geral federalista, com uma regulação moderada da fronteira oriental. Suas palavras soaram-me esclarecedoras, humanas, dignas de concretização. Mas os fatos, como de hábito, seguiram o caminho menos inteligente. — Passamos uma manhã memorável na National Gallery, junto a Rembrandt e os mestres italianos, guiados por Mr. Findley, que em seu *office** nos apresentou o catálogo da coleção, com belíssimas ilustrações. Em seguida, tomei o café da manhã no Social Security Building, ali perto, com Elmer Davis e seu assistente. O assunto, é claro, também foi a Alemanha, em continuidade à minha palestra. Recordo-me do sorriso cético com o qual esses senhores refutaram minha asserção de que o famigerado

* Gabinete (N. do T.).

verso “Deutschland, Deutschland über alles”^{*} na realidade era uma divisa muito bem-intencionada, uma manifestação de esperança democrática numa Alemanha unificada: não significava que a Alemanha deveria dominar “sobre tudo”, mas exprimia o desejo de estimá-la acima de tudo, contanto que fosse unida e livre. Davis pareceu tomar minha explicação por um patriotismo disfarçado, e, a partir daí, desenvolveu-se uma conversa interessante sobre a relação primitiva e revolucionária entre o pensamento nacional e o pensamento liberal-democrático, e sobre a luta de Metternich e Gentz — reacionária, é verdade, mas nada desprezível em termos espirituais — contra essa mistura magnânima, orientada para a unificação e no entanto contendo uma força tão explosiva.

Então, no começo de julho, veio Nova York e uma série de dias em prazerosa confusão festiva, a cujo registro pormenorizado o diário acabou por renunciar, e aqui faço por bem igualmente passar por eles em lembrança silenciosa. Gostaria apenas de assinalar o quanto lamentei que o papel que atribuí à música na *palestra sobre a Alemanha* (que repeti no Hunter College) tanto tenha suscetibilizado os músicos. Ainda me lembro de como telefonei do hotel, tarde da noite, para um angustiado Adolph Busch, garantindo-lhe que as restrições que fiz à mais alemã das artes eram apenas uma forma de homenagem. — Após uma solenidade organizada pela *Tribüne*, para a qual nosso caro e sábio amigo Dean Christian Gauss viera de Princeton, sentei-me a tomar um vinho com Paul Tillich e o escritor Heinrich Eduard Jacob, que nos contou suas experiências num campo de concentração, lembranças notadamente indeléveis. Suas considerações sobre o elemento arcaico

^{*} “Alemanha, Alemanha acima de tudo”, verso do *Hino Nacional Alemão* suprimido após a Segunda Guerra (N. do T.).

na base da alma popular revelaram uma surpreendente similaridade com algumas observações no começo do *Fausto*. — Com Ake Bonnier e sua esposa americana, fomos até Old Greenwich visitar os Bermann e lá encontramos inúmeros convidados e bons músicos, que nos revigoraram com o *Trio em si bemol maior* de Schubert. Camaradagem e uma conversa agradável marcaram o encontro com Erich Kahler. A noite do 6 de junho passamos na casa de Bruno Walter, em círculo íntimo. Hubermann também compareceu, e após o jantar chegaram outros amigos. Juntos, os dois mestres tocaram Mozart — um presente que nem todo aniversariante tem a chance de ganhar. Sopesei o arco de Hubermann, que me pareceu espantosamente pesado. Walter riu. “Pois é, a leveza”, disse ele, “não está no arco, mas neste artista!”

Um banquete político do Nation Associates estava marcado para o dia 25. Com nossa filha Monika, passamos dez dias perto do lago Mohawk, no condado de Ulster, nas vertentes das Montanhas Rochosas. Em imponente estilo suíço, o hotel, chamado Mountain House e dirigido por *quakers*, fica em um parque entre colinas rochosas à margem do lago. Uma vez que a entrada de automóveis é proibida, ele é uma espécie de território do Graal ao gosto vitoriano, provido de toda sorte de *outlooks*,* torreões e pequenas pontes; uma antiquada estação de cura climática sem a cura, a menos que se tome como tal a abstinência de bebidas alcoólicas — enfim, um local apropriado para o repouso, nessa estação do ano com uma temperatura mais amena do que a atmosfera abafada e asfixiante de Nova York. Aliás, o ar pesava e cansava; na maior parte do tempo, trovejava de manhã até a noite, e precisei esforçar-me para redigir a saudação a ser proferida no banquete. De resto, li cartas, o *Mozart*, de Alfred Einstein, em tradução ingle-

* Panoramas (N. do T.).

sa, e mais uma vez *O sonho do pequeno tio*, encantado pela doce personagem Sinaida, tão sedutora graças à notória preferência que o autor nutre por ela. Essa leitura partiu do pedido da Dial Press de Nova York para que eu escrevesse o prefácio a uma edição dos romances menores de Dostoiévski. Tinha bons motivos para aceitar: sob a influência do *Fausto*, eu andava mais interessado pelo universo sofredor apocalíptico-grotesco de Dostoiévski do que pela força primeva e homérica de Tolstói, em geral objeto de minha admiração mais profunda.

Os jornais noticiavam a passagem triunfal de Eisenhower, o vencedor da grande guerra, pelas capitais do país, sem ocultar suas repetidas exortações à continuidade na colaboração com a Rússia. Não tenho dúvidas de que certas guinadas futuras na carreira do general teriam muito a ver com esse pensamento não conformista, sem o qual hoje ele não seria o reitor da Universidade de Colúmbia. A aliança com a Rússia para derrotar a Alemanha não fora, no fundo, uma *Un-American activity*? Seria necessário convocar uma *congressional hearing** sobre o assunto.

O passeio em torno do lago despertava lembranças de Chasté, e assim nasceu uma associação de idéias com Nietzsche em Sils Maria — e com o meu livro. À noite, a distração dos hóspedes era a projeção de filmes no terraço e a música de câmara no salão social. Mal passara uma semana que estávamos em Mohawk, recebemos uma notícia pesarosa. Bruno Frank estava morto. Com o coração seriamente comprometido, fora internado com pneumonia e ainda chegara a voltar para casa. Certa tarde, em sua cama, com toda sorte de revistas espalhadas sobre a manta e uma mão sob a cabeça,

* Em inglês: *Un-American activity* = atividade antiamericana; *congressional hearing* = comissão parlamentar (N. do T.).

ele faleceu dormindo, discreto, com a mais pacífica expressão no rosto — um felizardo na morte, assim como fora em vida, não obstante a inclemência dos tempos. A notícia pesou-me no peito. Quem me dera eu pudesse me abandonar em silêncio à relembração dos trinta e cinco anos de vizinhança quase ininterrupta, do intercâmbio contínuo com esse bom amigo! Amaldiçoei o papel do escritor, que, nessas circunstâncias, é forçado a se manifestar imediata e formalmente, coagido a juntar palavras e formar frases. Foi irrecusável o pedido da *Aufbau* nova-iorquina de que eu escrevesse um necrológio. Com o coração repleto de fé e lealdade, passei uma manhã de vento abafado tentando compô-lo, sofrivelmente consolado pela oportunidade de saldar o tributo da gratidão a esse grande amigo, homem afável e poeta venturoso.

A última coisa que conseguira escrever, o capítulo inicial de um romance sobre Chamfort — que provavelmente teria sido sua obra mais madura —, ele tinha cedido à edição especial da *Neue Rundschau* por ocasião do meu aniversário. Repleto de demonstrações de estima e reconhecimento, esse fascículo retomou a regularidade na publicação da já histórica revista da velha editora S. Fischer. Eu o levava comigo para Mohonk e às vezes lançava um olhar tímido à mata espessa e exuberante de elogios nele contidos. Meu genro Borgese costuma falar de “vitamina P”, ou seja, *praise*,* e é verdade que tal droga pode ter um efeito tonificante e revigorante, reanimando os mais céticos pensamentos. Todos nós temos feridas, e para elas os elogios são um bálsamo que, se nem tudo sana, ao menos atenua. Mesmo assim, se me for permitido julgar por minha experiência, a receptividade a elogios não é proporcional a quanto somos vulneráveis à vil depreciação e à

* Elogio (N. do T.).

injúria sarcástica. Por mais simplórias que sejam, por mais obviamente ancoradas em rancores pessoais, enquanto expressão de inimizade ocupam-nos mais a fundo e de modo mais duradouro do que seu contrário. É uma grande tolice, pois inimigos são um complemento importante, são a comprovação da solidez de uma vida. Por outro lado, o elogio é uma iguaria que logo farta, logo contraria, e não tarda a se manifestar um fastio interno. Em nosso âmbito de atuação, seria melhor nada ouvir de bom nem de ruim, o que infelizmente não é possível numa existência orientada para o mundo externo e que visa tanger, de diversas formas, a alma alheia. Já é sorte quando um indivíduo e sua obra propiciam, mais ou menos por acaso, reflexões sublimes e de validade geral, como ocorre em alguns dos comentários mais significativos nessa edição da *Neue Rundschau*. Servir de expediente para o conhecimento crítico da cultura ou da filosofia da arte é mais e melhor do que lisonjeiro: é honroso, e traz um lucro objetivo.

Ainda tenho nos ouvidos um *Oh, really?* pronunciado junto de um gracioso movimento de recuo, como resposta a uma palavra de despedida quando deixamos o lago Mohawk. Acompanhada de seus pais, Cynthia, dezesseis anos, passava as férias, ou parte delas, naquele lugar tranqüilo — uma *college girl* com um acentuado desprezo por essa fase da vida tão provisória, que, dando de ombros, ela considerava *very insignificant*. Cynthia estava lendo um *classic* americano chamado *The magic mountain*, e era mesmo uma delícia vê-la saracoteando pelo hotel com o livro na mão, em especial quando vestia seu casaco vermelho-claro, uma de suas roupas prediletas, o que era compreensível e, a meu ver, bem calculado, pois realçava com primor suas formas suaves. Para ela foi uma grande surpresa, uma genuína aventura juvenil, encontrar aqui o autor de sua distração tão complicada, mas por isso mesmo edificante. Certa noite, por ocasião de um concerto,

sua boa mãe mostrou querer travar conhecimento e, desculpando-se, deu a entender que Cynthia estava muito excitada. De fato, naquele primeiro encontro, suas mãos estavam realmente frias. Depois, conversando amigavelmente no salão social ou na varanda que rodeia o edifício, seu nervosismo passou. Será que ela percebeu que a doce admiração pelo que é complicado e edificante pode ser reduzida pelo encontro com uma admiração correspondente, provocada pelo eterno fascínio da juventude — e por isso, no último olhar, seus olhos castanhos não conseguiram ocultar ternura? *Oh, really?*

O jantar do Nation Associates no Waldorf Astoria, em Nova York, também passou. Não foi um evento de pequeno porte. Embora o couvert custasse vinte e cinco dólares, o salão estava repleto — o que não é de espantar, pois a lista dos palestrantes era sensacional. Robert Sherwood fez a mediação, pela primeira e última vez, conforme garantiu a mim e ao público. Falaram Freda Kirchwey, Felix Frankfurter, da Corte Suprema, Negrin, Shirer, o secretário do Interior Ickes. Depois de dar minha palavrinha, segui de imediato para a Columbia Broadcast e repeti ao microfone meu discurso, adequadamente reduzido. Os jornais dedicaram editoriais inteiros a essa confraternização política, que para mim não chegou a ter metade da importância da festividade que ocorreu no dia seguinte, em alemão: primeiro jantamos em algum lugar da cidade com os Bermann, a sra. Hedwig Fischer, Fritz Landshoff, Gumpert, Kahler, Kadidja Wedekind e Monika; Joachim Maass veio depois. Em seguida, em nossa hospedagem, o Hotel St. Regis, li trechos do *Fausto* para essas tantas senhoras e moças, para os editores e escritores: o capítulo com Esmeralda, os médicos, o começo da conversa com o diabo, a descrição do 'inferno'. Se alguma dessas leituras alguma vez de fato me encorajou, foi realmente esta, e a anotação no diário conserva o eco de uma noite feliz.

Viajamos. Em Chicago, mais uma solenidade, organizada pela universidade e pelo bom amigo e grande físico James Frank. Chegamos em casa no dia 4 de julho. Era preciso encaminhar imediatamente o ensaio sobre Dostoiévski. Resfriado e fatigado, em doze dias produzi as vinte e quatro páginas, e nos últimos dez dias do mês pude voltar a me dedicar ao *Fausto*, primeiro avaliando e melhorando, depois seguindo em frente.

XI

Naquela época, tomaram forma as partes do romance que abordam simultaneamente, por meio da alternância no plano temporal, tanto a primeira catástrofe da Alemanha quanto a segunda, que vinha medrando em proporções assustadoras. Esse trecho expõe o destino do herói e dos outros seres do livro, das irmãs Rodde e do violinista Schwerdtfeger, evocando o trágico e o grotesco, buscando caracterizar o estágio final de uma sociedade humilhada pelas chicanas do espírito e conjurar, em *acelerando*, a sensação de *fim* em todos os sentidos. No fundo, cada palavra aqui é um passo em direção à obra decisiva e mais significativa de Leverkühn, o oratório apocalíptico. Mal tinha concluído o capítulo XXVII, com a viagem de Adrian às profundezas marítimas e ao ‘espaço’ (numa adaptação livre da lenda popular), quando ocorreu “o primeiro ataque ao Japão com a detonação de bombas por forças liberadas pela fissura de um átomo de urânio”. Hiroshima foi escandalosamente destruída por uma violência cósmica, exercida por milhares de pessoas numa misteriosa divisão de trabalho e a um custo superior a dois bilhões de dólares. Dias depois, a mesma punição recaiu sobre Nagasaki. Foi uma exploração

política do “interior da Natureza”, em que, segundo o poeta, o “espírito criado” não teria o direito de penetrar. Uma atitude puramente política mesmo, pois o emprego da ‘arma’ sinistra já não era realmente decisivo para vencer o Japão: só serviu para garantir a vitória antes dos russos, motivo injustificável até mesmo para o Vaticano, que manifestou desagrado religioso e preocupação. Muita gente compartilhou os escrúpulos do Santo Padre, inclusive eu. Todavia, foi mesmo muita sorte a América ter vencido os nazistas na corrida da física atômica.

De qualquer forma, antes de meados de agosto houve a rendição incondicional do Japão e, com ela, apenas seis dias após a Rússia declarar guerra ao império nipônico, o fim da “Segunda Guerra Mundial”. Na verdade, nada tinha acabado, o que se deu no mundo foi a continuidade de um processo ininterrupto de mudanças sociais, econômicas e culturais, originado há uma geração humana e que, aventureiro, prosseguia sem realmente parar. Em sua cegueira, a história mundial celebrava a paz; enquanto os povos jubilosos alçavam bandeiras, eu vivia minhas pequenas preocupações e dificuldades cotidianas, que se refletiam, distraíndo-me, nas preocupações e nas dificuldades concernentes ao romance. O Office of War Information enviou-me a carta aberta que me dirigira o escritor alemão W. von Molo, um documento publicado no início do mês no *Hessische Post*. Era um apelo urgente para que eu retornasse de imediato à Alemanha e voltasse a fixar residência entre o povo ao qual minha existência há tanto tempo causava repulsa e que parecia não se ter lembrado de fazer frente ao tratamento que seus maiores me haviam infligido. “Venha como um bom médico...” Isso soou-me completamente falso, e o diário tentou afastar-me da mente essa perturbação irracional através de um contínuo “Trabalho no capítulo”. Havia outros apelos. Liesl Frank, num

luto tocante e desmedido pelo esposo perdido, não só estava organizando uma grande solenidade fúnebre pública, como desejava homenageá-lo num círculo mais íntimo. E assim reunimos em nosso *living-room* cerca de vinte pessoas, entre elas os Feuchtwanger e Bruno Walter, aos quais dirigi a palavra sentado à minha mesinha de leitura, lembrando que não era o momento de deixar a cabeça pender, mas de celebrar a vida do brilhante amigo finado. À minha frente, ansiosa, as mãos entre as de minha mulher, de vestido preto e com lágrimas nos olhos, a viúva comprouve-se com minha leitura da encantadora história de Frank *Die Monduhr* (*O relógio lunar*). Em seguida, recitei alguns poemas seus e versos da velhice de Fontane, que costumávamos declamar de cor um para o outro, deliciando-nos com seu falso desleixo. Meu estado de saúde realmente não estava à altura de tantos esforços — mas quem recusaria sua energia vital a um morto querido!

O verão estava especialmente bonito, luminoso e ameno, como só se pode gozar aqui, dia a dia refrescado pela brisa oceânica. Em apenas dez dias aprontei o capítulo XXVIII (as confusões do Barão von Riedesel) e comecei o seguinte, com o casamento de Ines com Helmut Institoris — levemente apreensivo e consciente de que eu não tinha como evitar uma resposta à carta de Von Molo, tão bem fundamentada quanto possível, pois na verdade seria uma resposta à própria Alemanha. Certa noite reencontrei Hans Eisler na casa dos Adorno, e tivemos uma conversa estimulante sobre vários assuntos ‘pertinentes’: o peso na consciência da música homófona por causa do contraponto; Bach, o ‘harmônico’ (conforme quis Goethe); a polifonia de Beethoven, nem natural e nem ‘pior’ que a de Mozart. Também houve música na casa da hospitaleira Mrs. Wells em Beverly Hills, onde Jakob Gimbel, pianista brilhante e talentoso, de um virtuosismo judeu-oriental crescente e imbatível, tocou Beethoven e

Chopin. — Mais uma visita dos filhos e netos de San Francisco: “Reencontro com Frido, arrebatador... De manhã com Frido. Ri às lágrimas com suas conversas e me distraí. Mesmo assim, trabalhei no capítulo, curioso”. — Na noite do domingo 26 de agosto, tivemos visita e música: acompanhado por amigos, Vandenburg interpretou trios de Schubert, Mozart e Beethoven. Em dado momento, minha mulher chamou-me de lado e disse que Werfel tinha morrido. Lotte Walter acabara de telefonar. No começo da noite, tendo concluído a revisão da nova edição de seus poemas, levantou-se da escrivaninha e, antes de alcançar a porta, tombou sem vida, um pouco de sangue escorrendo-lhe pela boca. Nossa reunião prosseguiu sem que déssemos voz à notícia. Após a partida dos convidados, sentamo-nos os dois numa longa conversa emocionada. Na manhã seguinte, visitamos Alma. Lá estavam os Arlt, os Neumann, Mme. Massary, os Walter e outros. Liesl Frank precipitou-se a nós assim que entramos: “Mas que belo ano, não?” disse com amargura. Era evidente sua irritação por essa morte vir interpor-se à dor por sua própria perda recente. E não é mesmo verdade que há sempre algo de apoteótico na morte de um artista, em sua passagem para a eternidade, seu ingresso na imortalidade? É natural que quem fica não deseje ver seu luto obscurecido por casos paralelos.

Não pude comparecer ao funeral de Frank, mas estivemos no de Werfel, no dia 29, na capela da funerária de Beverly Hills. Havia arranjos de flores esplendorosos e inúmeros convidados, muitos escritores e músicos. A viúva, primeiro de Mahler e agora de Werfel, não compareceu. “Eu nunca vou”, dissera a mulher grandiosa, chocando-me por sua autenticidade, de modo que eu não sabia se era choro ou riso a me sacudir o peito diante do esquife. Na sala contígua, Lotte Lehmann cantava acompanhada por Walter. No último instante, Alma exigiu fazer uma revisão radical no manuscrito do discurso do abade Moenius, e o

atraso foi tal que o prelúdio ao órgão, prolongado, atingiu as raías do constrangedor. O sacerdote não falou como representante da Igreja, mas como amigo da família, embora o discurso, ornado com citações de Dante em vez de palavras bíblicas, trouxesse todas as marcas da cultura católica. As imagens e os pensamentos evocados pelo evento abalaram-me mais do que era devido, e na saída, ao cumprimentar amigos e conhecidos, pude ler em seus rostos o espanto com minha aparência.

“Trabalhei muito”, diz a anotação do dia seguinte referente ao romance. Porém, já não era mais possível continuar protelando a resposta à Alemanha, a carta ao escritor interpelante. Pus as mãos à obra muito suspiroso, pois não era pouco o que tinha a exprimir e sintetizar em forma documental e duradoura, como muitos anos antes, ao escrever de Zurique para a faculdade de Bonn. Vergonhosamente, não precisei de mais de oito dias para aprontar a réplica. Em cinco dias a carta estava escrita, mas uma leitura em voz alta evidenciou a necessidade de rescrever o final; a bem dizer, a segunda metade. Passei um dia inteiro fazendo “tentativas embaraçosas”, e mais um dia para conseguir concluí-la. No dia seguinte, diz o diário: “Tentar de novo”. E então estava feito. Na minha opinião, a carta revelava um espírito muito humano e conciliador, denotando, ao final, uma atitude positiva e reconfortante. Pelo menos, era disso que eu tentava me convencer, mesmo sabendo que, no país, só ressoaria o não. E assim o escrito seguiu para a Alemanha, para a *Aufbau* nova-iorquina e para o O.W.I.

“Leitura do capítulo em andamento. Enfim prosseguir.” Na época, caiu-me nas mãos um livro muito antigo: *Die Sage vom Faust: Volksbücher, Volksbühne, Puppenspiele, Höllenzwang und Zauberbücher* (A lenda de Fausto: livros populares, teatro popular, teatro de marionete, tormentos infernais e livros de magia), de J. Scheible, publicado em Stuttgart pelo próprio organizador em 1847. É uma

maçuda antologia de todas as manifestações do tema popular, incluindo todas as considerações imagináveis sobre o assunto, como, por exemplo, o ensaio de Görres, extraído de *Christliche Mystik* (*Misticismo cristão*),* sobre o aspecto mágico da lenda, o exorcismo de espíritos e a aliança com o Mal. Há também um excerto muito curioso de um escrito publicado em 1836, *Über Calderons Tragödie vom wundertätigen Magus. Ein Beitrag zum Verständnis des Faustischen Fabel* (*Da tragédia de Calderón sobre o mago milagroso: uma contribuição à compreensão da fábula fáustica*), do dr. Karl Rosenkranz, com a seguinte citação das aulas de Franz Baader sobre a filosofia da religião: “O verdadeiro demônio deve ser da maior frialdade... deve encarnar a extrema satisfação de si próprio, a indiferença máxima, a negação que se compraz a si mesma. É incontestável que o enrijecimento de uma autoconfiança tão vazia, que exclui de si quaisquer conteúdos além dessa satisfação de si mesmo, é a nulidade absoluta, na qual não há mais vida além do egotismo mais lancinante. É justamente essa gelidez que impossibilita a representação do diabólico na poesia. Aqui, é impossível despi-lo *completamente* de seu aspecto patético; para alcançar a ação, é preciso haver o interesse de Satã, que se manifesta como *ironização* da realidade...” Não foi pouca a curiosidade despertada, e consultei diversas vezes o velho volume cartonado. Além disso, voltei a ler Adalbert Stifter com toda a compenetração. Reli o *Hagestolz*, o *Abdias*, o *Kalkstein*, que achei “de uma ousadia serena, indizivelmente singular”. Li também a *Geschichte vom braunen Mädchen* (*A história da menina marrom*), que contém passagens fascinantes, como o incêndio e a chuva de granizo. O contraste entre o suicídio sanguinolento de Stifter e a brandura nobre de sua

* Obra teológica em quatro volumes (1836-1842) (N. do T.).

poesia já foi salientado repetidas vezes. Porém, raramente se observou que, por trás de seu olhar sobre a natureza — preciso, ponderado, intimista —, atua justamente uma tendência ao excessivo, ao primário e catastrófico, ao patológico, expressa de modo angustiante na inesquecível descrição de uma tempestade de neve interminável e prodigiosa na floresta da Baviera, ou da célebre estiagem do *Heidedorf*, ou ainda nos trechos acima mencionados. Também fazem parte do universo do sinistro, por exemplo, a afinidade entre a tempestade e a menina no *Abdias* e sua fascinação pelo relâmpago. Onde encontrar coisas semelhantes em Gottfried Keller, em cujo universo humorístico ainda assim sobressai uma história como *Der Waldsteig*? Pouco investigado pela crítica, Stifter é um dos narradores mais notáveis e mais enigmáticos, mais secretamente ousados e mais estranhamente empolgantes da literatura universal.

Naquela época, enfrentei, com tola seriedade, os robustos disparates de um C. Barth na *Neue deutsche Volkszeitung* de Nova York. Ao mesmo tempo, recebi do O.W.I. um artigo tortuoso e agressivo de Frank Thiess da *Münchener Zeitung*, documento presunçoso de um certo grupo que se auto-intitulava “imigração interna”: intelectuais que “permaneceram fiéis à Alemanha”, que “não a abandonaram em momento de apuros”, que não “acompanharam seu destino do confortável camarote do estrangeiro”, mas o compartilharam com toda a probidade. Probidade com a qual teriam igualmente compartilhado uma vitória de Hitler. Agora que se esfarelara o muro onde o tempo todo estiveram empoleirados, vangloriavam-se e desfaziam-se em insultos contra todos aqueles que foram forçados a buscar outros ares, cujo destino fora apenas miséria e ruína. No meio dessa história, Thiess foi desmascarado, na própria Alemanha e da pior maneira: através da publicação de uma entrevista de 1933 em que ele declarava seu

entusiasmo por Hitler; assim, a trupe perdeu o líder. Fui alvo de xingamentos iletrados em jornalecos teuto-americanos; na Alemanha, imigrantes retornados atacavam-me pela imprensa, abusando de meus nervos. “Os ataques, as falsidades, as bobagens”, confessa o diário, “deixam-me tão exausto quanto um trabalho pesado”.

Mas também houve compensações e reconfortos. Um grande artigo do *Nouvelles Littéraires*, honrando com rara fineza o trabalho extraordinário de Louise Servicen ao traduzir *Carlota em Weimar*, trouxe-me muito mais alegria do que aqueles aborrecimentos proporcionaram-me tristeza. Erika enviara-me de Mondorf, Luxemburgo, um relatório sobre sua visita aos mandachugas nazistas, provisoriamente detidos em um hotel aguardando julgamento. Ao saber quem era a jornalista americana, parece que a excitação desses homens do terror, derrubados, manifestou-se em várias gradações: da repulsa violenta à expressão de pesar por não ter trocado com ela palavras sensatas. “Eu teria lhe explicado tudo!” gritou Göring, “o caso Mann foi tratado de maneira errada, eu teria feito tudo diferente!” — Diferente como? Se tivéssemos aderido ao Terceiro Reich, decerto ele nos teria oferecido um castelo, um milhão e um anel de brilhante para cada um. Some, assassino pançudo! Ao menos aproveitastes a vida, enquanto teu mestre e senhor nunca viveu alhures que não no inferno.

Quase ao mesmo tempo, recebi o impressionante ensaio que Georg Lukács publicara na *Internationale Literatur* por ocasião de meu septuagésimo aniversário. Esse comunista, que tem um certo apreço pela “herança burguesa” e escreve sobre Raabe, Keller ou Fontane de modo fascinante e compreensivo, já havia tratado de meu trabalho, com muito respeito e inteligência, numa série de artigos sobre a literatura alemã na era do imperialismo, em que soube conservar a faculdade indispensável ao crítico de distinguir entre opinar e ser (ou o ato gera-

do pelo ser), tomando só este como moeda corrente, e não aquele. Minha mentalidade aos quarenta anos não o impediu de me colocar ao lado de meu irmão e afirmar com toda a determinação: “o *Untertan* (1916, *O súdito*), de Heinrich Mann, e *A morte em Veneza*, de Thomas Mann, podem ser considerados os precursores de uma tendência que sinalizou a perigosa formação de um submundo de barbárie na civilização alemã moderna, enquanto seu produto complementar necessário”. Com isso, chegou a antecipar as relações entre a novela veneziana e o *Fausto*. Sua perspicácia está justamente em utilizar o conceito de ‘sinalizar’, de importância primordial em toda a literatura e no conhecimento dela. Creio que esta é a única perspectiva correta: reconhecer o poeta (e também o filósofo) enquanto instrumento de sinalização, sistógrafo, intermediário da sensibilidade, inconsciente de estar a cumprir tais funções orgânicas e, portanto, capaz de juízos errôneos. — E só para finalizar o assunto, resta-me dizer que o ensaio “Auf der Suche nach dem Bürger” (“À procura do burguês”), escrito para meu aniversário, é uma interpretação sociológica e psicológica de meu trabalho e de minha existência como nunca vi em tão grande estilo, e por isso reservo ao crítico uma genuína gratidão. Também lhe sou muito grato por abordar minha obra não só sob a perspectiva ‘histórica’, mas ainda estabelecendo uma relação entre ela e o futuro da Alemanha. A despeito da apreciação benévola presente em sua linha crítica, estranhei apenas a omissão conseqüente do *José*. É uma questão de observância e consideração totalitária: o *José* é mito, significando, portanto, evasão e contra-revolução. Uma pena. E talvez não de todo correto. Pois se o *José* também não agrada à Igreja católica por relativizar o cristianismo, nada lhe resta senão circunscrever-se a uma congregação de humanistas, capaz de apreciar com liberdade a simpatia que tal obra tributa ao elemento humano, por isso mesmo veiculando serenidade. —

Mas que não se pense que consolo e benevolência tenham vindo apenas do mundo não germânico. Klaus escreveu de Roma contando que em Berlim vira por toda parte cartazes anunciando palestras sobre o *José* e leituras públicas de *Carlota*. Também ouvi dizer que houve leituras radiofônicas de coisas minhas, e o jornal dos prisioneiros de guerra, *Der Ruf* (agora editado em Munique), publicou comentários simpáticos e amistosos sobre mim. Em geral, os jornais alemães demonstravam uma atitude positiva em relação a meu nome, ao contrário das invectivas de Thiess e outros. Em suma, se a rejeição não era unânime, por que a aceitação deveria ser? Como sempre, procurei reconforto no velho ditado que li outrora no frontão de um edifício em Lübeck: “É impossível agradar a todos” — embora dessa feita se tratasse muito menos de agrado do que do esclarecimento de equívocos, controvérsias, constrangimentos. É evidente que uma elucidação dessas proporções é algo muito próximo à morte, ou que só se completa depois dela. Vida é dor, e só enquanto sofremos é que estamos vivos. —

Após a abertura da Alemanha, começaram a chegar cartas de velhos amigos: Preetorius, Reisiger, os mais jovens como Süskind; mas nada de Ernst Bertram, sobre cujo paradeiro eu me informara aqui e ali, sem nada obter além de notícias pouco tranquilizadoras. Também vinham cartas difíceis de responder, enviadas por pessoas que nos acostumáramos a considerar figuras sinistras, sem que elas próprias tivessem contribuído para tanto, como Kirchner, da *Frankfurter Zeitung*, e Blunck, antigo presidente da Câmara dos Escritores do Reich hitlerista. Além disso, escrevia-me da Alemanha muita gente lastimando seus pesares, queixando-se de que os vencedores não distinguiam gatos de lebres, culpados de inocentes, passando um pente fino moral em tudo o que havia de alemão, e que me rogavam empregar minha influência colossal para alterar o curso das coisas o quanto antes.

“Ocupado com o prosseguimento do romance (início da guerra) a partir dos velhos diários. Premência na continuidade do capítulo XXX... À noite, mal-estar, calafrios, agitação, resfriado, sono ruim, sensação de doença chegando... A versão em inglês da “Brief nach Deutschland” (“Carta à Alemanha”) para o *London News Chronicle*... Horas pondo a correspondência em dia... “Marionetten”* de Kleist. O livro de Frank Harris sobre Shakespeare. Conversa com K. sobre o ano avassalador que tivemos, a batelada de choques, incluindo os tantos falecimentos: os últimos Béla Bartók, Roda-Roda, Beer-Hofmann, Seabrook, que se suicidou. Não seria de espantar que ficássemos cada vez mais exauridos. Mas nos últimos dias recrudescu o interesse pelo romance. Estupefato por seu caráter de não-romance, de biografia real que é ficção... Êxito sobre muitas dificuldades, providências para mais adiante: escrevi a Walter, em Nova York, pedindo o empréstimo de minha carta sobre Frido, com vista a Nepomuk Schneidewein... À tarde, terminei o necrológio para Frank.”

Pois é, era chegado o momento da libação, do sacrifício realizado com prazer, ainda que rosnando em surdina contra a inexorabilidade da obrigação. A cerimônia foi no dia 29 de setembro, na Play House de Hollywood. O grande salão estava repleto, a “Califórnia alemã” reunida em peso. Até meu irmão, que sai tão pouco, estava entre nós. Houve récitas e leituras de oradores, que, embora escolados, não conseguiram superar os problemas de acústica, exasperados pelos gritos de “Mais alto!” dos espectadores das fileiras do fundo. Em seguida, cenas soltas, soltas demais, da comédia em três atos *Sturm im Wasserglas* (1930, *Tempestade em copo d’água*). Eu falei no final, antes do encerramento musical ao piano — com esforço, esgotado, de coração. Foi comovente; excessivamente comovente, avaliou Heinrich. No dia seguinte, ao tele-

* “Über das Marionettentheater” (“Sobre o teatro de marionetes”), ensaio de 1810 (N. do T.).

fone, Liesl Frank disse que não deviam exigir de mim esse tipo de coisa, eu me consumia demais, essa tinha de ser a última vez. — Mas e quando chegasse o momento de uma cerimônia para Franz Werfel?

Eu estava no capítulo XXXI, com o final da guerra, os personagens das “mulheres provedoras” e a guinada do interesse de Adrian pela ópera de marionetes. “À noite, longa leitura do *Gesta Romanorum*. A história mais bela e fascinante é o nascimento do Santo Papa Gregório, eleito devido à sua origem: uma relação incestuosa entre irmãos e depois o incesto com a mãe, expiado através de inacreditável ascese durante dezessete anos num rochedo ermo. Pecabilidade extrema, penitência extrema: só essa seqüência pode criar santidade.” Eu não conhecia as múltiplas variações da lenda nem tinha ouvido falar do poema de Hartmann von Aues, em médio alto-alemão. Mas gostei tanto da história que, na época, brinquei com a idéia de um dia furtrar este tema ao meu herói e transformá-lo eu mesmo num pequeno romance arcaico.

No dia 9 de novembro, ataquei o capítulo XXXII, com as confissões angustiantes de Ines a Zeitblom, e o encerrei vinte dias depois. Logo em seguida, começaram os preparativos para o seguinte, em que retorna o “plano temporal duplo” para introduzir o motivo da sereiazinha e explicitar a natureza sedutora de Schwerdtfeger, seu caráter de duende. Mas meu estado de saúde, com fortes resfriados e tosse, uma debilitação constante das vias respiratórias e uma aparência ruim, conduziram-me outra vez ao médico, cujo diagnóstico correspondeu à minha própria sensação: perda de peso, obstrução dos brônquios, queda da pressão sangüínea. E assim, munido de receitas para reforço da alimentação e gordas cápsulas vermelhas de vitaminas, cuja ingestão três vezes ao dia me era extremamente penosa, retornei ao romance. Em dezembro, comecei a ampliar o capítulo XXXIII, reconfortado por não ter nada de sério e por meu coração ter se comprovado firme como um

pinheiro. Muito inconveniente era apenas que — bem agora, quando a cada dia eu chegava mais perto da tarefa mais complicada, a descrição convincente e verossímil do oratório apocalíptico de Leverkühn, simulando a realidade com toda a veracidade, o que só poderia ser feito numa série de três capítulos, já que eu queria mesclar a análise da terrível obra final com as experiências reais, sinistramente afins, do bom Serenus (as conversas arquifascistas em casa de Kridwiss) — muito inconveniente era apenas que, bem agora, a eterna laringite e bronquite me deixasse tão solapado, às vezes a ponto de caduquice. Também não era especialmente oportuno o dever de tomar parte ativa em diversas cerimônias públicas: no Royce Hall, Westwood, apresentei, na forma de palestra, uma variação do ensaio sobre Dostoiévski perante uma comitiva do consulado russo, para minha alegria na presença do Klemperer. Também tive de proferir uma saudação num jantar do Independent Citizen Committee, do qual faziam parte os docentes Shapley e Dykstra, Mrs. Douglas-Gahagen, da House of Representatives, e o coronel Carlsson. O ponto culminante da noite foi o discurso desse coronel liberal (no entretempo já promovido a general), que, num impressionante ato de coragem, repreendeu com severidade o mau uso de nossas tropas na China, onde, segundo ele, nada tínhamos a bisbilhotar, menos ainda em se tratando da única parte do mundo onde reinava uma certa ordem, mesmo que comunista... Como eram diferentes, e a seu modo muito interessantes, as recepções noturnas na residência do sucessor do trono de Weimar, conde Ostheim, às quais, vez ou outra, éramos convidados por esse Hohenzollern de sangue, desqualificado da linha sucessora por antimilitarismo e outras convicções excludentes e por ter desposado uma americana. Lá se reunia uma sociedade internacional, baralhada e requintada, e podia-se ouvir imigrantes da nobreza russo-branca afirmar que o governo de Stalin exigia sua deportação. Podia

ser verdade, embora eu custasse a crer que Moscou visse alguma ameaça naquelas pessoas. E como chegavam até o salão do “príncipe vermelho”? Difícil entender. O exílio cria uma forma de vida coletiva, e o motivo real faz pouca diferença. Seja o vermelho a causa ou o seu contrário: o destino coletivo e a solidariedade de classe são mais importantes que nuances ideológicas, e os iguais acabam por se encontrar.

“Prosseguimento no capítulo.” “Um pouco no capítulo.” “No final do XXXIII.” E, no dia 27 de dezembro: “Concluí o XXXIII. — Leitura. — Talvez a fadiga me torne crítico demais em relação ao todo. Li o Apocalipse, comovido por estas palavras: ‘Tens pouca força, mas guardaste minha palavra e não renegaste meu nome’”.*

XII

Já no começo de dezembro eu tinha tomado e cumprido a decisão de passar para Adorno toda a parte escrita e datilografada do *Fausto*, para que ele travasse um conhecimento completo e ideal com a obra, familiarizando-se com minhas intenções e auxiliando-me com sugestões imaginativas para a parte musical vindoura. Assim, por volta do final do ano, empreguei as horas de trabalho matutino para escrever-lhe uma carta de dez páginas explicando o assunto e desculpando-me, na medida do possível, pelos “empréstimos inopinados-impensados” que fiz de sua filosofia da música, confiante de que

* Apocalipse 3, 8: “Conheço tua conduta: eis que pus à tua frente uma porta aberta que ninguém poderá fechar, pois tens pouca força, mas guardaste minha palavra e não renegaste meu nome”, trecho extraído da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1993 (N. do T.).

toda essa apropriação, tudo o que ali aprendera, ganharia uma função autônoma e uma vida simbólica própria em minha composição, permanecendo intacta em seu contexto crítico original. Expus-lhe minha “ignorância de neófito” e minha carência de informações profissionais exatas para poder prosseguir. “O romance”, escrevi-lhe, “alcançou o ponto em que Leverkühn, aos trinta e cinco anos, numa rapidez sinistra e sob uma primeira onda de inspiração eufórica, compõe sua obra capital, ou sua primeira obra capital, o *Apocalipsis cum figuris*, a partir dos quinze desenhos de Dürer ou diretamente a partir do texto do Apocalipse. Eis aqui uma obra (que imagino como um produto muito ‘germânico’, com oratório, orquestra, corais, solistas, narrador), que precisa ser imaginada, realizada, evidenciada com força sugestiva, e na realidade escrevo esta carta rodeando um assunto que ainda não ousa abordar diretamente. Faltam-me detalhes práticos, específicos e exatos (alguns poucos já me permitiriam avançar), que dêem ao leitor uma imagem plausível, verdadeiramente persuasiva. O senhor não quer pensar comigo uma forma de pôr essa obra — a obra de Leverkühn — em obra? Como o senhor agiria se tivesse feito um pacto com o diabo? O senhor não poderia me fornecer uma ou outra peculiaridade técnica para intensificar a ilusão musical? — Penso em algo satânico e religioso, demoníaco e piedoso, ao mesmo tempo preso a regras rígidas e marcado por traços criminosos, algo que às vezes possa ironizar a própria arte e retornar ao elementar e primitivo (as reminiscências de Kretzschmar e Beissel), rejeitando a divisão em compassos e até mesmo a seqüência sonora (glissandos dos trombones). Em suma, algo na prática quase inexecutável: tonalidades litúrgicas antigas, coros *a cappella* a serem cantados em atmosfera não temperada, de modo que ao piano quase não apareçam notas ou intervalos — etc. Mas é fácil dizer ‘etc.’...”

A idéia dos coros em atmosfera não temperada era uma obsessão à qual eu me agarrava ferrenhamente, muito embora meu conselheiro nada quisesse saber do assunto. Ela tanto me seduzia que, às escondidas de Adorno, cheguei a buscar conselhos com Schönberg, que me respondeu: “Eu não o faria. Mas teoricamente não deixa de ser possível”. Apesar da autorização vinda bem de cima, acabei por renunciar ao intento, assim como à divisão em compassos — que, ironicamente, é considerada um êxito cultural. Por outro lado, foi com maior afã que lutei pelo barbarismo do glissando instrumental e vocal. —

Natal, chuvoso pela primeira vez depois de muito tempo — veio a pequena família de San Francisco-Mill Valley. Como faltou enfeite para a árvore, passamos a véspera recortando uma grande quantidade de papel prateado em tiras estreitas, para a alegria dos moleques. “Reencontro com Frida — regozijo.” Durante as festas, eu ainda trabalhava no capítulo XXXIII, em que posteriormente interpolei as considerações de Adrian sobre a existência e a beleza das sereias, estranhamente sérias, e o encerrei pouco antes do fim do ano. Tinha custado vinte e sete dias. Adorno avisou que tinha terminado a leitura e preparado anotações para uma reunião. — “Melhorias no capítulo. Durante o passeio, extremamente fatigado; no resto do dia, cansaço e sono, sem conseguir dormir. Recebi a visita do dr. Schiff (até então o doutor se chamava Wolf, mas em estados como o meu é comum uma mudança constante de médico; o próximo seria o dr. Rosenthal, médico de meu irmão). Ele diagnosticou uma possível infecção da laringe e da faringe e receitou toda sorte de lenitivos, expectorantes, tonificantes.” Isso segundo o diário. Bem, eu não tinha febre e não estava de fato doente, apenas adoentado, e por isso não alterei meus hábitos, alternando trabalho, leitura, caminhadas até o mar, ditado de cartas, correspondência manuscrita. “Por que

todos que querem emigrar ou precisam de um *job* se dirigem a mim?” uma pergunta ao destino. — Os preparativos para o capítulo XXXIV, tripartite, começaram junto do novo ano de 1946, cuja primeira anotação no diário foi referente ao *Fausto* como um todo, em especial no contexto da leitura das *Memórias* de Max Osborn, para o qual o autor me pedira um prefácio. Nesse livro, aparecem Menzel, Liebermann, Klinger, Lesser-Ury, Bode, o poderoso dos museus. “Grandes personalidades! Não acredito que eu seja uma delas. No futuro, vão lembrar-se de mim tão pouco quanto de Proust.” E de súbito: “Quanto da atmosfera de minha vida está contido no *Fausto*! No fundo, uma confissão radical. É isso que tanto me abala nesse livro, desde o princípio”.

Estive na casa de Adorno na tarde de um dos dias seguintes. Ele e a esposa tinham lido o manuscrito ao mesmo tempo, arrancando as páginas das mãos um do outro! Cheio de dúvidas, prestei ouvidos a seu relato sobre a comoção, a intensidade, o interesse com o qual o fizeram. Aliviou-me a consciência o fato de o autor da *Filosofia da música moderna* não torcer o nariz à minha utilização de seus comentários de crítica contemporânea a fim de levar meu demônio, inimigo da criação, a “cortejar a arte”, conforme diz Adrian. Sozinho com Adorno no gabinete, ouvi suas observações inteligentes e muito úteis sobre a dimensão e as dificuldades do projeto.

Embora ele já tivesse ouvido antes algumas partes do romance, quase tudo o que agora acabara de ler era novidade, e salientou aspectos como a ‘humanidade’ subjacente ao capítulo das “mulheres provedoras” de Adrian, sobre a ‘experiência’ evidente nas confissões passionais de Ines Rodde a Serenus, esse homem ‘bom’ que não desperta emoções. Ele não estava muito animado com a idéia, em mim havia muito inexoravelmente enraizada, de basear o oratório de

Leverkühn nas gravuras apocalípticas de Dürer. Concordamos que o espaço interno da obra precisava ser ampliado o máximo possível no sentido de uma escatologia geral, açambarcando a “cultura apocalíptica” inteira e funcionando como uma espécie de resumo de todas as profecias de final dos tempos. Era mais ou menos isso que eu já tinha em vista, pois são muito evidentes os empréstimos feitos por João de Patmos a outros visionários e fanáticos. Nessa esfera do demoníaco reina uma convenção, uma tradição primeva que proporciona experiências e visões predefinidas àquele que é visitado; é um curioso processo psicológico no qual, conforme o texto do romance, “a febre de um faz avistar o que outros tenham visionado num estado igualmente febril, e que uma pessoa pode alcançar um arrebatamento padronizado, sem independência e por empréstimo”. Considero essa idéia fascinante e digna de ser realçada, e sei bem por quê. De certo modo, ela está de acordo com minha própria tendência — e percebi que não se trata de uma mera inclinação pessoal — a considerar a vida toda como um produto cultural na forma de clichês míticos e a preferir a citação à invenção ‘autônoma’. O *Fausto* traz alguns traços disso.

Naquele dia Adorno ainda não estava preparado para me dar instruções e estímulos musicais para a *opus* de Leverkühn, mas garantiu-me estar refletindo com cuidado sobre o assunto, prometendo logo me revelar as idéias que tinha em ebulição. Este livro de reminiscências seria bastante incompleto se eu não mencionasse o modo como ele manteve a palavra. Nas semanas seguintes, visitei-o repetidas vezes com lápis e caderno na mão. Junto a um delicioso licor de frutas caseiro, ia anotando rapidamente, em palavras-chave, suas sugestões para o aprimoramento dos trechos musicais do começo do livro, bem como as características específicas que ele imaginava para o oratório.

Já familiarizado com as intenções do todo e dessa parte em especial, seus estímulos e propostas atingiram o essencial: expor a obra à acusação de barbarismo sangrento e intelectualismo exangue.

Foram longos os preparativos para essa parte tão decisiva do livro, com leitura de Dante, estudo dos apócrifos e todo tipo de textos, providos por bons amigos, sobre representações do além e do apocalipse na era cristã antiga. Comecei a escrevê-lo em meados de janeiro de 1946 e, até o começo de março, portanto durante seis semanas, ele reivindicou todas as minhas forças, o que não foi muito, pois elas estavam cada vez mais abaladas, e o diário abunda em referências lacônicas a dores de cabeça, tosse durante a noite, fraqueza dos nervos e fadiga ‘absurda’. Além disso, sempre havia algo a ser improvisado, uma colaboração aqui e outra ali: discursar numa reunião na “Defense of Academic Freedom” (“Defesa da Liberdade Acadêmica”), ditar uma emissão radiofônica no aniversário de Roosevelt, redigir o “Bericht über meinen Bruder”, um trabalho documental que me é muito caro. Não faltavam eventos aprazíveis a elevar o ânimo abatido. — Saiu em Göteborg, na Suécia, o profundo estudo da filóloga Käte Hamburger sobre *José e seus irmãos*, cuja leitura me levou a invejar o tempo em que pude brincar em paz com a mitologia, que agora ocupava tão pouco ou nenhum espaço na obra macabra. Eu considerava esse trabalho nada épico, nada humorístico, desagradável, artisticamente infeliz. E mesmo assim foram positivos os primeiros ecos que ele me proporcionou, vozes de antigos leitores que tinham tomado contato com a peça inacabada, vozes a trazer consolo, e por sua forma escrita ainda mais comoventes do que todos os estímulos orais que já tinha recebido. Em Princeton, Erich Kahler, que mais tarde seria o autor da grandiosa análise do livro chamada *Säkularisierung des Teufels* (1946, *Secularização do diabo*), surrupiara da tradutora

Helen Lowe-Porter as partes já datilografadas e me escreveu sobre esses fragmentos num tom que me alegrou na mesma proporção em que a obra sofrida me preocupava e causava dúvidas. A própria tradutora fiel, em geral muito reservada, por pura modéstia, também opinou sobre sua incumbência. “I strongly feel”, escreveu-me, “that in this book you will have given your utmost to the German people”.*

E o que poderíamos fazer na vida além de dar o máximo de nós mesmos? Toda arte que merece esse nome é prova da vontade de atingir o máximo, da decisão de alcançar limites, trazendo o signo e as cicatrizes do *utmost*.** Foi essa sensação, a vontade de experimentar a aventura máxima, que na época me prendeu à leitura do romance utópico do espólio de Werfel, *Der Stern der Ungeborenen*. O tradutor, Gustav Arlt, emprestou-me a versão datilografada do manuscrito original. No volume de junho da *Neue Rundschau*, como presente de aniversário para mim, o finado publicara o capítulo da excursão dos alunos de uma turma escolar ‘cronosófica’ ao espaço interplanetário que termina com o paradoxo místico de que a grandeza pode superar a si mesma em grandeza, a energia de um astro luminoso pode ser maior do que o próprio astro — esse seria o contexto do milagre, do sacrifício amoroso, da autodestruição “por glorificação”. Na época, a poesia moral dessa reflexão (se for possível chamá-la assim) deixou-me curioso e profundamente enternecido. Werfel revelou-me ter escolhido o capítulo como presente de aniversário para mim justamente por causa dessa reflexão. Reencontrei algo de sua transcendência no conjunto da obra, escrita com o coração destruído e que, após a morte do autor, causava uma sensação espiritista, uma obra

* “Tenho a impressão de que, com este livro, o senhor terá dado o máximo de si aos alemães” (N. do T.).

** Grau extremo ou limite (N. do T.).

cuja ousadia já não pertence mais à esfera da vida e que, em termos artísticos, não pode ser chamada de feliz. A elaboração, a história, a vida anímica de pessoas vivendo milhares de séculos à nossa frente, numa Terra ultra-espiritualizada e ultratécnica, têm em si algo de — repito a palavra — espiritista, vazio e oco. Ao caracterizar a vida terrestre infinitamente distante, ele inventou coisas inacreditáveis, semelhantes a idéias que, sonhadas, parecem úteis, excelentes, mas que no despertar se revelam como puro disparate — por exemplo, o reclame luminoso com estrelas ou o modo de viajar sem deslocamento no espaço, trazendo a si o destino desejado através de expedientes técnico-espirituais. Não chega a desenvolver nenhum tipo de crítica, e, se não houvesse no todo um certo humor, como a cândida fala errônea dos cães, que sempre dizem *nit* em vez de *nicht*, a obra correria o risco de causar rejeição por enfado e impressão de inanimada. E, não obstante, é uma ousadíssima narrativa sobre a morte, de uma intuição absolutamente grandiosa e eletrizante que apresenta novidades e incomensurabilidades produzidas por uma capacidade imaginativa já despropositada e, exatamente por isso, genial. Grotescos e assustadores, os episódios e as cenas no interior oco do planeta, um mundo subterrâneo onde predomina a atmosfera sufocante dos pesadelos, são produtos da fantasia absolutamente insuperáveis em toda a literatura. A meu ver, o que fascina e atrai nesse romance, atribuindo-lhe uma certa importância, é justamente seu vínculo secreto com uma tradição específica da literatura mundial: com toda a sua extravagância, é um “relato de viagem”, lembrando e recuperando Defoe, Swift e em especial Dante. A referência ao poeta italiano é a mais intencional, embora canhestra pela ausência de uma linguagem apropriada. — Li o livro duas vezes, na segunda “com o lápis na mão”, brincando com a idéia de fazer uma palestra sobre ele, o que nunca aconteceu.

No dia 2 de fevereiro, Hubermann deu um concerto na Filarmônica de Los Angeles. O longo trajeto não nos impediu de ir ouvir esse feiticeiro pequenino e tão feio que exerce uma fascinação de violinista demoníaco. Ele tocou Beethoven, Bach (uma chacona, na qual extraiu do violino curiosos efeitos de órgão), uma doce sonata de César Franck e peças ciganas à guisa de bis. Em seguida nos misturamos à massa em seu camarim. Nossa presença o encheu de júbilo, pois havia muito nos conhecíamos e nutríamos simpatia mútua, sempre renovada em Munique, Salzburgo, Zurique, Haia (como hóspedes do embaixador alemão) e Nova York. No dia 5 ele jantou conosco, convidando-nos a visitá-lo em sua casa de campo em Vevey em nossa próxima viagem à Europa. Quando revimos a Suíça, ele já estava morto. —

Outra visita memorável foi a do grande fotógrafo canadense Karsh, o mesmo que fez o célebre retrato de Churchill com um sorriso irado e pensativo. O estadista britânico concedera-lhe apenas cinco minutos, e o fotógrafo gabava-se de, nesse ínterim, ter conseguido retratá-lo sem charuto. Comigo, não precisou se apressar. Durante quase duas horas e após diversos curtos-circuitos em sua grande câmera, ele produziu uma série de retratos de fato muito felizes na ‘semelhança’ e na plasticidade luminosa. Nunca vi nada mais perfeito em termos de fotografia, e não só de mim mesmo. Foi uma pena que bem naquela época eu estivesse em péssima forma para modelo, e os retratos, de resto incomparáveis, acentuam-me nos traços uma palidez e uma ‘espiritualização’ que pouco têm de autênticas.

Experiências fotográficas de um naipe mais incômodo foram as chapas que revelaram uma ‘sombra’ em algum ponto de meus pulmões, na opinião médica exigindo um acompanhamento cuidadoso. A primeira medida foi tratar-me com um otorrinolaringologista de nome Mantschik, polonês afrancesado e de mãos muito hábeis que

deu o melhor de si para minorar os sintomas que no entanto só confirmavam o diagnóstico inicial. Já havia algum tempo eu vinha percebendo, diariamente e sem querer confessar, uma leve elevação da temperatura do corpo, à tarde e no começo da noite. Assim foi no dia em que encerrei o oratório; à noite, fui com meu irmão a uma récita de Ernst Deutsch no estúdio da Warner. Eu já tinha perdido uma apresentação do célebre ator e locutor exemplar, e não quis recusar novamente seu amável convite por escrito. Inúmeros conhecidos estavam presentes, e fruí essa noite com grande prazer e um pouco ausente, numa disposição ao mesmo tempo abatida e leve, típica do estado febril. Já era tarde quando fui para a cama — onde permaneci por alguns dias, retido por uma moléstia gripal que me causava uma febre de trinta e nove graus toda tarde. Um tratamento com penicilina por via oral de três em três horas durante quarenta e oito horas não surtiu o menor efeito, só a combinação de Empirina com Codeína continuava a ajudar um pouco. Dormi muito, mesmo durante o dia, e não li pouco — em especial Nietzsche, meu próximo objeto de trabalho para uma palestra. Então vieram dias em que, curado por força da necessidade, mas com uma tendência contínua a recaídas com excesso de temperatura, eu passava a manhã inteira deitado, lendo e dormitando, raramente deixando a cama. Naquela semana um conflito entre o Irã e a aliança militar anglo-americana gerou uma crise no seio da United Nations, provocando um duelo discursivo entre Churchill e Stalin. As palavras do primeiro foram elegantes, rudes as do segundo, e creio que nenhum dos dois estava completamente errado. Aliás, em casos semelhantes, quase sempre era essa a minha opinião — para meu aperfeiçoamento moral, só uma vez na vida fora diferente: Hitler tinha a grande vantagem de simplificar os sentimentos, jamais admitindo o questionamento de um ‘não’ decisivo,

um ódio claro e mortífero. Em termos morais, os anos de luta contra ele foram anos bons.

Seguiu-se um vaivém de curas e recaídas em estados febris. Às vezes eu fazia passeios, mas nada parecia querer ajudar, até mesmo a tão querida brisa marítima me fazia mal. Em outras ocasiões, chegava a receber convidados para o chá, até minha mulher, meneando a cabeça, trazer o termômetro esquecido lá em cima e indicando mais de trinta e oito graus, e mandar-me de volta para a cama. Aproveitei para recapitular Nietzsche fazendo anotações, em especial sobre o *Nutzen und Nachteil der Historie* (1874, *Da utilidade e da desvantagem da história para a vida*) e outros escritos do começo dos anos 70. Comemoramos o septuagésimo quinto aniversário de meu irmão em círculo restrito, e lembro-me de um animado diálogo com ele sobre o objeto de minha palestra. Por sua insistência, passei a me tratar com o dr. Friedrich Rosenthal, que primeiro prescreveu injeções com meu próprio sangue, o que de nada adiantou, e em seguida tentou um tratamento com Empirina e Bellergeral, para baixar a febre. Novas chapas dos pulmões redundaram na identificação de uma clara infiltração do lóbulo direito. Ele exigiu a opinião de um especialista americano, que confirmou o diagnóstico e solicitou uma broncoscopia para constatar a existência do abscesso, já deixando entrever a necessidade de uma cirurgia. Minha reação foi mais de surpresa do que de receio, pois jamais pensara que pudesse ser ameaçado por um órgão respiratório. Os médicos eram unânimes em garantir que não se tratava de um processo tuberculoso. “Essa descoberta”, escrevi no diário, “esclarece uma série de aspectos de meu estado nos últimos meses. Em que condições ruins andei trabalhando! Por outro lado, o romance terrível e os aborrecimentos causados pela Alemanha são responsáveis por uma mera

gripe ter piorado a ponto de se tornar doença grave. — O adiamento da turnê de palestras até outubro é fato decidido”.

E aqui o diário pára.

XIII

Foi exclusivamente a atitude resoluta de minha mulher, a única entre nós a mostrar firmeza na vontade e nas decisões, que determinou o desenrolar dos fatos e seu feliz desenlace. Rosenthal era contra a operação devido à minha idade e, querendo poupar-me, também contra a broncoscopia, da qual, segundo o médico americano, eu poderia me recuperar em oito dias. Por sentimentos puramente humanitários, para evitar a cirurgia o primeiro defendia um tratamento que levasse meu organismo, no geral de constituição forte, a reabsorver o abcesso. Foi feita uma tentativa, e durante dois dias uma enfermeira especialmente contratada aplicou-me injeções de penicilina de quatro em quatro horas, prometendo sucesso. A droga de fato cessou a febre, que não mais me afligiu durante toda a história. No entanto, todos sabíamos que o método da espera trazia consigo o grande risco de complicações sérias. Enquanto o doutor hesitava e eu mesmo saboreava o fato de outros decidirem por mim, minha mulher já tomara uma decisão. Pusera-se em contato com nossa filha Borgese, em Chicago, e esta, por sua vez, com a clínica universitária Billings Hospital, onde trabalhava o célebre pneumologista e um dos grandes cirurgiões dos Estados Unidos, dr. Adams. Tudo foi rapidamente organizado, tanto lá quanto aqui, com reserva de trem e transporte especial até a estação ferroviária, e, antes que desse por mim, já

estava na frente de casa estirado sobre uma maca, que foi tragada pela ambulância, a qual partiu macia e célere sob o olhar inquieto de nosso *couple** japonês, Vattaru e Koto.

E assim, em condições tão novas, prosseguimos para a Union Station, onde a prerrogativa de doente permitiu-me acesso imediato ao trem e ao nosso *bed-room*, em cujo catre passei as trinta e seis horas seguintes de roupão em companhia de minha mulher, sofrivelmente acomodada como acompanhante. Elizabeth nos esperava em Chicago, onde uma outra ambulância já estava de prontidão. De maca rolante, fui conduzido por elevadores e pelos amplos corredores do Billings Hospital até o quarto reservado, que a boa filha carinhosamente já enchera de flores. Como é vívida a lembrança da chegada e da instalação na clínica! Eu nunca tinha experimentado o cotidiano de um grande hospital, muito menos passado por cirurgias. O primeiro contato foi com as enfermeiras, que esvoaçavam pela porta de vaivém que não encostava no chão, medindo temperaturas, aplicando injeções, distribuindo calmantes; depois houve a visita de boas-vindas da equipe médica responsável *in corpore*, encabeçada pelo próprio cirurgião dr. Adams, um homem simples e cortês, de bom coração — sem um traço sequer da aura tirânica do estilo médico alemão que faz tremer assistentes e enfermeiras —, acompanhado por seu *medical advisor*,** o clínico geral e docente universitário professor Bloch, alto e moreno, nascido em Fürth, perto de Nurembergue, conforme logo me confiou em alemão, pelo dr. Philips, pneumologista, tagarela e gracejador, e ainda pelo dr. Carlson, um lindo rapaz de origem nórdica e de apenas vinte e quatro anos, mas já *intern* desse grande estabelecimento graças à inte-

* Casal (N. do T.).

** Consultor médico (N. do T.).

ligência excepcional e à destreza manual — e mais todo um elenco de jaleco branco. Foram impressões iniciais agradáveis. Logo nesse primeiro dia o dr. Bloch realizou um rigoroso exame geral, auxiliado por seu assistente. Firme e amistososo, inquiriu minha mulher sobre a anamnese da doença, protocolada por jovens rapazes num trabalho que durou horas. A cirurgia era dada como certa, mas a decisão final dependia do resultado da broncoscopia.

Os dez dias seguintes foram marcados pelos preparativos para o exame e pela familiarização com o cotidiano de paciente, que começava cedo e terminava cedo, e com a engenhosa estrutura da cama hospitalar, cuja altura podia ser variada nas duas extremidades por meio de manivelas. Esticado numa *stretcher*,* fui transportado de elevador para um andar abaixo, onde estavam vários dos profissionais da instituição, uns que iam tomar parte direta no exame e outros vindos apenas para observação, como o amigo Bloch. Fui tratado com todo o cuidado e fiquei cheio de gratidão pelo emprego mágico das técnicas médicas. Primeiro, minha garganta foi pincelada com um anestésico. Em seguida, enquanto minha cabeça repousava no colo de um assistente (que depois a deveria erguer com rapidez), uma senhora de avental branco, enérgica e ativa, aplicou-me no braço esquerdo uma injeção que me colocou imediatamente num estado sonolento. Sonolento? Eu mal consegui dizer duas palavras e minha consciência já se havia esvaído, suave e inexoravelmente, e assim permaneci em profunda ignorância do que se sucedeu comigo — apenas por breves cinco ou seis minutos. Suportar esse processo em plena consciência deve ser extremamente doloroso. O médico consultado na Califórnia havia dito que eu me recuperaria em uma semana, mas aqui não hou-

* Maca (N. do T.).

ve do que me recuperar, pois tudo se deu sem o mínimo esforço. Acordei já em meu quarto, com o bom dr. Adams me assoando o nariz cheio de cuidado, pois a introdução do aparelho (provido de uma lampadazinha elétrica e de uma espécie de dispositivo periscópico para o exame detalhado do estado do órgão) através da traquéia até o pulmão naturalmente agride o sistema respiratório inteiro, sangrando um pouco e segregando muco, o que demanda uma certa quantidade de lenços de papel após o retorno ao leito — em termos de desconforto, isso foi tudo. Fiquei fascinado e, para o divertimento dos jovens médicos, durante muitos dias não falei de outra coisa que não fosse sinal de admiração, respeito e reconhecimento pela mágica injeção.

O nome desse produto há pouco introduzido no uso hospitalar, se não me engano, é 'Pentathol',* mas a informação correta me foi negada. Faz parte das misteriosas leis e dos votos de silêncio das instituições médicas nunca mencionar os produtos a que somos submetidos, e logo percebemos que, nesse âmbito, manifestar curiosidade é tido como grave indiscrição. Após medir a temperatura, as enfermeiras sonegam quaisquer informações e jamais confessariam a composição das pastilhas brancas que costumam servir com um copo d'água de tantas em tantas horas, assim como um médico nunca trai a fórmula ou o nome de um remédio prescrito. Lembro-me de certa ocasião, durante a convalescença, em que abusei um pouco do estômago comendo peixe assado e, tarde da noite, tive de chamar o residente de plantão e explicar-lhe meu mal-estar. Disse-lhe que nesse caso o que sempre me ajudava era meia colher de chá de bicarbonato de sódio. Ele fez que não ouviu. Continuou a me inquirir sobre os sintomas e as possíveis causas da indisposição. Por fim, procla-

* O nome correto do remédio é Pentothal (N. do T.).

mou: "Well, don't worry, we will give you a little something which will be helpful".* A enfermeira trouxe *a little something* em uma xícara. Era bicarbonato de sódio.

A operação finalmente era coisa decidida, e nos cinco ou seis dias seguintes, enquanto o dr. Adams viajava para participar de alguma conferência médica, foi tomado todo tipo de providências e precauções, como exames de sangue, excursões de cadeira de rodas ou de *stretcher* ao laboratório de raio X, visitas dos muitos especialistas da casa. O cardiologista — um inglês, se bem me lembro — mostrou-se especialmente satisfeito. Do ponto de vista cardíaco, resumiu, eu poderia submeter-me a qualquer operação. Ouvi o pronunciamento de uma personalidade de extrema importância: a dra. Livingstone, esposa do cirurgião e chefe da equipe de anestesistas, feiticeira responsável pela mistura de fluidos capaz de conjurar o sono profundo, que prometeu abençoar-me antes da cirurgia com a formidável injeção no braço. — Era chegado o momento do pneumotórax, ou seja, insuflação de nitrogênio na cavidade pleural para deter o pulmão doente, e achei deveras interessante experimentar no próprio corpo um processo que, nos tempos da *Montanha mágica*, fez parte de meu trabalho diário. O professor Bloch procedeu com extrema acuidade e destreza, sob o olhar curioso do jovem aprendiz Carlson. Foi tudo muito simples, e Bloch muito elogiou meu comportamento cooperativo. Como demonstrei espanto, ele comentou: "Se o senhor soubesse o barulho que as pessoas costumam fazer!"

Nesse ínterim, Erika soubera dos acontecimentos e viera de Nurembergue, de avião, para estar ao lado da mãe; hospedou-se na casa dos Borgese e passava a maior parte do dia junto a meu leito de doente. Nada nos poderia trazer maior reconforto do que a presença buliçosa e

* "Não se preocupe, vamos lhe dar uma coisinha que vai ajudar" (N. do T.).

afetiva dessa filha sempre tão cheia de energia. Ela tomou para si o cuidado das flores que enchiam o quarto — coroas de louro que se antecipavam à batalha, um deleite para os olhos que me deixavam orgulhoso e enamorado como qualquer outro habitante das camas com manivela — *just another patient*,* conforme uma das enfermeiras descreveu-me para pessoas curiosas a meu respeito. Sem febre e sem dores, eu continuava muito fraco, de modo que até mesmo barbear-me significava um esforço excessivo, e portanto não foi de todo supérflua a transfusão de sangue à qual fui submetido um ou dois dias antes da cirurgia. Ela foi realizada como rotina por dois jovens residentes, e, enquanto a conserva sangüínea gotejava lentamente em meus vasos, diverti os senhores médicos lendo uma das impagáveis sinopses noticiosas que Erika fazia, recortando e colando palavras e frases das manchetes dos jornais, um “4-Power Showdown Triumph Bulletin 1946, released after Wild Ride for Germany”, com *headlines* excitantes como: “Truman sniffs at U.S. Policy”, “Eisenhower May Be Arrested on Spy Charge”, “Germany Demands Dismissal of U.S. Government. Explains Why”, “Russia Asked to Neglect Red Defense”, “Truman Hopes to Lure Stalin to Missouri, Pepper Says”, “Foreign Born Babies by War, Navy Leaders Pose Problem — Ike Will Recognize Quintuplets — Bradley Favors Murder” etc. etc.** Assim, a transfusão ocorreu num am-

* Um paciente como os outros (N. do T.).

** “Boletim triunfal do espetáculo dos quatro poderes divulgado em 1946 após a selvagem caçada da Alemanha”; “Truman torce o nariz à política dos EUA”; “Eisenhower pode ser preso por espionagem”; “Alemanha exige a dissolução do governo americano e explica por quê”; “Rússia recebe pedido para abandonar a defesa vermelha”; “Truman quer atrair Stalin para Missouri”, diz Pepper”; “Filhos da guerra: um problema colocado pela Marinha — Ike reconhece quintuplos — Bradley é favorável a assassinato” (N. do T.).

biente descontraído impróprio para a situação, mas para mim foi importante ver os rapazes rindo à minha volta, distraíndo-me do processo em parte horrendo.

Adams voltou de viagem e disse que, se eu não tivesse nada contra, poderíamos *go ahead*. Portanto, no dia seguinte, bem cedo. Contrariando um pouco as diretrizes hospitalares, minha mulher não abriu mão de passar a noite na desconfortável poltrona ao lado da cama, enquanto eu dormia um sono perfeitamente tranquilo — embora, durante a tarde, tivesse perguntado ao dr. Bloch como se diz “frio na barriga” em inglês. “Stage fright”, disse ele. Às sete em ponto, como sempre, o dia começou com a toalete. Tomei minha *hypo* (abreviatura familiar para *hypodermic injection*,* morfina, é claro, mas quem ousaria perguntar) e logo fui raptado pela *stretcher* e parti acenando adeus às minhas caras acompanhantes. Jamais esquecerei a atmosfera quieta e obscura da antecâmara da sala de cirurgia, onde aguardei alguns instantes deitado na maca. Eu ouvia gente andando na ponta dos pés à minha volta, e os que se aproximavam para me cumprimentar faziam-no com extrema doçura. Bloch acenou da porta. “No stage fright today”, informei-o, mas ele não estava para piadas. Adams deu-me bom-dia e avisou que, antes da bem-vinda injeção no braço, eu faria uma inalação, *a little something*. Fiquei tocado por tanto zelo. “Bem conheço a rainha da Irlanda”, citei para comigo, lembrando-me da dra. Livingstone. E logo ela já estava ali, cutucando meu braço (talvez fazendo apenas uma marca, pois o que significa um pouco de ‘Pentathol’ antes de um longo trabalho?); em seguida, com muita leveza, colocou sobre meu rosto uma máscara embebida em nobres fluidos. E lá fui

* Em inglês: *go ahead* = prosseguir; *hypodermic injection* = injeção subcutânea (N. do T.).

eu. Foi uma das anestésias mais rápidas e pacíficas, das menos assustadoras que se pode imaginar. Acho que bastou inspirar uma única vez e fui transportado à mais profunda inconsciência; nas quase duas horas seguintes, certamente houve um reforço com mais algumas gotas. Que eu saiba, não tomei parte no que ocorreu em seguida, mas as informações que obtive depois confirmam a produtividade dessas horas. Era uma bela manhã, todos estavam descansados, dispostos e bem-humorados, sobretudo o dr. Adams, que trabalhou com a habilidade de sempre, num ritmo certo, sem pressa mas sem perda de tempo, operando com toda a precisão. Minha natureza paciente e a base ainda sólida de minha saúde (durante a cirurgia, só precisei de uma transfusão de sangue, enquanto outros, mais jovens, demandam de duas ou três), conjugadas com seu conhecimento médico dos mais avançados, contribuíram para que ele alcançasse um sucesso clínico quase sensacional. Nos dias seguintes, parece que não se falou em outra coisa nos círculos médicos de Nova York e Chicago que não fosse a *most elegant operation*.*

Confiantes, Erika, Medi e minha mulher passaram aquelas horas tensas no *office* do dr. Bloch, que de tempo em tempo dava-lhes informações sobre o andamento da cirurgia. “Tudo bem, tudo bem”, dizia com as mãos frias. Depois minha mulher foi juntar-se a mim no quarto. Já em minha cama, despertei temporariamente. Ainda muito aturdido, e contra todos os hábitos, dirigi-me a ela em inglês, e — mais estranho ainda! — reclamando. “It was much worse than I thought”, disse, “I suffered too much!”** Ainda hoje reflito sobre o sentido desse *non-sense*. O que estava dizendo? Pois não tinha sentido nada. Será que as forças vitais têm profundezas nas quais ainda podemos so-

* Operação mais bem-sucedida (N. do T.).

** “Foi muito pior do que eu pensava, sofri demais!” (N. do T.)

frer, mesmo com todos os sentidos desconectados? Será que, no fundo, é possível distinguir entre 'sofrer' e 'submeter-se'? O que significaria isso para um organismo considerado 'morto', sem que ninguém realmente saiba até que ponto se completou sua real dissolução? Isso poderia ser um argumento contra a cremação, ainda que apenas como uma forma de desconfiança. Para dizer em inglês: "It may hurt".* —

Os efeitos colaterais da anestesia foram mínimos, mal me incomodavam enquanto eu continuava acordando e dormindo, acordando e dormindo. Por um tubo de vidro eu bebia apenas água, quente e fria, alternadamente. É significativa a perda de líquido do corpo numa cirurgia assim. Às sete, perguntei a hora ao médico que veio me examinar, e ele respondeu. "O senhor acordou cedo", comentei perplexo. "Nem tanto", replicou ele, "ainda é o mesmo dia". Adormeci novamente. Creio que foi na mesma noite, ou na manhã seguinte, que tomei um suco de laranja por meio do tubo de vidro. Nunca na vida um sabor me pareceu tão delicioso, uma verdadeira iguaria, satisfazendo-me tanto a sede quanto a fome. É impressionante como as necessidades inconscientes do corpo podem levar ao êxtase os nervos palatais, que parecem reagir com uma intensidade sensorial semelhante à ingestão de um doce (que seja um bombom dos mais comuns) após uma aplicação de insulina. — Eu estava sob o cuidado de três enfermeiras particulares, que se revezavam noite e dia em turnos de oito horas. Além de aplicar as doses de penicilina de três em três horas para evitar infecções, sua outra incumbência era ajudar-me a mudar de posição na cama, processo incômodo mas crucial: movimento e mudança de posição — ora de um jeito, ora de outro, sem sobrecarregar o lado não atingido — hoje em dia são partes importantes da

* "Pode ser que doa" (N. do T.).

técnica de tratamento. Já no segundo dia o jovem dr. Carlson me convidou a levantar e permanecer alguns minutos em pé ao lado da cama, pronto a me acudir em caso de queda. Deu certo, difícil foi subir na cama alta com o auxílio de um escabelo.

A enfermeira do plantão noturno, das onze às sete, chamava-se June Colman, uma moça agradável de quem guardo boa lembrança. É quase inevitável que um paciente idoso, todo remendado e com dificuldades em se mover, desenvolva um certo carinho pelo anjo a velar por suas noites, mesmo que este não seja mais do que meramente simpático — e June era decididamente bela. Para ela eu também era *just another patient*. Quando eu perdia o sono por volta de uma ou duas da manhã e ela me trazia uma xícara de chá com a segunda cápsula de Seconal (“a cápsula vermelha”, remédio formidável que estranhamente não está disponível na Europa), eu aproveitava para me informar sobre sua casa, sua formação, sua vida. Ela tinha um noivo, ou tinha tido, pois conforme me contou, dando de ombros, ele havia sumido. Mas por quê? Talvez ele tivesse outra? “Não me espantaria”, replicou. “Mas a mim sim”, disse eu, “muito me espantaria alguém fazer tamanha bobagem!” Cheguei a esse ponto de intimidade, e ela sorriu afetuosamente. Seu sorriso era doce e convincente, sobretudo no meio da noite, quando, enfadado e teimoso, eu permanecia acorado na poltrona sem querer voltar para a cama, sem querer dormir. Ela então me acomodava, ajeitava um travesseiro às minhas costas e prendia o botão do sinal luminoso no cobertor, retirando-se por meia hora para juntar-se às outras enfermeiras de plantão. Despedia-se sempre dizendo: “Now I am going to have my coffee”,* e pronunciava *my coffee* com tanto gosto que até hoje me lembro disso com prazer.

* “Agora vou tomar meu café” (N. do T.).

Assim como a cirurgia havia transcorrido rotineira e descomplicada, sem lances clínicos espetaculares, também a recuperação avançou pressurosa e livre de incômodos. Uma pessoa de trinta anos não teria reagido melhor, asseguraram-me os médicos, eu era uma espécie de *prize patient*.^{*} Naturalmente percebia o choque causado por uma intervenção dessa espécie no organismo como um todo, sobretudo no sistema nervoso. Como seqüela, restara uma fraqueza do peito, que dificultava a ingestão e causava dores a qualquer acesso de pigarro ou tosse. Em caso de movimentos rápidos, eu tinha dificuldades em respirar, pois a extração da sétima costela alterou a posição do tórax e causou outras mudanças no interior de meu corpo. Inevitáveis eram as dores advindas da cicatrização nas costas, combatidas com Codeína. Mas logo foi afastado do quarto o aparelho de oxigênio que estivera ao lado da cama durante um certo período. O corte de um metro de comprimento ia cicatrizando com perfeição, de modo que após algumas semanas o belo Carlson (pessoas bonitas são sempre uma alegria, homens ou mulheres) já pôde tirar os pontos, com tal destreza que não senti nenhum dos incômodos esperados. Depois da *high school* (cujos objetivos educacionais nada têm de extraordinário) e sem passar por um *college*, Carlson entrara diretamente na *medical school*, onde obteve uma formação gratuita por ser aspirante da Marinha. Ele parecia ter nascido para a cirurgia, nada mais no mundo o interessava, e dava a impressão de ser feliz assim. Ainda o vejo de avental e camisa de borracha empurrando jovialmente uma figura qualquer envolta em lençóis sobre uma maca com rodas de borracha pelos corredores do Billings Hospital — um rapaz cheio de vida, eficiente, agradável de olhar, satisfeito com sua existência limitada.

^{*} Paciente premiado (N. do T.).

Bem cedo pela manhã, antes de ir embora, June aplicava toda a sua arte para me lavar deitado e trazia-me uma xícara de café (pois o desjejum só vinha às nove). De roupão, sentava-me à janela e observava o vaivém no portão principal, conferia os progressos do verde cobrindo as árvores no pátio e prosseguia minha leitura de Nietzsche com o lápis na mão, pois não tinha perdido de vista que a *lecture* sobre ele era o próximo compromisso em minha agenda. Então aparecia o dr. Fennister, presidente da American Association of Surgeons (Associação Americana de Cirurgiões) e médico-chefe da clínica da universidade, um exemplar da melhor estirpe de eruditos americanos, informava-se de minhas atividades, folheava meu volume de Nietzsche (editado por Naumann) e entregava-me um ou outro de seus artigos sobre história da medicina. Adams e seu séquito faziam a visita matinal; depois chegavam mulher e filhas. Ao longo do dia, ao longo dos dias, vinham visitas do mundo exterior: Bermann e Gumpert apareceram; Bruno Walter, que estava em Chicago para dar um concerto, sentou-se em minha cama; Caroline Newton também não se deixou intimidar pela viagem de Nova York e trouxe-me presentes: uma manta de fina lã e um conjunto de porcelana para o chá da tarde. Alfred Knopf enviou-me caviar. E nunca faltavam flores. Quando ameaçavam querer murchar, Erika entrava com rosas frescas. Num momento crítico da vida, rodeado de amor, atenção e desvelo, perguntamo-nos como é que merecemos tudo isso — pergunta vã. Pode ser agradável conviver com alguém em cujo ombro baila o duende da criação, alguém obcecado pelo trabalho, dia após dia e ano após ano por ele envolvido e possuído? *Dubito*.^{*} Maior ainda é a dúvida em meu caso particular. Como assim? Será que a consciência

^{*} Duvido (N. do T.).

da própria desumanidade, desta existência baseada numa distração concentrada — e por isso não despida de culpabilidade —, é capaz de compensar as insuficiências de nosso rendimento, granjeando-nos perdão, talvez até mesmo afeto? — É uma ‘especulação’; infame a ponto de poder ser atribuída a Adrian Leverkühn.

O romance: durante todas essas semanas ímpares e aventureiras, mantive-o próximo ao coração, fazendo na mente um rol de correções necessárias e diversos planos para o prosseguimento. Minha conduta de paciente exemplar, a ligeireza de minha recuperação, espantosa na minha idade, todo esse desejo de sobrevivência, essa verdadeira persistência em vencer a provação inesperada e tardia — não havia por trás disso tudo um segredo “Para quê?” Não foi tudo a serviço da obra, não foi a partir do inconsciente que a tudo superei para erguer-me e acabá-la? Mesmo assim, pensar nela era tocar uma ferida aberta, e bastava o mais delicado e bem-intencionado dos toques para causar um abalo surpreendentemente forte em meu estado combalido. A parte já datilografada do manuscrito viera comigo e fora lida por Erika e minha mulher. De roupão e sem apetite diante da estreita mesinha de comida, eu ouvia as impressões prazerosas de Erika sobre os trechos do livro que mais lhe agradavam, as primeiras visitas dos amigos de Adrian à aldeia, Spengler, Jeanette Scheurl, Schwerdtfeger com seu assobio musical. E de pronto as lágrimas enchiam-me os olhos — de puro contentamento, conforme precisei explicar à filha, aflita por seu descuido.

A completa falta de apetite era a única reclamação que eu tinha a fazer aos médicos em suas visitas diárias, cada vez mais inúteis. Em parte, a dispepsia devia-se ao uso prolongado da penicilina, prescrita até o fim da estada no hospital. É um remédio de fato abençoado, mas que a longo prazo profana o sabor dos alimentos como se fosse dejetos de harpias, de modo que a partir de um certo ponto o mundo inteiro

cheira a penicilina, e não há apetite que resista. Num estado de saúde debilitado, é normal que os sentidos se tornem suscetíveis e críticos, e nos sentimos por demais refinados para suportar coisas que são comuns na vida cotidiana. Para meu próprio espanto, isso se revelou em minha rejeição a bebidas alcoólicas. O mais nobre vinho do Sul trazido por Medi Borgese era intragável; na melhor das hipóteses, sem sabor. Até mesmo da leve cerveja americana eu fazia pouco. Em contrapartida, em todas as refeições sorvia Coca-Cola em grandes quantidades: a bebida predileta das crianças e que nunca me apeteceu — nem antes, nem depois — agora, de repente, tornara-se a menina dos meus olhos.

Tais humores e insubordinações do organismo não detiveram o retorno das forças e da liberdade de movimentos. No começo, como parecia longo e insuperável o curto trajeto da porta do quarto à sala de visitas, no fundo do corredor à direita! Mas logo eu já percorria distâncias muito maiores, apoiado no braço de minha mulher ou da enfermeira vespertina, palmilhando os longos corredores do andar enquanto os alto-falantes reclamavam em algum lugar a presença de algum médico. Chegou o dia em que voltei a vestir um terno e, de cadeira de rodas, fui transportado até a entrada do prédio, onde pude erguer-me por alguns instantes e fazer um curto passeio diante do edifício, sentando-me num banco com uma manta sobre as pernas e fruindo o ar primaveril cada vez mais quente. Li muito durante as longas horas deitado. No começo, distraí-me com a edição inglesa do belo trabalho de nosso Golo sobre Friedrich Gentz, muito elogiado. Depois, os Borgese emprestaram-me os quatro volumes do *Der grüne Heinrich* (*O verde Henrique*),* que até aquele momento estranha e vergonhosamente eu

* Planejado em 1842-1843, o romance do suíço Gottfried Keller (1819-1890) foi escrito de 1846 a 1859 (N. do T.).

não conhecia. Já tinha lido a correspondência de Keller com o editor Vieweg, que lhe encomendara um 'romance' e a partir de certo momento começou a inquirir e pressionar, simplesmente sem entender a dificuldade do escritor em não conseguir acabar, acusando-o de indolência e logro até perder completamente a paciência. Enquanto isso, o jovem autor — em cujas mãos ia crescendo uma obra ímpar, despojada de qualquer vulgaridade, uma obra cuja grandeza só é alcançada no correr dos anos — desfaz-se em desculpas, tenta justificar-se, não consegue cumprir nenhum prazo e volta e meia pede um prolongamento. Esse conflito extremamente cômico muito me agradou, mas mesmo assim nunca me senti compelido a tomar um contato mais que superficial com uma obra de tamanha tradição e com tanta afinidade com minha própria esfera criadora. Talvez porque, em minha juventude, eu tenha me alimentado mais de literatura 'européia' — russa, francesa, escandinava, inglesa — do que da alemã, de modo que até o contato com Stifter se deu tardiamente. Creio que eu nada conhecia da autobiografia épica de Keller além de um ou outro episódio juvenil, nada além de Meierlein e suas "pequeninas cifras breves". Agora eu o lia com atenção prazenteira e admiração crescente, tanto pela riqueza de vida repleta de pureza exposta neste livro, quanto pelo delicioso desvelo estilístico de sua linguagem, arrimada em Goethe mas muito autônoma — admiração mesmo, embora o narrador em primeira pessoa, o Verde Henrique, tão poucos motivos ofereça para ser admirado, o que parece ser quase uma norma para os heróis de romances de formação ou educação. Aliás, o epíteto que Goethe dá a seu Wilhelm, "um pobre coitado", é mais adequado àquele do que a este.

"You are still reading? You don't sleep? Shame on you!"* foi o comentário de June certa vez ao entrar em meu quarto às onze da noite

* "Ainda lendo? O senhor não vai dormir? Que vergonha!" (N. do T.)

e dar com a luz acesa, que ela logo apagou, restando apenas o brilho azulado da luzinha noturna. Apoiado em travesseiros, deitei-me de lado, a posição mais cômoda, enquanto o anjo vigilante noturno tomava assento na poltrona que, durante o dia, eu já ocupava por várias horas. A vida hospitalar já me aborrecia, o que era compreensível. Naquela noite tracei o plano excitante de não permanecer ali seis semanas inteiras após a operação, mas de passar uns dias no meu caro Hotel Windermere junto ao lago antes de ir para casa. Chamado e consultado, o dr. Bloch deu seu consentimento. Os preparativos foram feitos rapidamente e seguidos de uma série de despedidas, dedicatórias em livros, lembranças para as enfermeiras. Na última hora, decidimos dar uma entrevista coletiva à imprensa. Um grupo de jornalistas reuniu-se na sala de visitas com *fumoir** no andar de baixo, e a eles me dirigi no braço de Erika, ainda longe de estar em condições de falar em público. Na verdade, estava louco para entoar um canto de louvor à instituição, aos médicos e à gloriosa intervenção cirúrgica perpetrada em meu corpo. Mas justamente esse direito me foi recusado, pois o Billings Hospital não admite *publicity* — inclusive, durante todo o período, fora extremamente lacônico nos boletins médicos sobre meu estado. E assim nada pude dizer aos *boys* além de palavras bem-intencionadas sobre a situação política, e logo fui *cut short*** por Erika, administradora de minhas forças. Medi Borgese nos levou de carro para o hotel, onde já haviam preparado nossas acomodações. Que aposentos suntuosos! E as refeições em nossa *dinette*,*** tão mais atraentes que a dieta hospitalar! Parei de tomar

* Área para fumantes (N. do T.).

** Interrompido (N. do T.).

*** Pequena sala de jantar (N. do T.).

Coca-Cola. O dr. Bloch visitava-nos em suas folgas. A greve dos ferroviários atrasou nossa partida em vinte e quatro horas, após muitos telefonemas para saber se e quando partiria o *chief* para Los Angeles. No domingo tudo estava pronto. A viagem de volta desenrolou-se em condições perfeitas, num *drawing room** e com refeições particulares. Na terça-feira, 28 de maio, chegamos os três à Union Station.

XIV

Era a mais bela estação do ano. Cada passeio no jardim viçoso de flores exuberantes, tão bem tratado por Vattaru, o panorama sobre os vales e as colinas no lado da *sierra* de claros contornos e do outro lado o oceano e a ilha de Catalina para além da copa das palmeiras — todas essas imagens e cores paradisíacas me encantavam. Eu estava feliz por me ter preservado, ter sido aprovado com distinção num exame rigoroso, feliz por estar de volta a meu ambiente natural entre meus livros, feliz por me expor novamente às exigências de uma vida ativa, feliz até mesmo pela alegria do poodle — que no momento da partida parecia ter percebido a seriedade da situação e no quarto, com uma pata sobre meu joelho, olhara-me tristonho enquanto eu aguardava a chegada da ambulância —, que agora festejava nosso regresso brincando e correndo em círculos; feliz sobretudo pela decisão firme, reforçada por conselhos expressos, em especial de Antonio Borgese, de dedicar-me exclusivamente à minha questão central: antes de mais nada, terminar o romance, cuja essência me parecia um

* Cabine particular (N. do T.).

abrigo seguro e cuja continuidade eu planejava com clareza. Eu não tinha dúvidas sobre as dificuldades, em parte grandes, que ele me proporia até a última palavra, mas passo a passo eu as saberia superar.

Bons amigos me visitavam e traziam belas dádivas: os Dieterle, os Neumann, Helene Thimig, Fritz Massary. Adorno presenteou-me com o livro de Benjamin sobre a tragédia barroca alemã já citado, entre cujas considerações tão interessantes encontrei uma referência aos vínculos entre o drama shakespeariano e o jogo alegórico do diabo da Idade Média, perceptíveis aqui e ali. Sob essa perspectiva, enquanto representantes do mal primevo, os vilões de Shakespeare, todos os Ricardos e Iagos de comicidade amiúde inequívoca e quase sempre salientada pelos grandes atores, seriam grandiosas relíquias do universo da farsa religiosa medieval, nem tão distante do tempo de seu autor. Uma conjetura brilhante, para mim tanto mais atraente quanto abordava o tema satânico, central no romance. É curioso observar minha capacidade e presteza em detectar relações entre quaisquer leituras e o objeto de trabalho ao qual estava apaixonadamente entregue, mas fato é que essas relações e referências vinham a meu encontro por todos os lados, quase como alcoviteiras. O presente de congratulação de Lion Feuchtwanger, que tão pouco sabia de meus planos e idéias, foi *Die Schriften des Agrippa von Nettesheim* (*Os escritos de Agripa von Nettesheim*)* — que atencioso! Aí encontrei um capítulo divertido e colérico sobre magia negra e conjuração do demônio, e ainda mais: um sobre música, ou melhor, contra a música, repleto de invectivas morais contra ela. Segundo os poetas gregos, diz o livro, Júpiter *jamaís* cantou nem dedilhou a cítara, e Palas Atena

* *De incertitudine et vanitate scientiarum* (1530) e *De occulta philosophia* (1531) (N. do T.).

desprezava a flauta. “Para dizer uma grande verdade, o que pode haver de mais inútil, desprezível, mais digno de repulsa do que essa gente que assobia e canta, e demais músicos da mesma estirpe, que por meio de uma venenosa doçura, qual sereias com seu frívolo cântico, buscam seduzir e possuir a alma do homem, arremedando-lhe os gestos e os sons? Por isso as mulheres dos valentes trácios seguiram Orfeu, que com seu canto efeminara os varões.” A música sempre foi algo suspeito; mais ainda para quem a amou com intensidade, como Nietzsche.

O excesso de conversas tirava-me o fôlego e me fazia transpirar; minha mulher e minha filha exigiam que eu me poupasse e sobretudo que deixasse a seu encargo, com o auxílio da fiel secretária Hilde Kahn, datilógrafa do *Fausto*, a tarefa de responder à correspondência acumulada. Em parte por motivos sentimentais, eu ainda mantinha alguns dos hábitos do hospital, como a sesta de duas horas e o chazinho noturno acompanhando um tranqüilizante. Apenas dois dias após o regresso, comenta o diário, que logo retomei: “Ocupado com as últimas partes do manuscrito”. No começo de junho, reencontrei-me feliz mudando e corrigindo o capítulo das palestras, o VIII, com o qual nunca estava satisfeito. Já que me sentar à escrivaninha causava-me dores nas costas, foi preciso encontrar uma nova posição de trabalho, que conservo até hoje: sentado no canto do sofá, com o papel fixo em uma prancheta metálica apoiada no colo. Assim, toda manhã percorria a lista de alterações ponderadas com muita calma. Antes mesmo de meados do mês, já tinha realizado todas, e chegara o momento de retomar o desenvolvimento da história. Todavia, continuava me recriminando por “tomar liberdades e permitir-me excessos prejudiciais” na formulação do diário, completada por um indolente “que poderão ser eliminados por outrem”. Por um lado, a

tendência a transferir a outros a responsabilidade sobre as últimas alterações, que provavelmente seriam mais radicais, advinha do hábito de querer poupar-me durante a convalescença. Mas, por outro, também era subordinada à minha secreta concepção da obra como legado, cujo devir público estava além da minha esfera de poder e ficava ao encargo do bom senso de editores e executores testamentários. Assim via o assunto, ao menos por algum tempo. De mais a mais, ao fazer tal observação eu já tinha em vista a pessoa de meu círculo à qual se aplica a palavra paterna: “ao conversar contigo, falo comigo mesmo” e cujo conselho seria minha própria palavra.

Em primeira instância, era bom estar avançando. Ainda não chegara o meio de junho e já tinha começado a escrever o capítulo XXV, com o destino da pobre Clarissa — uma adaptação livre da vida e de uma realidade fraterna —, encerrando-o doze dias depois. Antes do final do mês já foi possível iniciar o seguinte, que relembra a atmosfera dos anos 20 na Alemanha, introduzindo a amiga invisível, exemplo da mais profunda descrição, e no qual tanto me agradou escrever a história do anel por ela presenteado a Adrian. No entretanto, completei setenta e um anos. O presente mais útil que ganhei foi uma bela poltrona dobrável, objeto que de imediato se tornou fundamental em meu dia-a-dia, acompanhando-nos em passeios e me servindo de assento repousante nos lugares diletos ao ar livre com vista para o oceano. Ainda tinha dificuldades para andar, e minha incapacidade inata de pensar para além do estado presente projetava-me uma situação na qual, até o final dos meus dias, eu teria de arrastar a poltrona dobrável para onde quer que fosse. Mas pouco tempo depois ela deixou de ser útil, desaparecendo do meu cotidiano. — Na revista *L'Arche*, criada por Gide e que eu recebia periodicamente, li um ensaio muito instrutivo sobre Anton von Webern, aluno de

Schönberg, um testemunho de como a intelectualidade francesa é aberta para a música moderna. Li também um artigo inteligente sobre o ateísmo de Nietzsche, entendido como uma forma especial de religiosidade e portanto de acordo com minha própria convicção, que aliás eu já encontrara na crítica americana, de que a luta de Nietzsche contra a moral cristã é um fato no *interior* da história do cristianismo. — Stephen Spender havia percorrido a Alemanha destruída, e seu vívido relato da viagem foi publicado em alemão na *Neue Schweizer Rundschau*, instilando um brando horror com seu retrato desgostoso das trágicas efusões de certos escritores alemães em sua verborragia fútil e sua jactância sentimental, um pavor brando da atitude dessa “imigração interna”. Esse artigo poderia ser intitulado “Com o olhar do ocidente”, como a obra-prima de Joseph Conrad, na época minha leitura predileta antes de dormir — li praticamente sua obra toda. Comecei com *Lord Jim*, prossegui com *Victory* e durante algumas semanas me diverti lendo toda a série de romances. Sendo alemão, de algum modo me sentia constrangido por sua arte narrativa tão masculina, aventureira, de alto nível estilístico e grande profundidade psicológica e moral, que entre nós não chega nem a ser rara: é *inexistente*. — Continuava ocupado com o *Grüne Heinrich*, em que descobri afinidades com o romance *Nachsommer* (1857, *Verão de S. Martinho*), passando por Goethe. Minha admiração perdeu até o fim, mas em minha ignorância da história da literatura fiquei intrigado pelas discordâncias entre o quarto volume, que tinha agora nas mãos, e a edição que li no hospital, que a partir do terceiro volume apresenta uma versão diferente, pois a “batalha dos loucos” acabava de outro modo, já que, numa das versões, Lys morre em virtude das feridas. Quanta originalidade na passagem da primeira pessoa autobiográfica para a terceira! Felizmente, em meados de junho

recebemos a visita de um amigo de Zurique, o jovem escritor Richard Schweizer, que veio ao litoral do Pacífico resolver negócios no meio cinematográfico. Em conversa com ele, reclamei dessas discrepâncias, como se ele tivesse nisso alguma responsabilidade. Semanas depois, de volta à Suíça, ele me enviou, em oito belos volumes encadernados em linho, as duas versões da obra divina, editada por Jonas Fränkel “de acordo com os manuscritos do espólio”: uma de 1926 e outra de 1854, conforme encontram-se agora bem expostas numa prateleira de meu gabinete. —

Da Alemanha veio me surpreender uma boa notícia: sob os auspícios dos russos, e segundo consta com grande participação popular, fora organizada uma série de palestras sobre *Carlota em Weimar* na própria cidade, no salão da casa de Goethe. O evento muito me comoveu. Houve inclusive uma contrapartida cômica, conforme fiquei sabendo depois. Ainda durante a guerra, haviam circulado na Alemanha exemplares do romance contrabandeados da Suíça, e opositores do regime reproduziram em forma de panfleto os trechos do grande monólogo do sétimo capítulo que descrevem o caráter germânico e predizem grandes desgraças. E assim meu texto foi propagado na Alemanha camuflado sob o título *Aus Goethes Gesprächen mit Riemer* (*Das conversas de Goethe com Riemer*), e é verdade que ele apresenta uma mistura indiscernível de elementos biográficos autênticos e comprovados com outros apócrifos, com o conteúdo homogeneizado pela linguagem. Durante o processo de Nurembergue, uma tradução dessa curiosa falsificação foi apresentada ao promotor britânico sir Hartley Shawcross, que, de boa-fé e seduzido pelas idéias tão atuais e convincentes com que ali se deparou, dele extraiu abundantes citações para seu discurso final. O equívoco não lhe saiu barato. Um artigo no “Literary Supplement” do *Times* londrino revelou

que Shawcross não citara Goethe, mas meu romance, causando um certo constrangimento nos círculos oficiais ingleses. A serviço do Foreign Office, o embaixador em Washington, lord Inverchapel, escreveu-me pedindo um esclarecimento. Confirmei a declaração do *Times*, explicando que os autores do panfleto certamente tinham agido com boa intenção ao mistificar parte do romance. Assumi minha responsabilidade dizendo que se Goethe na realidade não dissera as palavras que o jurista lhe colocou na boca, virtualmente ele o poderia ter feito, e portanto sir Hartley, num sentido muito sublime, fizera uma citação *correta*.

Essa pequena comédia de erros ocorreria um pouco mais tarde, no alto verão. Ainda em junho chegou da Alemanha, sem detalhes, uma notícia muito mais grave e tocante: Gerhart Hauptmann morreria no dia 6, no meu aniversário portanto. Só depois é que fiquei sabendo dos pormenores: aos oitenta e quatro anos e doente, o escritor recebeu dos poloneses uma intimação para entregar sua casa nas montanhas da Silésia e faleceu em meio à mudança, já de malas prontas. Passei um bom tempo com ele na cabeça, lembrando-me de nossos encontros ocasionais em Bozen e Hiddensee, onde fomos seus hóspedes e pude conviver um pouco com essa personalidade singularíssima, em parte grotesca, mas em parte extremamente afetuosa e fascinante, que sempre provocava admiração e respeito. Não há dúvida de que essa 'personalidade' tinha um lado embusteiro, de impressionante insignificância. Em sua solidez espiritual havia uma grandeza encravada — incompleta, desarticulada, mascarada —, e não era difícil permanecer horas inteiras sob o misterioso encanto dos lábios e da cabeleira branca desse homem gesticulador e exagerado sem atinar no que havia "por trás". Mas, dependendo das circunstâncias, um evento corriqueiro podia ser exaltado por sua personalidade de modo

a ganhar uma relevância que o transformava em verdade sublime e inolvidável. Certa noite em Hiddensee, deve ter sido no verão de 1923, em seu gabinete (também estava presente sua secretária Jungmann), ele nos fez uma leitura de sua epopéia *Till Eulenspiegel*,* a parte do cântico sinistro em que o sol se esquece de se pôr. Em seguida, após uma breve conversa sobre o trecho, desafiou-me a ler alguma coisa da *Montanha mágica*, da qual eu já tinha escrito três quartos. Recusei. Tive uma franca resistência a ler depois dele, e não ocultei isso dele. Aí o homem ficou agitado. Demorou um pouco até ele dizer o que o incomodava. Protestou com muitos gestos e exclamações, insistindo para que eu prestasse atenção às suas palavras, e por fim desembuchou: “Mas, meu amigo... Como assim... Não faz sentido... *Na casa de nosso Pai há muitas moradas!*”** — A expressão foi tão feliz, tão bem colocada e com tanto sentimento, tão ponderada e pertinente, que me atingiu no fundo da alma. Ao meu elogio, replicou todo satisfeito e contente, repetindo: “E não é verdade? E não é verdade?” Deixei a hesitação de lado e li uma parte recém-escrita, o capítulo “Passeio na praia”, trecho bastante abstrato e de uma filosofia humorística muito difícil de ser tirada do contexto. Durante a leitura, percebi que a Jungmann entediava-se, mas o velho estava interessado, prestando atenção ao ritmo interno e à minha fala e entonação, e ao final comparou nossos estilos. “Lembra-me muito *Meredith*”, disse. Nunca esqueci essa observação, que torna patente sua sensibilidade a sonoridades e afinidades rítmicas. Ritmo era o que não faltava em seu trabalho.

* Poema épico de 1928 que insere a figura lendária de Eulenspiegel no caos político da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (N. do T.).

** João 14, 2: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos lugar”, trecho extraído da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1993 (N. do T.).

Richard Dehmel já apontara a coesão íntima, a “versificação interna” da linguagem popular silesiana, dita ‘naturalista’, da poética de Hauptmann, em grande parte irrefletida, ou no máximo com reflexões muito vagas, sustentadas apenas pela língua — como no final de *Michael Kramer*. Certa vez, ele comentou que o começo do fragmento *Andreas*, de Hofmannsthal, era influenciado pelo começo do *Lenz*, de Büchner — observação de caráter puramente rítmico que não poderia ser feita por qualquer um.

Não quero deixar de mencionar sua benevolência e solicitude. Em Hiddensee, toda manhã bem cedo ele tomava um banho de mar. Certo dia, ao descer para a praia, encontrei-o de roupão, enxugando-se, os cabelos brancos grudados na cabeça. Ao cumprimentarmos, perguntei-lhe *en passant*: “E como estava?” — “Gostosa, mas um pouco quente”, respondeu. — “Melhor assim!” repliquei, seguindo para o mar. Talvez eu tivesse dado uns quinze passos quando ele saiu literalmente trotando atrás de mim, gritando meu nome diversas vezes. Quando me virei, ele explicou, quase sem fôlego: “Foi uma piada! A água está gelada!” — Ele ficou com medo de que eu levasse um choque térmico! Um bom homem. E na maior parte da vida, um homem feliz. Quando estive em Munique para as festividades de seu septuagésimo aniversário (uma comemoração que durou semanas!), certo dia combinamos um café da manhã no Hotel Continental com Max Halbe, que, enrolando o ‘erre’, tratava Hauptmann de “meu grande amigo”. O desjejum com champanhe, sua bebida predileta, estendeu-se da uma e meia às seis da tarde. Ele estava mais grandioso do que nunca, magnificamente insignificante. Peremptório, refutou todas as tentativas de finalizar o encontro: “Rapazes, vamos tomar mais um gole desta coisinha inofensiva!” A “coisinha inofensiva” era Moët et Chandon. Já um pouco bambeado, por fim subiu para o quarto, deitou-se e ador-

meceu de imediato, antes mesmo que a pessoa que o acompanhara até a cama tivesse fechado a porta. O espetáculo comemorativo de *Die Ratten* (*As ratazanas*) na Schauspielhaus estava marcado para as oito horas. Com bons vinte minutos de atraso, Hauptmann finalmente apareceu em seu camarote, sendo recebido como um rei pelo público que o aguardara com paciência, sentou-se cheio de alegria e acompanhou até a última palavra a magnífica apresentação dessa que talvez seja sua melhor peça.

Um homem feliz, uma pessoa abençoada — e fazia questão que assim fosse. Recusou o papel de mártir e dizia que a luta incondicional contra a barbárie popular em ascensão deveria ser ‘impiedosa’ — palavra significativa, querendo dizer tanto ‘sem piedade’, quanto ‘imperdoável’. Ele parecia querer se perfilar junto a Goethe, que disse:

“Mir gefällt’s, zu konversieren
Mit Gescheiten, mit Tyrannen.”*

Com sábios! Mas também com parvos sangrentos? Hauptmann estava pronto para isso. Ele não deixou que a “tomada de poder” mudasse sua vida, não permitiu que lhe revogassem o direito de representatividade, desejando comemorar o octogésimo aniversário nos moldes do septuagésimo. Permaneceu na Alemanha, içou a bandeira com a cruz gamada, escreveu “Digo sim!” e chegou a ponto de uma *entrevue* com Hitler, que durante um ignominioso minuto perfurou, com seu estúpido olhar basilisco, os pequenos olhos pálidos e nada goethianos e seguiu adiante. — Por volta de 1900, Harden costumava chamar esse alemão dileto da crítica judaica de “o pobre Herr Hauptmann”.

* “Agrada-me parlamentar/ com sábios e com tiranos”, tradução livre (N. do T.).

Agora ele se tornara mesmo “o pobre Herr Hauptmann”: isolado, amargurado, ainda por cima desprezado pelos próprios nazistas por sua condescendência incondicional. Certamente foi indizível seu sofrimento no ar pesado das sanguinolentas emanações do Terceiro Reich, foi indizível sua dor pela ruína que se abateu sobre a terra e o povo que tanto amava. Nas fotos da época, seu rosto exhibe os traços do mártir que ele não queria ser. Tais imagens vieram-me dolorosamente à cabeça ao saber de seu falecimento, e meu luto foi acompanhado pela sensação de que, malgrado todas as nossas diferenças, malgrado a distância que a vida e os acontecimentos puseram entre nós, tínhamos sido algo como amigos. Não nego o grão de ironia contido em minha admiração por ele, que no entanto era de coração. Hauptmann parecia apreciar o ‘quarto’ que ocupei na “casa de nosso Pai”. Com tolerância grandiosa, não fez caso da sátira que me permitiu fazer de sua ‘personalidade’ na *Montanha mágica*, utilizando sua imagem como símbolo de uma insuficiência majestática — apesar de todos os bisbilhoteiros que se esforçaram em esfregar-lhe o fato nas barbas e o indispor contra mim. Em 1925, publicou um grande elogio ao livro, e o fato de eu ter recebido o Prêmio Nobel em 1929 foi, em grande parte, trabalho seu. De Schreiberau, ele me telefonou em Munique para contar que acabara de ter uma conversa telefônica decisiva com o Kingmaker em Estocolmo, o professor Böök da Academia Sueca, e estava feliz por ser o primeiro a me cumprimentar. Respondi-lhe que receberia o prêmio com ainda maior prazer sabendo que o devia a ele... Amigos, mas sempre com formalidade. O momento mais estranho e cômico de nossa relação foi quando tentou sugerir que nos tuteássemos — e voltou atrás. Ele devia ter bebido um pouco, e começou: “Bem... Veja o senhor... Muito bem!... Nós *somos irmãos*, não somos?... Então deveríamos... É claro... Ah, deixa pra lá!”

E continuamos no tratamento formal. E, de fato, quem mais ele poderia chamar de irmão naquela roda? —

Meus nervos recuperavam-se muito devagar, mas de repente foi possível fazer de novo coisas que havia muito eu não conseguia; toda semana, a balança indicava um aumento de peso de cerca de um quilo, sem retroceder nem parar. Esse tipo de impulso biológico é comum após uma intervenção cirúrgica, e o processo foi acelerado por um remédio miraculoso desenvolvido pelos russos havia pouco tempo e que o dr. Rosenthal aplicou em mim algumas vezes, deixando em meu braço, aliás, doloridas marcas vermelhas que coçavam muito. O diário registrou “‘seríssimos’ preparativos psicológicos e técnicos para uma guerra”, mas em paralelo seguem-se anotações despreocupadas sobre o desenvolvimento do romance, que, em meados de julho, já tinha alcançado o capítulo XXXVII, o de Fitelberg, ou melhor, o da coleta de material sobre ele. O personagem do agente internacional e a cena simbólica da tentação da solidão por meio da ‘mundanidade’ já estavam previstos havia muito tempo, e ao juntar o material para escrever a conversa entre ele e Adrian espontaneamente tive a idéia de deixar o divertido tentador falar sozinho, retratando as reações de seu interlocutor somente por alusões. Só faltava a pessoa, o homem em si, que eu não conseguia visualizar. Mas, chegado o momento de pôr o episódio no papel, recebi o auxílio necessário: certa manhã, tomando um café no quarto, mencionei à minha mulher essa preocupação pequena mas séria, que me lembrava dos dias em Bozen, muito tempo atrás, quando eu, desnorteado, perguntava-me como transformar Mynheer Peeperkorn em algo pitoresco — e ela aconselhou-me. Comentou que na verdade o modelo estava bem ao alcance de minha mão e que para delinear o rosto do personagem ‘cosmopolita’ bastava eu me lembrar dos traços gerais de nosso velho amigo

em Nova York, S.C., outrora agente literário e teatral (portanto distante do mundo da música) em Paris. Perfeito! Lá estava ele, é claro. Como não pensei nisso antes! Nada é mais prazeroso do que trabalhar moldando, espiritual e gradualmente, um modelo da natureza; e, se alguém me acusasse de dessemelhança, eu poderia responder como Liebermann: “É mais parecido consigo do que o senhor mesmo!” — Daí em diante, a anotação é freqüente: “No XXXVII”, “O dia inteiro no capítulo de Fitelberg”. Embora me tenha dedicado alguns dias a um artigo encomendado pelo *Musical Quarterly* para o septuagésimo aniversário de Bruno Walter, que redigi na forma de carta ao amigo, já no meio de agosto pude encerrar o capítulo, pouco mais do que três semanas após tê-lo começado. É um episódio refrescante no universo tão sombrio do livro, e bastante adequado para leituras públicas, pois tem muito da ambigüidade vívida e do efeito teatral do personagem de Lessing, Riccaut de la Marlinière. Por causa dessa caricatura, Lessing não escapou da acusação de nacionalismo e difamação da nação francesa. E como sempre achei que, nesse caso, ele de fato incorrera em certa leviandade moral em nome do efeito literário, é preciso que eu justifique meu personagem judeu à la Riccaut para que não se veja nele um aspecto anti-semita, o que seria uma interpretação errônea, embora não de todo impertinente, apesar de toda a simpatia drolática que procurei lhe atribuir. Uma primeira leitura do capítulo para o círculo dos amigos e da família já serviu para levantar essa questão, e, por mais que ela me surpreendesse, precisei dar razão aos outros, sobretudo porque a caracterização do malicioso Breisacher, o intelectual intrigante e precursor da desgraça, também contribui para alimentar a mesma suspeita de anti-semitismo. Sobre Breisacher escrevi o seguinte: “É possível censurar o espírito judaico por ele conservar sua apurada receptividade ao novo mesmo

em situações bicudas, quando o vanguardismo coincide com o reacionário?” Na boca de Fitelberg coloquei as palavras: “Tenho o Velho Testamento no sangue, e isso é uma coisa não menos séria que a germanidade...” A primeira citação mostra que meus judeus, assim como os outros personagens, são simplesmente filhos de sua época, em geral, graças à sua sensatez, filhos mais fiéis do que os outros. A segunda frase alude à singular dignidade espiritual do judaísmo, que o livro parece não se lembrar de reconhecer, mas que conferi tanto ao judeu *manager* quanto ao cosmopolita. E há no livro personagens mais simpáticos que os judeus, com exceção talvez do próprio narrador, Serenus Zeitblom, e da mãe Schweigestill? No geral, esse romance é um aquário muito bizarro, repleto de criaturas do final dos tempos! Sem a menor sombra de dúvida, Fitelberg me é muito mais simpático do que as larvas de sangue alemão que, na casa de Kridwiss, discutem a época e seus humores. Enquanto ninguém afirmar que o romance é antigermânico (e não faltará quem o faça, aqui e ali), que não me venham falar em anti-semitismo. —

Em meados de agosto, enquanto trabalhava no capítulo XXXVIII, com a sonata de violino e a discussão na casa de Bullinger sobre a beleza sensível, comecei uma série de reuniões com Erika, que lera com atenção as páginas datilografadas devolvidas por Mrs. Lowe, livrando-as com muito carinho dos pedantismos e dos excessos que aborrecem o leitor e causam dificuldades inúteis para os tradutores, uma tarefa que eu não conseguiria cumprir sozinho. E assim as horas de trabalho matinais foram dedicadas a cortes em diferentes partes do livro, sobretudo nas iniciais — sempre com hesitação por parte de minha solícita ajudante, que achava tudo tão bem escrito e por isso lamentava as supressões propostas, embora crendo que o todo se beneficiaria do sacrifício de um ou outro parágrafo. Provavelmen-

te ela esperava que eu lutasse por cada linha e surpreendeu-se com minha receptividade, que já vinha de longa data e só precisava ser evocada. Quase não foi preciso barganhar e regatear. “Mas claro! Aprovado! Fora com isso! Vamos cortar uma página e meia, sim, três páginas! Vai ficar legível, *um pouco* mais legível.” Volta e meia era necessário fazer novas intervenções no capítulo das palestras de Kretzschmar, e foram deixados fora trechos inteiros sobre teoria musical. Resumimos as conversas dos estudantes e contivemos os arroubos excessivos nos cânticos de Brentano, banindo de vez um professor e seu curso da Faculdade de Teologia de Halle. No final, após novas interferências da alerta reclamante, o manuscrito foi aliviado em cerca de quarenta páginas, e as certas. Ninguém sente falta delas, nem mesmo eu; suprimi-las, eliminá-las, tirou-me um peso do peito, e para apagar as marcas dos cortes bastou um trabalho cuidadoso, fazendo pequenas pontes nos trechos em que o contexto fora danificado. E assim foi enviada uma grande quantidade do material definitivo para a tradutora em Oxford, Inglaterra.

Quanto ao concerto de violino, a resposta híbrida de Adrian ao afeto de Rudi, eu já tinha conseguido criar uma imagem razoável de sua singular importância psíquica quando Adorno se informou a respeito do assunto. “— Aquele concerto que o senhor mencionou, já está escrito? — Está, sim, em parte. — Não, com sua licença, aqui é fundamental proceder com a maior acuidade!” Após uma breve troca de palavras, a “paródia do gênero arrebatador”, que eu tinha imaginado muito grosseiramente, adquiriu sua espinha dorsal técnica.

O capítulo XXXVIII ficou pronto em doze dias, e dois dias após a conclusão principiei o seguinte, que começa em Zurique e introduz Marie Godeau e a parte mais romanesca do livro, ou seja, quando o romance torna-se mais dramático. Naquela noite, fomos à festa de ani-

versário de Walter na casa de Alma Mahler-Werfel, junto dos Arlt, de Fritzi Massary e de Oskar Karlweis. Nosso presente ao septuagenário, que se preparava para sua primeira viagem à Europa depois da guerra, foi uma edição de Grillparzer para a biblioteca de sua nova casa em Beverly Hills. Após o jantar, li para o pequeno grupo a versão alemã de meu artigo para o *Musical Quarterly*, para emoção do aniversariante, a quem presenteei com um estojo contendo o manuscrito original. Na realidade, nada lhe dei que dele já não tivesse recebido, pois no fundo meu pequeno trabalho era uma paráfrase de suas memórias, *Thema mit Variationen* (*Tema com variações*), que acabara de sair, aliás primeiro em inglês, em que ele se lembra com tanta camaradagem da época em que nos conhecemos e fomos vizinhos no Herzogspark, em Munique. — A noite ganhou grande animação com a presença de Karlweis, o célebre “Príncipe Orlofsky” na montagem de Reinhardt do *Fledermaus*, que nos divertiu com seu extraordinário talento cômico, apresentando seu impagável número particular: a caricatura do ator vienense Moser, uma peça virtuose loquaz e popular, de cerca de dez minutos de duração, que conta basicamente que “o *shilling* está em Nova York e essa é a causa de todo o ‘horor’”. Quem já o viu conhece as lágrimas que vertemos. Não sei expressar minha gratidão por presentes de uma *vis comica* genuína. Um virtuose do humor garante o sucesso de qualquer festa — ao menos para mim, pois tenho uma admiração desmedida pela mestria cômica e pela paródia bem colocada, e nunca me canso de gozá-la. É sempre com alegria que cumprimento Charlie Chaplin em um *party*! Seu talento mímico, de graça e precisão extremas, sempre faz dele o centro das atenções, e a noite está salva. Naquela época o encontrávamos com frequência na casa de Salka Viertel ou de Florence Homolka. Jamais me esqueço de uma história que ele contou sobre uma viagem que fez de Hollywood a Nova York ainda sem

ter consciência de seu estrondoso sucesso, e das situações hilariantes proporcionadas por sua popularidade fantástica e ilimitada. Foi uma obra-prima da narrativa cênica grotesca. Mas não gostaria de deixar de contar que esse mesmo palhaço genial prestou extrema atenção à minha explicação sobre o romance que estava acabando de escrever, do qual ele tinha ouvido falar e me perguntara detalhes. "That's fascinating!" disse ele, "That may happen to be your greatest book".* —

Por volta do dia 20 de agosto, enquanto estava ocupado com os preparativos para o drama Adrian-Marie-Rudi-Ines, um verdadeiro *plot*** que inclui até um assassinato por ciúme, tivemos diversas visitas: Medi Borgese veio passar uma temporada conosco e trouxe as duas filhinhas falando inglês. Minha alegria com as encantadoras netas não foi inferior à que me trazia o gurizinho suíço, embora menos imediata: a primogênita, uma graciosa princesinha mediterrânea inteligente e divertida, e a caçula Dominica, ainda mais semelhante ao pai, de olhos castanhos e um rosto de camponesa siciliana, engraçada, mas dona de um sentimento de dignidade singular, raro em crianças. Ela não suporta o riso dos adultos, e nessas ocasiões, suscetível, pergunta à mãe com uma espécie de severidade: "Why do they laugh?"*** como quem pergunta: "Eu fiz alguma coisa ridícula?" E não adianta explicar que é um riso de alegria, e não de ridicularização, e que todos levam a pessoinha muito a sério. — Algum tempo depois, deu-se um reencontro inesperado com a fase do hospital e um de seus rostos mais marcantes: o professor Bloch e sua esposa vieram de Chicago e foram nossos hóspedes. Ele examinou minha cicatriz e ficou satisfeitíssimo com meu estado. De fato, eu

* "Fascinante! Talvez esse seja seu melhor livro" (N. do T.).

** Conspiração (N. do T.).

*** "Por que eles estão rindo?" (N. do T.)

continuava a ganhar peso, embora bem naquela época, pouco depois de sua visita, tenha sido acometido por um mal que já tinha experimentado, anos atrás, em Zurique, e num grau mais leve, após uma erisipela da cabeça, também depois de um período acamado: uma doença cutânea torturante, insuportável, capaz de arruinar toda uma noite com a coceira que acompanha a inflamação. Começou no princípio de setembro, causando uma irritação intolerável e prolongando-se até meados de outubro. É fato notório a dificuldade dos médicos em lidar com essa doença de origem seminervosa (mas naturalmente de todo real); dependendo das circunstâncias, os tratamentos com aplicações de raios X ou agentes anestésicos podem provocar mais danos do que melhoras. Passei de um médico para outro, busquei a ajuda de doutores americanos e alemães, mas todos fracassaram, causando pioras apesar de toda a boa vontade. Durante essas semanas tão sofridas, um acontecimento singularíssimo lembrou-me dos malogros das consultas médicas de Adrian em Leipzig: certo dia, dirigi-me ao Medical Building, em Beverly Hills, onde ficava o consultório do homem em cujas mãos eu depositara minhas esperanças, e não pude entrar, pois durante a noite o edifício fora destruído por um incêndio. Nada mais restava além dos alicerces carbonizados, ainda úmidos do trabalho dos bombeiros, em meio a entulhos e sujeira — talvez tenha sido um golpe de sorte a intervenção de uma força superior a interromper o tratamento bem-intencionado, e em si provavelmente impecável, mas que na realidade estava mais me prejudicando do que auxiliando. Por fim, acabei nas mãos de uma judia russa, muito pequena e com olhos de camundongo, nos confins de Los Angeles. A ida ao consultório era uma viagem, e ela era tão ocupada que sua agenda deploravelmente desorganizada obrigava os pacientes a horas de espera. Porém, dispunha de um vasto

conhecimento da dermatologia, proporcionando-me alívio imediato e cura completa ao cabo de poucas semanas.

“Vou trabalhar mesmo tendo dormido mal”, relata uma obstinada nota no diário. É verdade, mesmo nas piores fases, a praga não conseguiu impedir o avanço do romance. Eu estava satisfeito demais com a tarefa em grande parte já cumprida, e tão seguro do que fazia, que interrompê-la era difícil. Mas o fiz por um dia ou dois por volta do final de setembro para escrever uma carta à guisa de prefácio para o romance *God's Village* (*A vila de Deus*), de Bohuš Beneš, sobrinho do presidente nosso amigo e benfeitor, a ser publicado na Inglaterra. Em seguida, manhã após manhã, continuei a urdir o drama mítico da mulher e dos dois amigos, dando-lhe um rumo sinistramente especial: fiz Adrian manifestar o desejo de casamento, relatei a excursão do grupo às montanhas bávaras no inverno, escrevi o diálogo entre Adrian e Schwerdtfeger em Pfeiffering (capítulo XLI), uma situação enigmática em cujo fundo está o diabo à espreita — nos dias em que o redigia, aparece diversas vezes no diário: “Li Shakespeare” —, inseri o encontro entre Rudi e Marie, antecedendo a cena do noivado, e em meados de outubro acabei, com grande facilidade (como é fácil uma catástrofe!), o capítulo XLII, com o assassinato no bonde. Alguns dias depois, ao ler o capítulo na casa dos Neumann, em Hollywood, lembrei-me de como era antiga em meu mundo imaginário a idéia da fagulha elétrica a cintilar e sibilar entre as rodas e o cabo de contato de um bonde chegando, no qual se consumaria um assassinato. Essa idéia fazia parte daqueles antiquíssimos projetos de romance nunca realizados que mencionei no começo deste relato. Durante cinquenta anos carreguei a visão das “chamas frias” antes de finalmente poder acomodá-la em uma obra tardia, que recuperou alguns elementos do meu universo imaginário de outrora. Aliás, Kitty Neumann impediu que eu compromettesse

seriamente meu conhecimento topográfico de Munique. Como cenário para o ato criminoso de Ines eu tinha escolhido um bonde da linha 1 — que na época do romance não ia até Schwabing! Havia várias outras possibilidades para uma escolha correta, e na versão final encontra-se, honradamente, “linha 10”, graças à vigilância da ouvinte, que de imediato me apontou o lapso com palavras de genuína autóctone.

Novamente uma visita das pessoinhas de San Francisco, reaparecendo no diário anotações como “Desenhei para Frido — uma palmeira, um trem, um violoncelista, uma casa em chamas”. Naquela época, o diário já descreve a criança tão meiga de modo enlevado, transfigurado, glorificado: com a palavra ‘elfo’. “Parece um elfo.” “De manhã com o pequeno elfo na varanda...” No livro, estava chegando a vez do menino. Por volta do final de outubro aprontei o capítulo XLII, concluindo a penúltima parte do romance. No último dia do mês comecei o XLIII, o da música de câmara, já introduzindo o oratório elegíaco, cuja apresentação é protraída em virtude da chegada e da morte terrível da criança maravilhosa. Quantos eventos políticos e pessoais me ocupavam, quantas leituras e quantos incidentes sociais diretos ou trazidos pelo correio continuavam a atuar no trabalho central, na obra em curso, à qual continuavam sendo dedicadas três, na melhor das hipóteses quatro, horas exclusivas, hermeticamente separadas do restante do dia! No tocante à leitura, os romances de Conrad ainda eram a mais adequada ao estágio atual de meu próprio ‘romance’, ou no mínimo a distração menos inoportuna, e assim li, cheio de prazer, *The nigger of the Narcissus*, *Nostromo*, *The arrow of gold*, *An outcast of the islands* e não sei mais que outras formidáveis histórias do autor fabuloso. Li também coisas bem diversas, como o *Elementargeist* (*Espírito elementar*), de Hoffmann, e textos de pura filologia que nutriam e estimulavam a imaginação lingüística, como

Sprichwörter des Mittelalters (Provérbios da Idade Média), do honorável Samuel Singer em Berna. Em setembro desenrolou-se o conflito Wallace–Byrnes, e o secretário do Comércio, cujo discurso sobre a política externa colocara em risco a “obra pacificadora” parisiense, perdeu o apoio do sucessor e cria de Roosevelt. “Praised by Reds”* era um estigma, e não demoraria muito até que o homem de Iowa fosse intimado, mais ou menos retoricamente, a registrar-se como *foreign agent*.** Na noite em que o rádio anunciou sua demissão, nós lhe enviamos um telegrama de simpatia. Na mesma época, Churchill pronunciou em Zurique seu discurso pan-europeu, defendendo uma cooperação franco-germânica sob proteção americana e russa. De germanofilia ainda mais suspeita foram as declarações do secretário de Estado americano em Stuttgart, e mais do que nunca estava clara a intenção de fomentar o armamentismo da Alemanha contra a Rússia, aliada às esperanças pessoais de velhos guerreiros de ter *one more gallant fight*.*** No começo de novembro, deu-se entre nós a vitória eleitoral dos Republicanos, com cerca de quarenta e cinco a cinquenta e cinco por cento. A imprensa européia comentou que Truman havia atraído um excesso de desprezo ao partido, e, ao contrário do resto do mundo, a América tendia para a direita. E não pararia aí. Interesses poderosos atuavam para demolir sistematicamente a obra de Roosevelt, atizando com fúria o arrependimento por ter lutado com a Rússia contra a Alemanha, em vez de aliar-se aos alemães contra os russos, e fomentando um movimento reacionário — até que ponto? Até o fascismo? Até a guerra? — Essas questões e seus sintomas isolados, observados dia a dia, ocupavam-me a cabeça e,

* “Elogiado por vermelhos” (N. do T.).

** Agente estrangeiro (N. do T.).

*** Mais uma luta galante (N. do T.).

assim como os acontecimentos dos anos anteriores, integravam-se ao pano de fundo deste romance sobre um romance.

Não de todo despedido de conotação política, ocorreu um evento mais íntimo no final de setembro: recebi uma carta de um antigo professor da Universidade de Bonn, agora trabalhando em Londres, que fora encarregado de informar-se, por precaução, se eu estaria inclinado a aceitar outra vez o título de doutor *honoris causa* da Faculdade de Filosofia que me fora outrora concedido e depois retirado sob pressão dos nazistas. Minha resposta foi espontaneamente reconciliadora: “Mas é claro!” — no fundo, tranqüilizado por saber que a réplica aos meus conterrâneos e ao mundo em 1936, quando de minha excomunhão nacional e acadêmica, a “Carta para Bonn”, graças a Deus não perderia sua validade devido a esse ato de restituição... Pouco depois, recebi de volta o diploma perdido havia tanto tempo, solenemente latinizado, do ano de 1919 — de lambujem em dois exemplares, acompanhados de cartas muito amáveis do reitor e do decano. — Um jovem estudante de Chicago, membro de um grêmio para a propagação da idéia do *world government*, profundamente abalado pelo resultado das eleições e pelo rumo tomado pelo país, passou uma tarde de setembro conversando comigo sobre a ameaça da bomba atômica e a necessidade imprescindível de um controle internacional — no mesmo sentido do pronunciamento, algumas semanas depois, de Einstein e sete outros físicos sobre a questão fatal. O rapaz tentou convencer-me a ir a Chicago e discursar em prol de sua organização sobre a importância da constituição de uma autoridade mundial para a defesa da paz. Impossibilitado de aceitar o convite, comprometi-me a enviar-lhe uma *statement*,* ou, mais pomposamente: uma mensagem sobre a paz enquanto mais sublime man-

* Em inglês: *world government* = governo mundial; *statement* = declaração (N. do T.).

damento e a conformação da utopia às necessidades da vida prática. E assim de fato interrompi o capítulo em curso para cumprir a promessa feita ao sensível rapaz — naturalmente convicto de que minha declaração seria tragada pela correnteza do destino com maior rapidez e menor ressonância que o manifesto do grande sábio.

Testemunhando seu reconhecimento pelo artigo que recentemente lhe enviara, o *Musical Quarterly* ofereceu-me um curioso presente: uma reprodução em fac-símile das cartas de Beethoven disponíveis nos Estados Unidos. Examinei longamente a caligrafia desesperada, as garatujas semi-selvagens, toda aquela desarticulação — e não senti “um pingo de amor”. Mais uma vez me juntei a Goethe para repudiar o “homem indomável” e voltei a refletir sobre as relações entre música e espírito, música e civilidade, música e humanidade. Será que genialidade musical não tem mesmo ligação com humanidade, “aperfeiçoamento da sociedade”, chegando até mesmo a trabalhar contra ela? E, no entanto, Beethoven tinha *fé* no caráter revolucionário do amor ao próximo. Cheios de desdém, literatos franceses o acusaram de, enquanto *músico*, utilizar a linguagem de um ministro radical... Digam o que quiserem, os franceses são estetas. Mais uma vez me convenci disso ao comparar dois livros sobre meu próprio trabalho, um francês e um alemão, que vieram a mim quase ao mesmo tempo naquele outono. O título do francês vincula meu nome à idéia da *Séduction de la mort* (A sedução da morte), de Jean Fougère; o alemão, ao contrário, fala de minha obra no contexto da *Krisis der bürgerlichen Kultur* (A crise da cultura burguesa), de Arnold Bauer, publicado no setor oriental. Será que o espírito francês acredita em tal crise? Assim como depois da Primeira Guerra Mundial, tenho a impressão de que o francês prefere legar ao alemão a tarefa de “sonhar apocalipses”, entregando-se à reflexão sobre coisas mais belas, como a “sedução da mor-

te". Não é de todo correta a afirmação de que o espírito alemão é metafísico e o francês, social. —

Naqueles dias foi organizado em nossa casa um encontro com Schönberg, cuja lembrança gostaria de registrar aqui. Na ocasião, ele me expôs seu novo *Trio* e as experiências de vida que ele alojou na composição recém-terminada, experiências que eram a própria base da obra: disse-me que nessa peça ele transpusera sua doença e o tratamento médico, incluindo o enfermeiro e todo o resto. Aliás, era uma obra de execução muito difícil, quase impossível, ou só possível por três verdadeiros virtuosos, mas uma obra de efeito, graças a sonoridades extraordinárias. Aproveitei a formulação "inexecutável, mas de efeito" no capítulo da música de câmara de Leverkühn. — No final de outubro, enviei ao dr. Rosenthal uma série de perguntas sobre o processo da meningite, e no princípio de novembro comecei o primeiro capítulo de Eco (XLIV), no qual prossegui trabalhando dia após dia. Descrevi a chegada da doce criança num encanto élfico, elevando a ternura que eu mesmo sentia a um plano não mais de todo racional, num enlevo que em surdina insinua ao leitor a idéia de aparição divina, visitação sobrevivendo de alturas longínquas, epifania. Ao deixar o pequeno mensageiro proferir suas estranhas sentenças, tinha nos ouvidos a voz e a entonação do netinho, que de fato pronunciara ao menos uma das curiosas palavras: "Então estás satisfeito que cheguei". Todo o ato de metamorfose e sublimação que aqui realizei está condensado na transparência sobrenatural espontaneamente assumida no romance por este 'cheguei'. Além do mais, desperta-me uma comoção singular e sonhadora perceber que esse livro, que no final das contas é um livro da germanidade, mediante uma voz de criança e um sotaque suíço, adquiriu uma profundidade lingüística que vai além do barroco e da linguagem luterana, recuando até o médio alto-

alemão. Para as preces noturnas de Eco, que no romance ninguém sabe onde ele as buscou, utilizei expressões do *Bescheidenheit*, de Freidank,* dando-lhes forma de oração ao modificar cada terceiro e quarto versos. Os versinhos modernos que ele gostava de citar busquei na lembrança de um livro ilustrado há muito desaparecido e que eu adorava quando criança. — Creio nunca ter trabalhado com tanto afinho. “No capítulo de Eco” aparece vários dias em seguida. “Muito ocupado, já desde cedo.” “Longa leitura da *Tempestade*.” “Sono intranquilo devido ao excesso de trabalho reflexivo à noite.” E, então, no começo de dezembro: “Trabalho na doença mortal de Eco, sofrendo”. “Sofrendo!” — a fórmula aparece repetidas vezes. A “criança divina” precisava ser tirada do homem que não tinha o direito de amar, o homem da ‘frialdade’; há muito tempo seu destino estava decidido e selado. Eu já tinha informações detalhadas sobre a doença que o tinioso utilizaria para o crime hediondo. Foi com dificuldade e amargura que o escrevi; posteriormente, em Londres, quando a tradutora me indagou, seríssima: “How could you do it?”** respondi-lhe que a atitude de Adrian, sua frase “Aquilo não deve existir”, seu rompimento com a esperança, sua palavra da ‘revogação’ poderiam mostrar-lhe quanto isso me fora sofrido. Um dia antes do meio de dezembro, aparece a anotação: “Terminei o capítulo XLV, do jeito que tinha de ser”; e no dia seguinte: “Acordei cedo, excitado pelo estágio do livro, pela leitura da parte recém-escrita e pelo que ainda falta fazer”. No mês anterior, o irmão gêmeo de minha mulher, Klaus Pringsheim, que durante anos regera a orquestra imperial em Tóquio, veio para os

* Antologia de provérbios, máximas e ditados populares de autor desconhecido, provavelmente Fridancus ou Freidank (c. 1233). O título original em latim é *Discretio* (N. do T.).

** “Como o senhor pôde fazer isso?” (N. do T.)

Estados Unidos com o filho e passou algumas semanas conosco. Certa noite, li para ele e Golo, que na época acabara de aceitar uma cadeira de história no Pomona College, esse episódio doce e terrificante, provavelmente o momento mais poético alcançado pelo romance, com uma emoção que visivelmente tocou os ouvintes. Conversamos longamente sobre o fato etéreo e lastimoso e concluímos que deveríamos ocultá-lo, por tanto tempo quanto possível, da mãe do menino real, que àquela altura já era bem mais velho que Eco.

Uma obra da arte acompanha-nos sempre como um todo. Mesmo que a filosofia estética queira que as obras da palavra e da música, diferentes da arte plástica, sejam dependentes do tempo e de seu seguimento, também elas almejam estar por inteiro em cada momento. O princípio já contém o meio e o fim, o passado permeia o presente, e mesmo na mais extrema concentração sobre o passado se insinua o cuidado com o futuro. E assim foi. Enquanto a história da criança parecia absorver-me por inteiro, eu já tinha em vista a sequência, a apresentação da segunda obra principal de Leverkühn, “Lamentação do Doutor Fausto”, e mesmo no período em que escrevia o primeiro capítulo sobre Eco aparecem no diário anotações como esta: “Excertos de idéias da antologia popular para o oratório de Fausto. O conjunto em forma de coral, com uma referência histórica ao lamento do século XVII, passagem da construção à expressão”. Na mesma época: “Com Adorno, discussão sobre a cantata”; “Os Adorno para o jantar. Depois, no gabinete, li a conversa em Pfeiffering e a morte de Rudolf. Cada vez mais compelido a comparar com o *Parsifal*, em sua relação com tudo o que o antecede”. E então uma das exclamações irrompidas das profundezas que de tempos em tempos pontuam as anotações daqueles anos: “Nunca um trabalho me excitou e emocionou tanto!” Agora, estava na ordem no dia a realização imagi-

nária da obra da ‘revogação’, e bem me lembro da produtiva tarde de novembro que passei com o amigo e adjunto musical para tratar do assunto premente. A conversa girou primeiro em torno do quarto volume da grande biografia de Wagner por Ernest Newman, que eu encomendara a Knopf por conta do *Parsifal* e cuja explicação psicológica da ruptura de Nietzsche com Wagner (ele a justifica por um ciúme banal, até mesmo social) não me satisfizera. Diversas vezes Newman se refere a Wagner como pensador com menos respeito do que ao mencionar Nietzsche, mas remetendo quaisquer faltas do primeiro em nome de sua obra, como se ela nada tivesse a ver com pensamento. Aliás, num dado momento ele chama seu herói de *a born amateur*, sem entender que é exatamente esse aspecto da natureza wagneriana que tanto irritava Nietzsche: o eterno palpar autoritário sobre tudo e todos, a colossal arrogância que antecipa a de Hitler. De resto, eu não tinha a menor objeção à alcunha. Quanto dissabor eu tinha provocado com “Leiden und Grösse Richard Wagners” ao chamar de diletante genial o homem da “obra de arte completa”! Pois agora minha afirmação vinha a ser confirmada pela biografia em quatro volumes e seu intrépido “amador nato”. — Mas basta disso. Passamos a falar da cantata, para a qual tivera algumas idéias o “real secreto conselheiro”, conforme chamei Adorno ao dedicar-lhe um exemplar do livro impresso. E mesmo assim sou tentado a dizer que sua maior contribuição ao capítulo não foi no âmbito da música, mas no da linguagem e suas nuances, na forma com que, ao final, envolvem elementos teológicos, religiosos, morais. Após quinze dias de trabalho, quando acabei, ou julguei ter acabado a parte, certa noite fiz uma leitura para ele em meu gabinete. Ele nada opôs ao aspecto musical, mas demonstrou preocupação com as quarenta linhas finais, que falam de esperança e misericórdia após as trevas. Eram simples-

mente ruins, bem diferente do resultado final, agora publicado. Eu tinha sido otimista em excesso, bondoso e direto, tinha acendido muita luz, exagerado na consolação, e tive de reconhecer como justas as restrições do crítico. Na manhã seguinte, dediquei-me à revisão escrupulosa das quase duas páginas, dando-lhes a forma circunspecta que agora têm. Primeiro encontrei as expressões da “transcendência do desespero”, do “milagre que vai além da fé”, e o ritmo da cadência final, citada em quase toda a resenha do livro, com a inversão do sentido do luto evanescente, da “luz na noite”. Algumas semanas depois, novamente visitando Adorno, li para ele a parte modificada e perguntei-lhe se agora estava bom. Em vez de responder, chamou a esposa, dizendo que ela precisava ouvir aquilo. Voltei a ler as duas folhas, olhei para eles — e não precisei perguntar mais nada. —

O Natal de 1946 foi abafado, o céu tendendo à chuva. No dia 23, ainda ocupado com a cantata, pensei intensamente na infância, quando já naquela noite eram distribuídos os presentes na casa paterna, pois a Noite Santa era reservada à comemoração solene e suntuosa na casa da avó — cuja ruína volta e meia ainda vejo em fotos, a fachada isolada com os buracos vazios da janela. Com a árvore já decorada, ouvimos no rádio o *Messias* de Händel. Naqueles dias voltei a ler o *Ecce homo* de Nietzsche, visivelmente como preparativo para os trechos finais do romance. Li também o *Nietzsche und die Romantik* (*Nietzsche e romantismo*), de Joël, que na juventude tanto me ensinara. Tinha perdido o livro anos atrás e recentemente o adquirira em um sebo. Os Dieterle tinham retornado da Europa, da Alemanha destruída, retratando-nos a miséria, a fetidez das cidades e das pessoas, informando-nos sobre a boa vida dos homens da SS nos campos de prisioneiros, tomando banho de sol e recebendo a mesma alimentação que os americanos. Dessa vez, passamos a noite de Natal sem

os netos; por telefone, falamos com Erika e Klaus, em Nova York, com os filhos em Mill Valley, com Frido. No concerto noturno, ouvimos a *Nona sinfonia*, muito própria ao meu trabalho. Nunca admirei tanto o *scherzo* e o *adagio* — e mais uma vez não senti a mínima emoção ao ouvir as variações dispersas no último movimento. Continuava trabalhando no romance toda manhã; no último dia do ano, reli inteiro o *Memórias da casa dos mortos*, de Dostoiévski. Chovia muito. Eu estava angustiado e indignado com a atuação do “Committee of Un-American Activities”, que acabara de se voltar contra a Library of Congress, acusando-a de estar infestada de comunistas. Pouco antes do fim do ano, o dr. Hermann Rauschnigg e esposa vieram jantar conosco. A conversa foi sobre política: em sua opinião, os alemães não mais poderiam existir enquanto povo, restando apenas o alemão enquanto indivíduo. Ele defendia a criação de uma federação européia incorporando os estados alemães, mas com renúncia ao estatuto de império. — No dia de São Silvestre, claro e ventoso, eu ainda não tinha chegado ao fim do capítulo XLVI. À noite, Golo nos levou à casa do jovem Eysoldt, filho da atriz Gertrud Eysoldt, que na juventude me causara uma impressão indelével no papel da *Lulu* de Wedekind na montagem de Reinhardt. Os jovens reclamaram uma leitura, e li passagens das consultas médicas de Adrian e da conversa com o diabo. Depois, a conversa encaminhou-se para Hugo Wolf e como ele (o que eu não sabia), em sua única visita a um bordel, fora contaminado com o ‘mal francês’ através de uma moça recomendada por um amigo que era pianista no local. —

O primeiro dia do ano de 1947, em cuja manhã concluí o capítulo da cantata, sem ainda estar de fato satisfeito, trouxe-me ao coração uma verdadeira alegria. Poucos dias antes, enviara a Erika, em Nova York, para revisão, as partes do manuscrito que ela ainda não conhecia, cerca de

dez capítulos. Ao voltar para casa de um passeio, levei um grande susto ao receber o recado de que chegara um telegrama *not to be telephoned*. Mandeí-o buscar: *Read all night. Shall go into new year reddened eyes but happy heart. Wondering only how on earth you do it. Thanks, congratulations etc.** Como me emocionou a reação típica da filha querida! Eu sabia que Eco lhe arrancaria lágrimas. Mas, conforme ela me contou logo depois, a vida quis que tudo ocorresse de um modo mais cômico. Após uma noite de leitura, em honra da virada de ano ela se entregara aos cuidados de uma *beauty shop*,** e só depois, à tarde, é que leu o capítulo de Eco, borrando com as lágrimas a cuidadosa *make-up*, o rímel dos olhos e todo o resto. — Foi por aqueles dias que recebi a edição alemã de *Carlota em Weimar*, com minha aquiescência e, não por acaso, o primeiro de meus livros a ser novamente apresentado ao público alemão. Passamos a noite com os Chaplin, Dieterle, Feuchtwanger e Hans Eisler na casa do filósofo dr. Weil e sua esposa americana, e mais uma vez tive com Eisler uma daquelas discussões sobre Wagner, em que se misturam entusiasmo e malvadez e que tanto me divertiam. Quase ao mesmo tempo chegou de Bayreuth uma carta que me preocupou durante vários dias acompanhada de documentos e assinada pelo dr. Franz Beidler, neto de Wagner e de uma sinistra semelhança com o avô. Eu o conhecia havia muito, desde os dias de Berlim e Munique. Ele e a esposa deixaram a Alemanha em 1933 e amavelmente nos visitaram diversas vezes em Zurique, fazendo leituras do livro que na época ele estava começando a escrever (aparentemente ainda não terminado) sobre sua avó Cosima, um livro muito crítico, entenda-se bem. Agora, o

* “Não transmitir por telefone.” “Li a noite inteira. Ano novo de olhos vermelhos mas feliz da vida. Só me pergunto como você consegue. Obrigada parabéns etc.” (N. do T.).

** Salão de beleza (N. do T.).

prefeito de Bayreuth, cheio de ambição por sua cidade, estava tratando de reorganizar o teatro Wagner e retomar o festival “num espírito democrático”. Numa longa carta explicativa, dirigira-se a Beidler — que fizera enorme oposição à Bayreuth de Hitler e ao regime instaurado por sua tia Wahnfried —, oferecendo-lhe a direção do festival e convidando-o a visitar a cidade para tratar do assunto pessoalmente. Creio que, para Beidler, a principal vantagem da viagem era finalmente ter acesso ao arquivo da tia, que até então lhe fora negado, para prejuízo de seu livro. O prefeito já tinha entabulado negociações em torno de seus planos e organizara uma lista de pessoas a serem convidadas a participar do conselho administrativo. Beidler disse que aceitaria o cargo sob a condição de que eu fosse nomeado presidente de honra — era esse o conteúdo sério e amável de sua carta. Em certo sentido, a proposta fantástica abalou-me profundamente. Centenas de motivos espirituais, políticos e materiais fizeram a idéia toda parecer-me utópica, estranha e perigosa; em parte precoce, em parte obsoleta, superada pelo tempo e pela história. Eu não a podia levar a sério. A sério levei somente as lembranças, as sensações, os pensamentos despertados em mim — lembranças de minha ligação com o mundo wagneriano ao longo de toda a vida, desde a juventude, incitada e inflamada pela leitura da crítica fascinante de Nietzsche; lembranças da influência colossal, em grande parte decisiva, que a magia ambígua dessa arte exerceu sobre minha adolescência. O universo wagneriano estava altamente comprometido pelo papel horrendo que desempenhara no Estado Nacional-Socialista e agora precisava ser reconstruído em toda a sua pureza (se é que chegou a ser puro algum dia), e neste processo futuro me era oferecido o cargo de representação oficial do mito de minha juventude. Não chegou a ser uma tentação, mas foi um sonho, e sem dúvida eu teria concluído bem antes as cinquenta páginas finais do *Doutor Fausto* se esse fogo-fátuo não ti-

vesse passado dias a me ofuscar e se eu não tivesse a obrigação de responder a Beidler com uma carta dilatória e evasiva.

No segundo dia do novo ano iniciei, para o que der e vier, o capítulo XLVII com a reunião e a confissão pública; lembro-me de que naquela noite voltei a ouvir o extraordinário *Trio em si bemol maior* de Schubert, cismando sobre o feliz estágio da música por ele representado, o paraíso perdido e os destinos da arte desde então. A leitura da prosa de Mörike acompanhou o trabalho e em especial me impressionou, alimentando minha inveja, seu uso tão espontâneo, aparentemente nada estudado, do alemão arcaico no conto *Heinzelmannchen von Stuttgart* (1853, *O duende de Stuttgart*). Por aqueles dias dei com um anúncio insensato que me pareceu um erro absurdo, monstruoso. Recebi de Zurique o catálogo da livraria Oprecht, que anunciava como novidade, em bela impressão, com o título completo e até mesmo com o preço provisório da edição encadernada em linho, o *Doutor Fausto*! Não sei descrever os sentimentos de espanto, incredulidade, angústia que me acometeram ao ler uma indiscrição assim constrangedora, muito embora bem-intencionada. Eu ainda lutava com o livro; nesse tipo de trabalho, até a última linha temos a impressão de que ainda há dificuldades decisivas a superar, de que o trabalho já realizado ainda precisa ser salvo pelo trabalho que falta. Ver anunciado como produto pronto, encadernado em linho, o que ainda me parecia tão longe de estar acabado foi uma antecipação pavorosa. Além disso, com todo o conteúdo particular veiculado no romance, numa proporção em que minha satisfação pessoal até então jamais se permitira, a idéia de ver essa obra vital e secreta tornar-se pública, transformar-se em livro entre livros, era-me, no fundo da alma, de todo estranha e inconcebível. E assim rapidamente dei um sumiço no catálogo com o anúncio chocante.

Precisei de dezessete dias para o penúltimo capítulo — na verdade o último, pois a conclusão deveria ter a forma de epílogo. A alocução de Adrian tocou-me o fundo do coração, assim como veio de suas profundezas, e só o velho hábito de alternar entre as esferas e deixar o político correr lado a lado com o poético e humano é que me demonstrou que eu continuava atento aos acontecimentos diários, como a renúncia de Byrne como ministro do Exterior e sua substituição pelo general Marshall, chamado de volta da China. Do mesmo modo, a redação do *oratio* também não me impediu de prestar ouvido às notícias sobre a Alemanha. Na época, Ernst Wiechert, um dos proeminentes da “imigração interna”, não raro falava publicamente do “povo sem esperança”, e, se não ficava claro se ele queria dizer povo que perdera quaisquer esperanças ou povo do qual nada mais se poderia esperar, a questão era razoavelmente esclarecida quando ele completava: “Se Hitler voltasse hoje, entre sessenta e oitenta por cento dos alemães o receberiam de braços abertos”. O que se calava é que, nessa estatística, reuniam-se duas desesperanças: a alemã e a de nossa política de ocupação. Mas, desde então, Wiechert passou para o lado da “imigração externa” e foi morar na Suíça — ofendido pela desconsideração dos Aliados em alojar *displaced persons** em sua fazenda.

Ventava muito e o sol era causticante naqueles dias de janeiro em que eu, concluindo a longa série de capítulos em algarismos romanos, deixei a última palavra à camponesa da Alta Baviera, também ela uma experiência humana real, e comecei os preparativos para o epílogo. Foram necessários oito dias. Na manhã de 29 de janeiro es-

* Também *misplaced persons*, “pessoas deslocadas” no final da Segunda Guerra Mundial, designação de indivíduos fora do lugar de origem: refugiados, soldados prisioneiros, sobreviventes de campos de concentração etc. (N. do T.).

crevi as últimas linhas do *Doutor Fausto*, como havia muito tempo tinha na cabeça: uma silenciosa jaculatória de Serenus pelo amigo e pela pátria — repassando os três anos e oito meses em que estive sob a tensão da obra, revi aquela manhã de maio, em plena guerra, em que tomei da pena para iniciá-la. “Estou pronto”, disse à minha mulher quando ela veio me buscar de carro do passeio diário ao oceano. E ela, que aguardara cheia de fidelidade e comemorara comigo tantos outros términos, parabenizou-me afetuosamente. “Com razão?” inquire o diário. “Reconheço a façanha moral”, ajuntei.

Na verdade, eu não tinha a sensação de ter acabado só por ter escrito a palavra ‘fim’. “Cismando sobre o manuscrito, corrigindo” aparece ainda um dia ou outro. Cortei alguns detalhes do epílogo, que nas leituras se evidenciaram pesados demais, voltei a mexer na sonata para violino e na música de câmara, coloquei a epígrafe de Dante e durante algum tempo considerei aconselhável dividir em seis livros a massa pesada dos capítulos, dando-lhes uma forma mais clara. Já o tinha realizado quando mudei de idéia. Passou ainda uma semana, a primeira de fevereiro, antes que eu declarasse o livro “definitivamente pronto” e decidisse não mais tocar nele. Naquela noite, estivemos na casa de Alfred Neumann e celebramos com champanhe o término de uma obra em cujo planejamento o bom amigo desempenhara importante papel de ouvinte. Após o café, para a comoção de todos, li o capítulo sobre Eco. No dia seguinte, ficamos sabendo que Kitty não conseguira dormir e passara a noite inteira pensando na criança.

A tarefa seguinte era a palestra sobre Nietzsche para a viagem à Costa Leste e à Europa, cujos primeiros preparativos já estavam em andamento. Esse remate ensaístico do *Doutor Fausto* ocupou-me por quatro semanas e, com um total de quarenta páginas manuscritas, tinha vinte páginas a mais do que o adequado para a palestra, em

inglês e alemão. Foi uma obra-prima de edição literária Erika ter conseguido reduzi-lo à metade para a versão oral, fazendo centenas de cortes sem perda do essencial. Nas quatro semanas antes da partida, junto da redação da versão em inglês do ensaio, escrevi um artigo para o septuagésimo aniversário de Hermann Hesse. No dia 22 de abril partimos para a Costa Leste e no dia 11 de maio embarcamos no Queen Elizabeth. Discurssei em Londres. Numa manhã de junho — foi como num sonho — sentei-me no palco da Schauspielhaus de Zurique, onde oito anos antes me despedira com uma leitura de *Carlota em Weimar*, e feliz e emocionado pelo reencontro com a cidade tão familiar li a cena do Fitelberg à la Riccaut para um público amável e acolhedor. Passamos algumas semanas do verão ensolarado em Flims, no cantão de Graubünden, onde dia após dia fui fazendo as correções nas provas do *Doutor Fausto*, que chegavam aos borbotões da casa impressora em Winterthur. O romance sobre sua gênese estava encerrado. Começava agora o de sua vida terrestre.

Índice Onomástico

- Adorno, Theodor, 38-43, 55, 61, 77-78, 95,
108, 119, 121-123, 147, 160, 171-172
Albersheim, 77
Andreas-Salomé, Lou, 15, 32
Arlt, Gustav, 20, 46, 49, 109, 125
Auerbach, 19
Aues, Hartmann v., 117
Aydelott, Frank, 12

Baader, Franz Xaver v., 111
Bach, Johann Sebastian, 78, 108, 127
Badoglio, Pietro, 44
Bahle, 38
Balzac, Honoré de, 98
Barth, Carl, 112
Bartók, Béla, 116
Bauer, Arnold, 168
Beer-Hofmann, Richard, 116
Beethoven, Ludwig v., 41-42, 44, 47, 53, 72,
75, 79, 108, 127, 168
Beidler, Franz, 175, 176, 177
Beissel, Johann Conrad, 37, 99, 120
Bekker, Paul, 24-25, 79
Beneš, Bohuš, 164
Beneš, Eduard, 72
Benjamin, Walter, 39, 147
Berg, Alban, 40, 61
Berle, 53
Berlioz, Hector, 36, 47, 55
Bermann Fischer, Gottfried, 26, 99
Bertram, Ernst, 115
Biddle, Francis, 14, 98
Blunck, 115
Bode, Wilhelm v., 122
Boileau-Despréaux, Nicolas, 70
Bonnier, Ake, 101
Böök, 156
Borgese, Giuseppe Antonio, 18, 63, 99, 103
Brahms, Johannes, 21, 72
Brandes, 71
Brann, 22

Brecht, Bertolt, 56
Brentano, Clemens, 160
Broch, Hermann, 12
Bruggmann, 14
Brüning, 66
Büchner, Georg, 154
Burckhardt, Carl Jacob, 71, 84
Busch, Adolph, 53, 100
Byrnes, 166
Byron, Georg Lord, 71

Campbell, 75
Caruso, Enrico, 51
Cellini, Benvenuto, 48
Chaplin, Charles, 161, 175
Chopin, 109
Churchill, Winston, 57, 127-128, 166
Connolly, 61
Conrad, Joseph, 150, 165
Coudenhove-Kalergi, Richard Nikolaus
conde de, 23
Croce, Benedetto, 83

Dante Alighieri, 110, 179
Darlan, 13
Davis, Elmer, 99
Defoe, Daniel, 126
Dehmel, Richard, 154
Dekker, 53
Deussen, 32, 79
Deutsch, Ernst, 128
Dieterle, 147, 173, 175
Döblin, Alfred, 44-45, 64, 91
Dodd, 36
Dostoiévski, Fiódor, 24, 102, 106, 118, 174
Douglas-Gahagen, Mrs., 118
Dreiser, Theodore, 94
Durant, Will, 94
Dürer, Albrecht, 120, 123
Dvořák, Antonín, 72
Dykstra, 118

- Eden, Anthony, 54
 Einstein, Albert, 12, 66, 167
 Einstein, Alfred, 101
 Eisenhower, 87, 102, 135
 Eisler, Hans, 84, 85, 108, 175
 Eliot, Thomas Stearns, 75
 Evans, Luther, 98
 Ewen, 74
 Eysoldt, Gertrud, 174

 Feuchtwanger, Lion, 36, 49, 108, 147, 175
 Findley, 99
 Fischer, Hedwig, 103, 105
 Flaubert, Gustave, 64
 Fontane, Theodor, 22, 108, 113
 Fougère, Jean, 168
 Franck, César, 127
 Frank, Bruno, 12, 18, 24, 47, 64, 76, 102
 Frank, James, 106
 Frank, Leonhard, 48, 73, 76
 Frank, Liesl, 24, 45, 107, 109, 117
 Fränkel, Jonas, 151
 Frankfurter, Felix, 105
 Freidank, 170
 Freud, Sigmund, 19

 Gauss, Christian, 12, 100
 Gentz, Friedrich v., 100, 143
 Gide, André, 149
 Gimbel, Jakob, 108
 Goebbels, Paul Joseph, 65, 70, 72, 94
 Goethe, Johann Wolfgang v., 19, 42, 62, 66,
 70-71, 73, 84, 108, 144, 150-151, 155, 168
 Göring, Hermann, 65, 113
 Görres, Johann Joseph v., 111
 Gotthelf, Jeremias, 55
 Greszinsky, 66
 Grillparzer, Franz, 161
 Grimmelshausen, Hans J. C. v., 65, 76
 Grohe, 24
 Gumpert, Martin, 17, 50, 54, 64, 105, 141

 Halbe, Max, 154
 Hamburger, Käte, 124
 Händel, Georg Friedrich, 78, 173
 Harden, Maximilian, 155
 Harris, Frank, 34, 116
 Hauptmann, Gerhart, 152, 154-156
 Haydn, Franz Joseph, 25, 72

 Hebbel, Friedrich, 90
 Heims, Else, 46, 57
 Heims-Reinhardt, 46
 Heine, Heinrich, 19, 90
 Hesse, Hermann, 62-63, 180
 Hilde Kahn, 148
 Hitler, Adolf, 13, 24, 48, 52, 56, 65, 72, 80, 87,
 90, 94-95, 112, 128, 155, 172, 176, 178
 Hoffmann, E.T.A., 25, 165
 Hofmannsthal, Christiane, 23, 154
 Hofmannsthal, Hugo v., 154
 Homolka, 36
 Homolka, Florence, 161
 Horkheimer, Max, 43
 Horowitz, Vladimir, 21
 Hubermann, Bronislaw, 101, 127
 Hull, Cordell, 54
 Hutten, Ulrich v., 25, 36
 Huxley, Aldous, 79

 Ibsen, Henrik, 22
 Ickes, 105
 Inverchapel, 152

 Jacob, Heinrich Eduard, 100
 James, Henry, 28
 Joël, 173
 Johnson, Alvin, 51
 Joyce, James, 47, 75

 Kahler, Erich v., 12, 17, 101, 105, 124
 Karlweis, Oskar, 17, 161
 Karsh, 127
 Keats, John, 95
 Keitel, Wilhelm, 54
 Keller, Gottfried, 112-113, 144
 Kierkegaard, Søren, 71, 85
 Kirchner, 115
 Kirchwey, Freda, 105
 Kleist, Heinrich v., 116
 Klemperer, Otto, 46, 90, 118
 Klinger, Max, 122
 Klopstock, Friedrich Gottlieb, 95
 Knopf, Alfred A., 17, 141, 172
 Knopf, Eddy, 82
 Kolb, Annette, 17, 50
 Korngold, Erich Wolfgang, 57
 Kraus, Karl, 41
 Křenek, Ernst, 36-37, 74

A gênese do Doutor Fausto

- Landshoff, Fritz Helmut, 50, 105
Langer, Felix, 52
Laughton, Charles, 78
Laval, Pierre, 76
Lazare, Christopher, 17
Lehmann, Lotte, 109
Lesser-Ury, 122
Lessing, Gotthold Ephraim, 158
Levin, Harry, 75
Liebermann, Max, 18, 122, 158
Lippmann, Walter, 98
Litwinow, Maxim, 15, 45
Loge, 78
Lowe-Porter, Helen, 12, 125
Lubitsch, Ernst, 82
Luís XIV, 70
Lukács, Georg, 113
Lutero, Martinho, 25-26, 36, 60, 65

Maass, Joachim, 105
MacLeish, Archibald, 14, 20, 50, 83, 98
Mahler-Werfel, Alma, 161
Maisky, 45
Mann, Elizabeth (Medi), 18, 131, 137, 143, 145, 162
Mann, Erika, 43, 50, 53, 66, 80, 88, 98, 113, 134, 137, 141-142, 145, 159, 174, 180
Mann, Fridolin, 17, 27, 72, 109, 116, 121, 165, 174
Mann, Golo, 53, 80, 143, 171, 174
Mann, Heinrich, 44, 86, 114
Mann, Katia, 23, 25, 84-85, 116
Mann, Klaus, 53, 79, 96, 115, 174
Mann, Michael (Bibi), 72
Mann, Monika, 101, 105
Mann, Tonio, 87
Mann-Borgese, Dominica, 87, 162
Maritain, Jacques, 23
Marlowe, Christopher, 55
Marshall, George C., 178
Massary, Fritz, 109, 147, 161
Meck, Mme. de, 32
Mendelssohn-Bartholdy, Felix, 67, 72
Menzel, Adolph v., 122
Metternich, Klemens conde de, 100
Meyer, Agnes, 14, 50, 67
Meyer, Eugene, 13, 50
Michelangelo, 20
Minotis, 49

Molière, 70
Molo, Walter v., 107-108
Molotow, Wjatcheslaw, 54
Montgomery, Bernard Law, 23, 80
Mörike, Eduard, 177
Moser, Hans, 161
Mozart, Wolfgang Amadeus, 72, 85, 101, 108-109
Musaeus, Klaus, 42
Mussolini, 44, 94

Negrin, 105
Neider, Charles, 17
Nettesheim, Agrippa v., 147
Neumann, Alfred, 29, 56, 77, 87, 147, 164, 179
Neumann, Kitty, 164, 179
Newman, Ernest, 26, 75, 172
Newton, Caroline, 53, 141
Niebuhr, Reinhold, 28, 52
Nietzsche, Friedrich, 15, 24-25, 29, 31-32, 41, 67, 84, 102, 128-129, 141, 148, 150, 172-173, 176, 179
Nitze, 27

Osborn, Max, 122
Ostheim, conde, 82, 118

Palestrina, Giovanni Pierlugi da, 47
Pearson, Lester Bowles, 99
Périgord, 49
Perkins, general, 65
Pétain, Henri-Philippe, 13, 76
Pfitzner, Hans, 45
Podach, 15
Pollack, 71
Preetorius, Emil, 115
Pringsheim, Klaus, 170
Pringsheim, Peter, 50
Proust, Marcel, 122
Purcell, Henry, 63

Raabe, Wilhelm, 113
Rastede, Hans, 12
Rauschnigg, Hermann, 174
Redfield, 74
Rée, 32
Reinhardt, Max, 17, 51, 57, 90, 161, 174

- Reisiger, 115
 Rembrandt, 99
 Rieber, Dean Henry, 91
 Riemenschneider, Tilman, 29, 55
 Rilla, Paul, 73
 Robeson, Paul, 53
 Robinson, Armin, 16
 Roda-Roda, Alexander, 116
 Rohde, Erwin, 25, 84
 Romanow, 60
 Rommel, Erwin, 80
 Roosevelt, Anna Eleanor, 92
 Roosevelt, Franklin Delano, 14, 18, 69, 81, 92
 Rosenkranz, Karl, 111
 Rousseau, Jean-Jacques, 42
 Rubinstein, Arthur, 46
 Rundstedt, Gerd v., 88

 Sainte-Beuve, Charles Augustin, 70
 Salvemini, Gaetano, 50
 Scheible, J., 110
 Schickele, René, 43
 Schindler, 44
 Schnabel, Arthur, 90
 Schönberg, Arnold, 29, 34, 40, 45, 55, 58, 64, 69, 84-85, 90, 121, 150, 169
 Schubert, Franz, 101, 109, 177
 Schweizer, Richard, 151
 Seabrook, 116
 Senger, Hugo v., 32
 Servicen, Louise, 113
 Sforza, Carlo, 23
 Shakespeare, William, 29, 32, 34, 64, 70, 116, 147, 164
 Shapley, 118
 Shawcross, Hartley, 151-152
 Shenstone, Molly, 17
 Sherwood, Robert, 105
 Shirer, 105
 Singer, Samuel, 166
 Spender, Stephen, 150
 St. John-Perse, 71
 Stalin, 118, 128, 135
 Steinberg, 21
 Stendhal, 79
 Steuermann, Eduard, 40
 Stevenson, Robert Louis, 22
 Stifter, Adalbert, 22, 28, 111-112, 144

 Strauss, David Friedrich, 25
 Stravinski, Igor, 15, 21, 29, 45-46, 66
 Süskind, 115
 Swift, Jonathan, 126
 Szigeti, Joseph, 57

 Talleyrand, Charles M. conde de, 71
 Tchaikovski, Piotr Ilych, 21, 32
 Temianka, 71, 78
 Thiess, Frank, 112, 115
 Thimig, Helene, 57, 147
 Thomson, Virgil, 74
 Tillich, Paul, 26, 36, 100
 Toch, Ernst, 37, 45
 Tolstói, Alexis, 23
 Tolstói, Leo, 66, 102
 Trampedach, 32
 Truman, 135, 166

 Undset, Sigrid, 16
 Unruh, Fritz v., 17

 Vandenburg, 71, 109
 Verdi, Giuseppe, 48
 Viertel, Berthold, 44
 Viertel, Salka, 82, 161
 Vieweg, 144
 Vollbach, 29
 Voltaire, 66, 71

 Wagner, Cosima, 175
 Wagner, Richard, 40, 78, 85, 172, 175-176
 Wagner, Wahnfried, 176
 Wallace, Henry A., 14
 Walter, Bruno, 27, 61, 101, 108, 141, 158
 Webern, Anton v., 149
 Wedekind, Franz, 174
 Wedekind, Kadidja, 105
 Weil, 175
 Weiss, 66
 Welles, Sumner, 99
 Wells, 108
 Werfel, Franz, 19, 36, 42, 57, 59, 83, 109, 117, 125
 Westcott, Glenway, 17
 Wiechert, Ernst, 178
 Willkie, Wendel, 13
 Wolf, Hugo, 20, 23, 174

 Zimmer, Heinrich, 23

Durante a criação do *Doutor Fausto*, escrito entre maio de 1943 e janeiro de 1947, Thomas Mann registrou em seu diário os fatos políticos, históricos e pessoais da época e, um ano e meio após a conclusão do livro, começou a escrever *A gênese do Doutor Fausto*, a partir daqueles apontamentos.

Este livro, como o próprio Thomas Mann reconheceu, é uma “confissão direta” que serve, na leitura do *Doutor Fausto*, como acompanhamento indicador de todos os fatos pessoais e históricos do contexto. É muito mais do que isso, no entanto; nele o autor revela, com enorme riqueza lingüística e cultural e ironia ímpar, “a singularidade da experiência produtiva”, as pesquisas e leituras que fez para elaborar o *Doutor Fausto* e o nome daqueles que influenciaram na criação dos personagens. Acima de tudo, ao transcrever trechos de seu diário e comentá-los, Thomas Mann faz de si personagem e de sua vida, romance dos mais magníficos.

ISBN 85-354-0087-7



9 788535 400878